COLEÇÃO TESES E DISSERTAÇÕES

FLORICE ALVES FERREIRA

EXPERIMENTAR ALEGRIA NAS ADVERSIDADES?

UMA HERMENÊUTICA BÍBLICO-TEOLÓGICA SOBRE A ALEGRIA À LUZ DA CARTA AOS FILIPENSES EM TEMPOS DE MUTAÇÃO TECNOLÓGICA

EDIÇÕES HUMANITAS

COLEÇÃO TESES E DISSERTAÇÕES

FLORICE ALVES FERREIRA

EXPERIMENTAR ALEGRIA NAS ADVERSIDADES?

UMA HERMENÊUTICA BÍBLICO-TEOLÓGICA SOBRE A ALEGRIA À LUZ DA CARTA AOS FILIPENSES EM TEMPOS DE MUTAÇÃO TECNOLÓGICA

RECIFE
2026

EDIÇÕES HUMANITAS

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO – UNICAP
Reitor - Prof. Dr. Carlos Fritzen, SJ
Vice-Reitor - Prof. Me. Antônio Tabosa Gomes, SJ
Pró-reitor Administrativo - Prof. Me. Aragon Alberto Bergonci
Pró-reitor acadêmico - Prof. Dr. Alexandre Soares Ramos
Gerente de Desenvolvimento da Graduação - Prof. Dr. Carlos Alberto Jahn, SJ
Gerente de Desenvolvimento de Pesquisa e Pós-graduação - Profa. Dra. Vanessa Alexandra de Melo Pedroso
Coordenador do IHU e Editor Chefe das Edições Humanitas - Isaias Gomes da Silva, SJ

Editores
Carlos Alberto Pinheiro Vieira
José Maria da Silva Filho
Isaias Gomes da Silva, SJ

CONSELHO EDITORIAL DA EDIÇÕES HUMANITAS
Membros Internos
Prof. Dr. Carlos Alberto Jahn, SJ.
Prof. Dr. Degislando Nóbrega de Lima
Prof. Dr. Delmar Araújo Cardoso, S.J.
Prof. Dr. Drance Elias da Silva
Profa. Dra. Flávia Tavares da Costa Ramos
Profa. Dra. Isabela Barbosa R. Barros
Prof. Dr. José Afonso Chaves
Prof. Dr. José Marcos G. de Luna
Profa. Dra. Maria do Rosário Silva
Profa. Dra. Rita Maria Gomes
Prof. Dr. Sérgio Sezino Douets Vasconcelos
Profa. Dra. Valdenice José Raimundo

Membros Externos
Prof Dr. Agemir Bavaresco – PUCRS (Brasil)
Prof. Dr. Carlos André Silva de Moura – Universidade de Pernambuco (Brasil)
Prof Dr. Daniel Leonard Everett – Bentley University (EUA)
Prof. Dr. Elton Vitoriano Ribeiro – FAJE (Brasil)
Prof. Dr. José Pinheiro Pertille – UFRGS (Brasil)
Prof. Dr. Erico Andrade Marques de Oliveira – UFPE (Brasil)
Prof. Dr. Betto Leite da Silva – UFPB (Brasil)
Profa. Dra. Maria Cecília Abdo Ferez – UBA (Argentina)
Prof. Dr. Miguel Angel Rossi – Instituto Gino Germani (Argentina)
Prof. Dr. Georg Sans – Hochschule für Philosohie (Alemanha)

Secretário Executivo:: José Maria da Silva Filho
Diagramação e capa: José Maria da Silva Filho

F383e Ferreira, Florice Alves.
Experimentar alegria nas adversidades? [recurso eletrônico] : uma hermenêutica bíblico-teológica sobre a alegria à luz da Carta aos Filipenses em tempos de mutação tecnológica / Florice Alves Ferreira. --
Recife : Edições Humanitas, 2026.
125 p. -- (Coleção teses e dissertações)

ISBN 978-65-84348-19-6 (E-Book)

1. Alegria - Aspectos religiosos - Cristianismo.
2. Bíblia. N. T. Filipenses. 3. Hermenêutica (Religião).
4. Teologia Pastoral. 5. Sociedade da informação. I. Título.

CDU 25
Luciana Vidal - CRB- 4/1338

Este livro foi submetido à avaliação do Conselho Editorial de Edições Humanitas.
Todos os direitos reservados.

É proibida a reprodução deste livro, ou de seus capítulos, para fins comerciais. A referência às ideias e trechos deste livro deverá ser necessariamente feita com atribuição de créditos aos autores e às Edições Humanitas.
Esta obra ou os seus artigos expressam o ponto de vista dos autores e não a posição oficial das Edições Humanitas da Universidade Católica de Pernambuco

“Foi grande a minha alegria no Senhor, porque, finalmente, vi florescer vosso interesse por mim; verdade é que estava sempre alerta; mas não tínheis oportunidade” (Fl 4,10).

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **7**

1 DIAGNÓSTICO DE UMA REALIDADE EM MUTAÇÃO **12**
1.1 DEFINIÇÃO E CARACTERÍSTICAS DA REALIDADE EM MUTAÇÃO 13
1.2 ANÁLISE DOS ASPECTOS SOCIAIS E TENDÊNCIAS TECNOLÓGICAS 17
1.3 DESAFIOS AMBIENTAIS 27
1.4 IMPACTOS DA CULTURA DIGITAL NA VIDA CONTEMPORÂNEA 36
1.5 SÍNTESE DO CAPÍTULO 43

2 A ALEGRIA NA CARTA AOS FILIPENSES **45**
2.1 PANORAMA DA CARTA AOS FILIPENSES 46
2.1.1 Contexto de Filipos **48**
2.1.2 Nascimento da igreja em Filipos **49**
2.1.3 Paulo e a igreja de Filipos **51**
2.1.4 Paulo, exemplo de alegria nas adversidades **55**
2.1.5 Análise estrutural da Carta **61**
2.2 O SENTIDO DA ALEGRIA NA CARTA AOS FILIPENSES 65
2.3 A ALEGRIA COMO FRUTO DO ESPÍRITO SANTO 74
2.4 SÍNTESE DO CAPÍTULO 77

3 HERMENÊUTICA TEOLÓGICO-PASTORAL DA ALEGRIA **79**
3.1 REFLEXÕES TEOLÓGICAS SOBRE A ALEGRIA 80
3.2 A URGÊNCIA DO TESTEMUNHO DA ALEGRIA DO EVANGELHO 86
3.2.1 O lugar da alegria nas celebrações cristãs **90**
3.2.2 A alegria pascal **95**
3.3 ESTRATÉGIAS PASTORAIS PARA ESTIMULAR A ALEGRIA NA CONVIVÊNCIA SOCIAL 98

3.3.1 Alegria como testemunho e linguagem pastoral 99
3.3.2 Desafios pastorais à vivência da alegria 104
3.3.3 Da perfeita alegria de Francisco de Assis a Francisco, o Papa da Alegria 108
3.4 SÍNTESE DO CAPÍTULO 116

CONSIDERAÇOES FINAIS 117

REFERÊNCIAS 120

INTRODUÇÃO

"Alegrai-vos sempre no Senhor! Repito: alegrai-vos!" (Fl 4,4). Dessa forma, o apóstolo Paulo se dirige à comunidade de Filipos, cidade da Macedônia, provavelmente no ano 54, após a morte e ressurreição de Jesus. Esse convite entusiasmado do Apóstolo atravessou séculos de um cristianismo missionário. Entretanto, nos tempos hodiernos, ainda é possível viver a perspectiva da alegria paulina em meio aos dissabores de um mundo perturbado por guerras, catástrofes naturais, mudanças climáticas e tantas desigualdades sociais? Essa é a pergunta-chave para se empreender o percurso desta investigação.

No contexto atual, grande parte da humanidade encontra-se submersa em uma sociedade que vive sob o regime do cansaço, o que molda profundamente a dinâmica das relações humanas. A vida encontra-se centrada no imediato, dando preferência às relações virtualizadas em detrimento da vida no mundo real.

Há possibilidade de experimentar alegria em um mundo permeado de adversidades? O modo como o ser humano se relaciona em sociedade pode constituir um princípio hermenêutico de interpretação da Sagrada Escritura? Este trabalho une uma abordagem sociológica com hermenêutica bíblica e teologia pastoral como um exercício concreto de transdisciplinaridade.

Neste estudo, tenciona-se confrontar a dura realidade que aflige a maioria das pessoas, capturando-lhes a alegria no tempo presente, com a realidade vivida por Paulo no contexto da Carta aos Filipenses. Partindo da descrição do cenário social, com o intuito de demonstrar um diagnóstico parcial e específico de uma realidade em constante mutação, recorre-se à contribuição do sociólogo polonês Zygmunt Bauman (1925–2017), que utilizou a metáfora da "modernidade líquida" para descrever a fase da sociedade atual, marcada pela fluidez nas relações, bem como pela instabilidade e efemeridade das organizações sociais.

Diante desse horizonte, esta pesquisa se orienta pelo seguinte problema central: como a experiência cristã da alegria, tal como testemunhada na Carta aos Filipenses, pode ser compreendida e hermeneuticamente atualizada em um contexto contemporâneo marcado por adversidades e por profundas mutações tecnológicas, que afetam as formas de subjetivação, de relação comunitária e de vivência da fé? A partir dessa questão principal, desdobram-se algumas perguntas secundárias, entre as quais se destacam: (a) de que modo a alegria se configura, em Filipenses, como categoria teológica vinculada à experiência do sofrimento, da comunhão e da esperança em Cristo; e (b) quais pistas hermenêuticas essa compreensão oferece para uma leitura teológico-pastoral da experiência cristã da alegria na contemporaneidade.

O objetivo geral desta dissertação é analisar a experiência cristã da alegria à luz da Carta aos Filipenses, em diálogo com os desafios da realidade contemporânea marcada por profundas adversidades e pela mutação tecnológica. Para alcançar esse objetivo, a pesquisa se desdobra nos seguintes objetivos específicos: (a) realizar um diagnóstico reflexivo da realidade contemporânea, considerando os impactos socioculturais, tecnológicos e existenciais que desafiam a vivência da alegria na atualidade; (b) analisar, a partir de uma abordagem semântico-teológica, a compreensão da alegria na Carta aos Filipenses, evidenciando sua configuração teológica no contexto do sofrimento, da comunhão e da esperança cristã; e (c) identificar pistas teológico-pastorais que, a partir da síntese entre o diagnóstico da realidade e a teologia paulina da alegria, possam iluminar a experiência cristã da alegria em contextos contemporâneos de adversidade.

Do ponto de vista metodológico, esta pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza bibliográfica, e desenvolve-se a partir da análise crítica de literatura especializada nas áreas da teologia bíblica, da hermenêutica e da teologia pastoral, em diálogo com contribuições das ciências humanas aplicadas à leitura da realidade contemporânea. Inicialmente, recorre-se a

autores que oferecem diagnósticos críticos do contexto sociocultural e tecnológico atual. Em seguida, utilizam-se comentários exegéticos e estudos teológicos sobre a Carta aos Filipenses, adotando-se uma abordagem semântico-teológica. Por fim, a pesquisa articula os dados do diagnóstico contemporâneo e da reflexão bíblica em perspectiva teológico-pastoral.

A pesquisa apoia-se também na análise da condição humana no século XXI proposta por Byung-Chul Han (1959–), que descreve o sujeito contemporâneo como um "sujeito do desempenho", inserido em uma sociedade orientada pela eficácia e pela produtividade. O homem contemporâneo encontra-se permanentemente ativo, a ponto de chegar à exaustão, mas não necessariamente experimenta alegria ou felicidade em suas conquistas. Com esse panorama, constrói-se o primeiro capítulo desta dissertação.

Tomando o conceito de "homem pós-orgânico", empregado por Paula Sibilia (2002) para referir-se às mutações profundas no corpo e na subjetividade humana ocorridas na sociedade pós-industrial — marcadas pela penetração crescente das tecnologias digitais, da biotecnologia e da teleinformática —, procura-se evidenciar uma nova visão de ser humano e, consequentemente, uma nova visão de mundo.

Esses recortes da vida social desafiam a capacidade humana de experimentar alegria diante do caos que se apresenta. Desse modo, como encontrar, na Carta de Paulo aos Filipenses, um ensinamento que ilumine essa realidade marcada por tensões e fragilidades, mas que reflete, de modo realista, uma determinada visão de mundo? Diante desse cenário, uma iluminação bíblica parece sugerir uma aposta fundamental: "Alegrai-vos sempre no Senhor! Repito: alegrai-vos!" (Fl 4,4).

O desafio presente nesta pesquisa consiste em encontrar, no *modus vivendi* da comunidade paulina, uma luz que permita refletir e aprofundar a alegria cristã como um paradoxo que se manifesta nas adversidades próprias da condição humana. Nesse sentido, o segundo capítulo é apresentado como uma antítese ao primeiro, ao identificar, na carta paulina, os elementos bí-

blicos que fundamentam a possibilidade de manter-se na alegria mesmo em meio às dificuldades.

Para compreender o lugar da experiência concreta da alegria, Pitta (2019, p. 12) destaca que ela não se manifesta "numa igreja abstrata", mas no interior de comunidades reais, formadas por homens e mulheres que enfrentam o desespero provocado por perdas, sofrimentos e adversidades. É nesse contexto que a dinâmica pascal da alegria adquire novo sentido. O ambiente vital da cidade de Filipos revelava traços religiosos, sociais e culturais que dialogam estreitamente com os desafios do mundo contemporâneo, o que sustenta a pertinência hermenêutica desta investigação.

Em Fl 4,10–14, Paulo exorta à alegria em meio às tribulações decorrentes da atividade missionária. O Apóstolo não se queixa, pois aprendeu a permanecer na alegria tanto em situações favoráveis quanto adversas, em tempos de abundância e de necessidade (Fl 4,12). O fundamento dessa atitude reside na força que recebe do Senhor (Fl 4,13), sem deixar de reconhecer, com gratidão, o apoio da comunidade que compartilha suas tribulações.

Sem a pretensão de realizar uma análise exegética exaustiva dos versículos relacionados ao vocábulo alegria, este estudo busca explorar a semântica da palavra tal como utilizada por Paulo no contexto da comunidade de Filipos. Embora o termo apareça de forma recorrente ao longo da carta, não se trata propriamente da elaboração sistemática de uma teologia da alegria, mas da expressão de uma ternura e mansidão que permeiam o discurso paulino. O vocábulo alegria e termos correlatos constituem, assim, um motivo estrutural e nuclear da epístola.

O terceiro e último capítulo esboça uma hermenêutica bíblico-teológica da alegria no ambiente pastoral, inspirando-se na abordagem paulina da alegria em contextos de adversidade. Para isso, dialoga-se com a Exortação Apostólica do Papa Paulo VI publicada em 1975, *Gaudete in Domino*, e com a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* do Papa Francisco, em 2013, textos que compartilham o mesmo fundamento cristológico: Cristo como fonte da

verdadeira alegria.

A estrutura do trabalho procura articular a alegria a partir da mimese paulina, que remete à mimese de Cristo, marcada pelo esvaziamento do Crucificado-Ressuscitado no horizonte pastoral. Por fim, apresentam-se pistas e estratégias para a experiência da alegria na convivência pastoral e social, como fruto de um compromisso vivido na ótica da fé.

Ressalta-se, por fim, que a preocupação central desta pesquisa não consiste em realizar uma exegese bíblica técnica da Carta aos Filipenses, mas em identificar elementos bíblicos que fundamentem a perspectiva da alegria paulina em diálogo com a realidade contemporânea.

1 DIAGNÓSTICO DE UMA REALIDADE EM MUTAÇÃO

A proposta desta dissertação é investigar o sentido teológico da alegria em meio às adversidades, considerando como referência a experiência paulina expressa na Carta aos Filipenses. O texto da Carta ilumina o diagnóstico e o diagnóstico questiona o texto, em vista disso, essa reflexão quer dialogar com a realidade atual, a fim de descobrir luzes para o problema teológico da alegria nas adversidades.

As transformações aceleradas das últimas décadas, impulsionadas pela tecnociência, pela cultura digital e pela fragilidade das instituições, plasmam novas formas de percepção da vida, de relacionamentos e de enfrentamento do sofrimento. Esse cenário produz tensões específicas que afetam profundamente a subjetividade contemporânea. Dessa forma, faz-se necessário compreender o solo histórico, social e cultural que caracteriza nosso tempo, antes de fazer a abordagem do testemunho bíblico. Este capítulo, portanto, oferece um diagnóstico dessa realidade em mutação, preparando o terreno para um encontro frutífero entre a mensagem de Paulo e os desafios do mundo hodierno.

No intuito de apresentar um diagnóstico a respeito dos principais eventos que definem a realidade contemporânea como um mundo em "mutação", este estudo visa construir uma visão panorâmica do cenário social que se desdobra em elementos estruturantes de uma sociedade baseada no desempenho tecnológico.

Este capítulo estrutura-se como uma revisão bibliográfica crítica e sintética direcionada à elaboração de um diagnóstico sociocultural que servirá como contexto para o exercício hermenêutico da Carta aos Filipenses. Tomou-se como base, a análise temática e comparativa de obras de críticas sociológicas sobre a condição contemporânea, particularmente nas propostas teóricas de Zygmunt Bauman, Paula Sibilia e Byung-Chul Han, com os quais destaca-se a pertinência analítica referente aos eixos aqui trabalhados, qual

seja, transitoriedade e liquidez das relações e estruturas sociais; a subjetividade em vias de transformação na era digital; impactos ambientais em decorrência do avanço tecnológico; e a sociedade do desempenho e do esgotamento.

O diagnóstico apresentado é deliberadamente sintético, fundamentado por literatura secundária contemporânea (não incluindo um estudo empírico de campo nem coleta exaustiva de correntes sociológicas alternativas ao tema) e orientado para fins de aplicabilidade do texto da Carta aos Filipenses.

Neste capítulo pretende-se esboçar um diagnóstico parcial da "realidade em mutação" que caracteriza a contemporaneidade, utilizando aportes teóricos que iluminam quatro dimensões específicas: a mobilidade e mudança instantânea das estruturas sociais(Bauman), as transformações do corpos digitais e subjetividade na era digital e a emergência de novos corpos e identidade (Sibilia), os desafios ambientais ocasionados pelo avanço tecnológico e econômico, e a lógica da cultura do desempenho, o excesso de positividade, o cansaço produtivo e a exaustão emocional (Byung-Chul Han).

1.1 DEFINIÇÃO E CARACTERÍSTICAS DA REALIDADE EM MUTAÇÃO

Para construir a moldura da sociedade contemporânea, recorre-se à análise sociológica de Zygmunt Bauman (2001), que traça o perfil de uma sociedade em profunda transformação: nas relações consigo mesmo, nas relações com o trabalho (nas dimensões do tempo e do espaço) e nas relações com a comunidade, em que tudo o que era duradouro torna-se transitório.

Segundo Bauman (2001) a sociedade habita em dois mundos: o mundo do hardware e o mundo do software. Na era do hardware ou modernidade pesada, identifica-se a modernidade obcecada pelo volume, uma modernidade do tipo "quanto maior, melhor", "tamanho é poder, volume é sucesso." A modernidade pesada foi a era da conquista territorial (Bauman, 2001, p. 144-145). Desse modo, Na era do hardware, o tempo era o meio que

precisa ser administrado prudentemente para que o retorno do valor, que era o espaço, pudesse ser maximizado; na era do software, da modernidade leve, a eficácia do tempo como meio de alcançar valor tende a aproximar-se do infinito, com o efeito paradoxal de nivelar por cima [...] o valor de todas as unidades no campo dos objetivos potenciais. O ponto de interrogação moveu-se do lado dos meios para o lado dos fins (Bauman, 2001, p. 149-150).

Nessa conjuntura social há um modo de funcionamento do indivíduo em relação a dimensão espaço-temporal: o que o indivíduo deve produzir, como deve se relacionar, e o que é exigido enquanto categorias sociais inseridas no tempo e no espaço. Da produtividade acelerada, demarcada, chega-se à instantaneidade, como outra forma de movimento no tempo e no espaço. O tempo aqui já não precisa ser tão rápido, é um tempo mais curto. "O tempo não é mais o "desvio da busca", e assim não mais confere valor ao espaço. A quase instantaneidade do tempo do software anuncia a desvalorização do espaço" (Bauman, 2001, p. 149).

À luz dessa reflexão de Bauman, percebe-se uma mudança significativa na maneira como as pessoas se posicionam no mundo. O agir humano passa a ser moldado pela lógica da instantaneidade. Aquilo que era duradouro passou a ser volátil. As decisões e iniciativas são tomadas quase de imediato, acompanhando o ritmo acelerado que desvaloriza as distâncias e redefine a experiência do espaço.

Na análise de Bauman, a modernidade "sólida" foi uma era de engajamento mútuo. A modernidade "fluida" é a época do desinteresse ao engajamento mais sólido. Nota-se que a visão de ser humano muda nessa concepção de mundo e a cultura da transitoriedade vai moldando as relações sociais. Esse é o preço a pagar por aqueles que buscam seus objetivos de modo individual. Fluidez nas relações, na construção de identidades e instituições são as marcas da modernidade liquida, segundo o conceito baumaniano. O autor de "modernidade líquida" utiliza a metáfora da liquidez para fazer um contraponto com os tempos de certeza, que seriam identificados pelos estados sólidos.

Nesta configuração de sociedade como modernidade ou mundo líquido, há sempre movimentação. Quase nada mais é estático e seguro como antes. As pessoas se deslocam com mais facilidade se possuem condições para isso. Tudo parece passageiro, fluido, transitório. Com esse novo descortinar da realidade, abre-se um novo paradigma de mundo. Concebe-se a sociedade em termos fluidos, de processos e não mais em termos de blocos e departamentos. As verdades que foram até então definidas como imutáveis são a partir de agora questionadas.

A partir de tal análise social, deve-se compreender que a transitoriedade e a fluidez transformaram o *modus vivendi* do indivíduo. Dessa forma:

> a nova instantaneidade do tempo muda radicalmente a modalidade do convívio humano - e mais conspicuamente o modo como os humanos cuidam [...] de seus afazeres coletivos, ou antes o modo como transformam [...] certas questões em questões coletivas" (Bauman, 2001, p. 160).

Dentro desse edifício social de "leveza", os indivíduos tendem a considerar que a atitude mais racional possível, é não se comprometer com as coisas, deixar que os acontecimentos se desenrolem de forma leve e fluida, tirando o peso da responsabilidade. Essa volatilidade tem um forte impacto na vida das pessoas, acarretando uma sensação de fracasso por tanta fragmentação.

Percebe-se que a vida econômica, a família, a cultura e a política modificam seus paradigmas de ação diante de tal "liquefação" social. Os quadros de domínio da vida são visceralmente afetados na sociedade líquida. Para onde ir, quando o mundo já não oferece a segurança, a estabilidade e a certeza de uma vida tranquila como resultado do bem-estar social?

Com base nessa situação, Bauman salienta que, em um contexto em que o futuro é percebido como incerto e carregado de ameaças, torna-se cada vez menos convincente propor metas de longo prazo ou esperar que as pessoas sacrifiquem aquilo que possuem no presente em nome de uma promessa distante de segurança ou felicidade. Nesse cenário marcado por

instabilidade e risco, dedicar-se ao bem comum ou apostar em projetos coletivos, deixa de parecer um caminho plausível para grande parte da população (Bauman, 2001, p. 204).

Visto por essa ótica o mundo moderno foi cedendo lugar à insegurança, à instabilidade entre as instituições de poder. As mudanças ocorridas nos idos anos 60 e 70 começaram a enfraquecer as instituições que forneciam as chaves para o indivíduo construir sua identidade, a saber: a família, a escola e a igreja. As pessoas construíram sua identidade a partir desses referenciais sociais. A concorrência mercadológica e o aumento da competitividade geram, no indivíduo, incerteza e insegurança quanto ao futuro.

Em suma, na modernidade sólida, a sociedade investe em produtos para consumir em prol da sobrevivência. As instituições são firmes e inabaláveis. Tudo é produzido com uma durabilidade longa. Contrário a esse contexto, vem a modernidade líquida, onde os indivíduos são consumidores ávidos a fim de possuírem aceitabilidade social. As intitulações são mais fluidas, há mais flexibilidade trabalhista e aquilo que foi programado para hoje, torna-se obsoleto para amanhã.

Diante dessa conjuntura social, como as pessoas se adequam a esse estilo de vida? As pessoas desse mundo conseguem produzir os hormônios da alegria? Essas indagações despertam os sentidos para outra janela social. O mundo da técnica, da individualização, das tecnologias digitais.

A análise de Bauman oferece a imagem de uma modernidade marcada pela liquidez das relações, pela fragilidade dos vínculos, pela efemeridade das instituições e instabilidade identitária. Tal painel social enfatiza a volatilidade dos vínculos sociais que atingem as estruturas comunitárias produzindo insegurança e incerteza. Em contraste com os vínculos líquidos e efêmeros da sociedade hodierna, a proposta paulina de uma comunidade alicerçada na alegria, no encorajamento mútuo e na perseverança, revela quão contracultural é o apelo à alegria. Em moldes hermenêuticos, a releitura de Filipenses na contemporaneidade deve considerar as comunidades que experimentam perda do sentido de pertença à coletividade.

1.2 ANÁLISE DOS ASPECTOS SOCIAIS E TENDÊNCIAS TECNOLÓGICAS

As gerações do século XXI, nascidas há 20 anos atrás, são intensamente influenciadas pelas novas tecnologias. A chamada geração digital, os nascidos entre 2010 até os dias de hoje aprenderam um novo modo de se relacionar, de se comunicar e interagir socialmente. É a geração do *smartphone*. O que se compreende como uma relação afetiva, presencial, na qual se pode sentir o calor do outro, o ver "face a face", em tempos hodiernos, já não tem mais tanta importância.

Com a pandemia da Covid-19 as relações virtuais foram se intensificando cada vez mais. Os grupos por afinidade foram se isolando massivamente em "bolhas" virtuais, em bolhas ideológicas. Nesta configuração de sociedade identifica-se dois mundos que lutam entre si. O mundo real e o mundo virtual. Há que se conhecer a diferença entre ambos.

Seguindo as reflexões de Paula Sibilia, mestra em Comunicação, Imagem e Informação da Universidade Federal Fluminense (UFF), uma nova perspectiva de sociedade surge. Com o advento das tecnologias digitais, "a informática, as telecomunicações e as biotecnologias representam três áreas fundamentais da tecnociência contemporânea" (Sibilia, 2002, p. 11).

No mundo mediatizado pela tecnologia digital, as relações entre as pessoas sofrem mutações profundas. Há um novo paradigma social a ser entendido e decifrado. O *homo sapiens* tornou-se o *homo technologicus.* O ser humano sofre uma profunda influência de sua relação direta com a tecnologia. Acompanhar todas as mudanças tecnológicas ocorridas ao longo deste século requer uma capacidade titânica de superação da dimensão humana. Em seu estudo sobre o "Homem pós-orgânico", Paula Sibilia constata que:

> Se a história mostra que homem e tecnologia sempre estiveram imbricados, na atual "sociedade da informação" essa junção parece estar se aprofundando e se tornando, portanto, mais crucial e problemática. Certas áreas da tecnociência contemporânea constituem peças-chaves dessa transição, tais como a teleinformática e a biologia

> molecular [...] Trata-se de um novo tipo de saber-poder que já está criando mundos, sacudindo ideias e valores muito caros à tradição ocidental (2002, p. 13).

A presença das tecnologias no cotidiano das pessoas traz uma série de benefícios, como maior facilidade na comunicação e no acesso à informação, porém leva a impactos na saúde que já se tornam perceptíveis e periclitantes. Em parte da literatura crítica, o uso excessivo das redes sociais provoca distúrbios mentais, como ansiedade, a síndrome do pensamento acelerado, entre outras doenças neurológicas causadas pelo contato direto com as telas. Dificuldades para dormir, problemas na visão, dentre outros males, têm crescido muito nos últimos anos como reflexo do uso excessivo de recursos digitais.

Considerando a evolução do ser humano, essa adesão massiva aos dispositivos e *softwares* é bastante recente, e os impactos a longo prazo para as próximas gerações que habitarão o planeta ainda são desconhecidos. Porém, já se percebe uma geração problemática em decorrência do uso abusivo das tecnologias.

Sob a égide da sociedade digital muitas pessoas dão prioridade aos encontros virtuais, palestras, formações, *workshops* e outros, e se acostumam tanto ao mundo virtual que negligenciam as relações presenciais. Sobre essa inclinação de passar do natural para o artificial, é possível citar várias repercussões dessa tendência no cotidiano e no imaginário contemporâneo.

No aspecto das relações interpessoais, houve um empobrecimento de contato, de toque, de olho no olho, de sentir a presença física em tempo real, no mesmo espaço de coexistência. Segundo Sibilia (2001, p. 64), “pelas tendências virtualizantes e digitalizantes da teleinformática as pessoas que se relacionam por meio da Internet, [...] prescindindo do encontro físico dos corpos para criarem laços afetivos”, tornam-se pessoas estranhas no meio da multidão. Desenvolvem fobias à presença de mais pessoas perto de si. Isto tornou-se um hábito bastante comum na era da sociedade digital.

Ao se acostumarem com o mundo virtual de tal forma, muitas pessoas têm uma reação de estranhamento com a proximidade do outro. A magnitude do avanço científico criou expectativas de vida para o melhor e ao mesmo tempo para o pior da espécie humana. Em meio a tudo isso paira um vazio existencial.

Muitas pessoas recorrem a uma tela para intermediar seus relacionamentos. Isso gera um distanciamento progressivo, produzindo um fosso abissal na relação entre as pessoas. A falta do contato físico, o calor humano que gera uma relação afetiva, uma relação mais humana começa a fazer parte de um passado longínquo. De um lado, considera-se esse aspecto como um ponto de fragilidade para as relações humanas; porém, de outro lado, nota-se que tal característica do cenário em mutação transforma o modo de pensar, de viver e sentir de grande parte da sociedade contemporânea.

As tecnologias da virtualidade são aclamadas por possibilitar e projetar as condições de possibilidade do ser humano em direção ao avanço científico. Surge um novo imperativo ao ser humano da era digital: o imperativo da conectividade. A demanda por conexão exige ultrapassar as barreiras espaço-temporais e são estimuladas por ofertas gigantescas de novos dispositivos e serviços produzidos pela teleinformática.

Sibilia destaca que as tecnologias de comunicação digital possibilitam uma superação inédita das barreiras físicas, permitindo que pessoas interajam e participem de atividades sem estarem fisicamente presentes. Surge, assim, uma forma peculiar de estar-no-mundo, marcada pela possibilidade de 'estar presente' à distância por meio de recursos tecnológicos — aquilo que hoje chamamos de presença virtual ou telepresença (Sibilia, 2001, p. 56).

Em decorrências das mudanças de deslocamentos dos corpos, com a amarga experiência da pandemia em 2020-2023, os serviços na área da saúde tomaram o formato virtual com o surgimento da telemedicina. Na área da educação também houve alterações no *modus operandi*, através das aulas remotas e presenciais surge o sistema híbrido de educação, tornando-se uma

prática nas instituições de educação vigente. Sobre essa mutação da realidade espaço-temporal, informa Sibilia:

> Nesses cenários, a virtualização do espaço se conjuga, também, com um desdobramento da dimensão temporal: para especificar a simultaneidade de duas presenças que prescindem da materialidade da dimensão espacial se fez necessário acrescentar o adjetivo "real" ao substantivo "tempo". O Tempo real passou a nomear, assim, a versão digitalizada do "aqui e agora" da tradição analógica [...] as redes globais de telecomunicações e suas diversas aparelhagens de conexão oferecem acesso às novíssimas "experiências virtuais", dispensando a organicidade do corpo, a materialidade do espaço e a linearidade do tempo (2001, p. 58).

Com a mudança no cenário social, o ser humano, a natureza, a vida e a morte atravessam transformações e experimentam mutações no campo conceitual. O paradigma digital influencia na formação de uma nova humanidade? As tecnologias digitais se impõem em todas as dimensões da existência humana. O *homo faber*, o mesmo *homo demens,* tornou-se o *homo digitalis.* Entretanto, essas categorias atribuídas ao homem em suas múltiplas dimensões não substituirão o *homo sapiens*

No mundo contemporâneo, marcado pela hegemonia da cultura digital, as formas de convivência e de interação interpessoal sofreram uma reconfiguração profunda. As barreiras geográficas deixaram de exercer o peso que tradicionalmente impunham às relações humanas e às atividades profissionais. A virtualidade passou a mediar grande parte dos encontros, oferecendo alternativas que dispensam o deslocamento físico, proporcionando uma participação ampliada nas mais diversas esferas da vida social.

Múltiplas informações das diferentes áreas do saber científico (e não científico) são veiculadas nas redes sociais, levando muitas pessoas ao cansaço extremo, até chegar num certo grau de ansiedade e, estudos comprovam essa tese - o chamado *Fear of missing out*, expressão inglesa que significa o "medo de perder algo", nome dado à síndrome que tem a ansiedade como um dos principais sintomas. A *Fear of missing out* pode ser definida como o

medo de não dar conta de acompanhar todas as atualizações e eventos, cursos e formações publicadas nas mídias sociais, forçando a pessoa a manter-se conectada dia e noite nas redes sociais.

Com essas mutações no campo da tecnologia da informação, o ser humano carece de adaptações constantes no corpo e na mente, para acompanhar os passos galopantes destas mudanças paradigmáticas que envolvem a sua estrutura orgânica colocando em xeque sua validade,

> pois no mundo volátil do software, da inteligência artificial e das comunicações via Internet, a carne parece incomodar. A materialidade do corpo é um entrave a ser superado para se poder mergulhar no ciberespaço e vivenciar o catálogo completo de suas potencialidades (Sibilia, 2001, p. 84).

As tendências tecnológicas ampliam continuamente sua presença na vida cotidiana e remodelam, de maneira profunda, o modo como o indivíduo se percebe e se relaciona consigo mesmo. Diante desse ritmo acelerado de inovações técnico-científicas, surge a necessidade de perguntar como a própria corporeidade humana se configura nesse novo cenário. Ainda somos os mesmos? Em que medida a tecnociência redefine nossa experiência de ser, afetando identidades, vínculos e modos de subjetivação? E, sobretudo, até que ponto esse processo produz fissuras que ameaçam a compreensão tradicional da condição humano-existencial?

Sob a discussão de uma suposta superação da condição humana pela materialidade dos recursos digitais, a autora cita Martins: “ultrapassar os parâmetros básicos da condição humana - a sua finitude, contingência, mortalidade, corporalidade, animalidade, limitação existencial - aparece como um móbil e até como uma das legitimações da tecnociência” (Martins, *apud* Sibilia, 2002, p. 87).

Compreendendo a percepção de uma tendenciosa supremacia das criações/invenções da tecnociência, a autora de “O homem pós-orgânico”, observa que, tanto no discurso quanto nas aplicações das biotecnologias e

das tecnologias da informação, torna-se evidente o desejo de ultrapassar os limites inerentes ao corpo humano. Esses projetos buscam superar fragilidades orgânicas e restrições impostas pelo espaço e pelo tempo, apostando numa forma de existência que vá além das condições naturais da vida biológica. Em outras palavras, trata-se de um movimento que aspira a transcender a própria humanidade tal como a conhecemos (Sibilia, 2002, p. 87).

Diante desse contexto das inovações digitais, para onde caminha a humanidade? Quais as consequências dessa virada tecnológica para o futuro do ser humano, o homo *sapiens-demens*? É possível uma humanização das tecnologias ou um ser humano transformado em ciborgue?

Uma reflexão artística em torno dessas questões, desperta curiosidade da comunidade científica de ontem e de hoje, tal como ocorre diante das performances de Stelarc (pseudônimo de Stelios Arcadiou), artista australiano, cujas obras concentram-se fortemente no futurismo e na extensão das capacidades do corpo humano. Assim o artista performático afirma:

> É hora de se perguntar se um corpo bípede, que respira, com visão binocular e um cérebro de 1.400 cm^3 é uma forma biológica adequada. Ele não pode dar conta da quantidade, complexidade e qualidade de informações que acumulou; é intimado pela precisão, pela velocidade e pelo poder da tecnologia e está biologicamente mal equipado para se defrontar com o seu novo ambiente. O corpo é uma estrutura nem muito eficiente, nem muito durável. Com frequência funciona mal [...]. Agora é o momento de reprojetar os humanos e torná-los mais compatíveis com suas máquinas (Stelarc, ***apud*** Sibilia, 2015, p. 13).

Parece que o desenvolvimento científico deixou ou está deixando a humanidade paranoica. Nas últimas décadas do ano 2000 a relação entre humanos tem se tornado cada vez uma relação “normótica”. Com a superação da pandemia, restou os escombros de uma humanidade “adoecida” pelo excesso de si mesmo em todas as dimensões da existência. Há uma constante metamorfose no processo de evolução da mente humana.

Construir um homem pós-orgânico é possível? Esse é um projeto de “mentalidade fáustica” - tendência à superação da viscosidade do corpo hu-

mano, ou seja, à superação da condição humana. O mundo contemporâneo carrega consigo essa mentalidade.

Sibilia observa que, no imaginário tecnocientífico contemporâneo, predomina uma espécie de "impulso fáustico" que impulsiona o ser humano a superar tudo aquilo que é percebido como fragilidade ou limite do corpo biológico. Esse ideal se manifesta nas tentativas de intervir diretamente nos códigos genéticos, de reprogramar processos celulares e até de produzir formas de vida em ambientes laboratoriais, numa busca contínua por ultrapassar a própria materialidade que caracteriza nossa condição orgânica (Sibilia, 2001, p. 69).

Segundo a autora supracitada, a humanidade atravessa o umbral de uma metamorfose: a passagem de um mundo em que a máquina era princípio de ordem, potência e regularidade, para outro em que os seres humanos são arrastados a se integrar nas engrenagens de um capitalismo mundial, travando a luta entre obsolescência e atualização imposta pelas forças vulcânicas de um novo modelo de ser humano. Nesta perspectiva, se compreende que:

> A noção de obsolescência dos mecanismos biológicos e a sua consequente ultrapassagem pelos processos tecnocientíficos atinge, também, outros conceitos fundamentais da tradição ocidental, como os de natureza, vida e morte. Nesse contexto de mutações flagrantes, tanto na esfera humana quanto na cosmológica, novas propostas emergem como vetores do biopoder orientados pelas velozes oscilações do mercado – como, por exemplo, a gestão de si e a pós-evolução (Sibilia, 2002, p. 204).

O *habitat* humano tornou-se um emaranhado de fios invisíveis de conexões que ultrapassam os limites da corporeidade orgânica. Criou-se uma tensão entre os impulsos inovadores em prol da criatura humana e a relevância desses impulsos para o futuro da própria criatura enquanto sua receptora. Dessa forma, um tipo característico da subjetividade contemporânea vai surgindo na configuração de sociedade: um ser humano exausto, cansado de sua própria intransigência e gestão de si mesmo.

Em sua obra "Sociedade do cansaço" (2015), o filósofo coreano, Byung-Chul Han analisa o perfil de ser humano na sociedade contemporânea. Para o filósofo, vivemos numa sociedade do cansaço, enquanto sociedade ativa que vai se desdobrando em uma sociedade do *doping.* Essa expressão significa a utilização de certa substância química que altera o funcionamento cerebral, que aumenta o nível de produção cognitiva proporcionando um alto índice de desempenho. Entretanto, há controvérsia sobre o uso legal dessas substâncias. Assim diz Han:

> Se o doping fosse permitido também no esporte, decairia para uma concorrência farmacêutica. Só a proibição, porém, não impede aquele desenvolvimento pelo qual não só o corpo, mas também o homem como um todo se transforma numa máquina de desempenho, que pode funcionar livre de perturbações e maximizar seu desempenho. O doping não passa de uma consequência dessa evolução na qual a própria vitalidade, que é constituída por um fenômeno bastante complexo, é reduzida a uma função vital e um desempenho vital (2015, p. 70).

As características de uma sociedade extremamente consumista e tecnológica evoca um excesso de positividade, como analisa Han: "A sociedade do século XXI não é mais a sociedade disciplinar, mas uma sociedade de desempenho. Também seus habitantes não se chamam mais "sujeitos da obediência", mas sujeitos de desempenho e produção" (2015, p. 23). Essas pessoas são donas de si mesmas, trabalham para si mesmas e exercem um poder sobre si mesmas, cobrando de si o desempenho que cobrariam de outrem, como na sociedade do controle e da disciplina.

Na azáfama de múltiplas atividades, o homem perde a capacidade de contemplação, de aprofundamento das vivências por se deixar arrastar pelo caráter de positividade da sociedade do desempenho. A luta contra o tempo torna-se uma batalha entre gigantes no espaço, causando um estresse e descontroles neuronais.

No momento presente, o excesso de positividade gera as doenças emocionais e psicossomáticas, ocasionadas pela violência neuronal imposta

pelo desejo inconsciente de querer produzir e consumir sempre mais. Doenças como depressão, a Síndrome do B*urnout,* o Transtorno de Défice de Atenção (TDA) e outros transtornos estão relacionados ao modo como o homem se violenta para conseguir responder aos apelos de uma sociedade do consumo e do desempenho.

Han observa que muitos dos sofrimentos psíquicos característicos da atualidade não decorrem de experiências de repressão ou de proibições externas, mas do movimento oposto: de uma lógica de excessos, em que tudo parece possível e onde se perde a capacidade de impor limites a si mesmo. Nessa dinâmica marcada pelo imperativo de sempre poder e sempre performar, a depressão surge não como resposta a uma falta, mas como consequência do esgotamento gerado por esse poder sem freios (Han, 2017, p. 88).

Han fala em infartos psíquicos, causados pela violência sistêmica inerente à sociedade de desempenho. Conforme sua análise, "o que causa a depressão do esgotamento não é o imperativo de obedecer apenas a si mesmo, mas a pressão de desempenho. A Síndrome de *Burnout* não expressa o si-mesmo esgotado, mas antes a alma consumida" (Han, 2017, p. 27).

O constante exercício laboral nessa lógica, transforma o sujeito de desempenho em senhor e escravo de si mesmo. O resultado desse excesso de desempenho leva o sujeito a um infarto da própria alma, um infarto de si mesmo, por não dar conta de "ser ele mesmo" na corrida para produzir outras subjetividades. Segundo Han (2017, p. 71), "o cansaço da sociedade do desempenho é um cansaço solitário, que atua individualizando e isolando" o sujeito dos círculos sociais.

Diante desse cenário de exaustão humana, indaga-se onde está o *locus* de decisão da sociedade submersa em redes de conexão? As subjetividades criadas nesse *modus operandi* estão à beira do esgotamento.

O avanço dos recursos tecnológicos, por um lado, facilita a comunicação diminuindo as distâncias, por outro lado, no entanto, provoca distúrbios

das mais variadas espécies e espectros, frutos de uma sociedade da excitação. Esta sinaliza o foco nos nervos. Todos vivem situações-limite, com os nervos à "flor da pele". Deste modo, as técnicas de comunicação estão destruindo cada vez mais a relação entre seres humanos. Ora, o homem é um ser em relação com os demais pares de sua gênese.

Com esse modo de funcionamento, cuja relação afetiva é trocada pela "relação virtual", cria-se um ambiente voltado para o estresse, a depressão, a anorexia, a síndrome do pânico, o *Bournout*, os comportamentos compulsivos e obsessivos e tantos outros distúrbios típicos da contemporaneidade. A vida humana tornou-se uma fragmentação do real. É valido afirmar, conforme Sibilia que:

> as tecnologias de produção das almas e corpos, em todos os tempos, costumam conspirar contra as potências da vida; elas obedecem aos interesses de uma determinada formação histórica, embora em luta constante com outras forças que também batalham tentando se impor. A vida opõe resistência aos dispositivos desvitalizantes, ela é sempre capaz de criar forças (2002, p. 108).

Pergunta-se o que será do ser humano em meio a tantos artefatos da tecnociência na complexa sociedade contemporânea. Qual é o ponto de mutação dessa grande "depressão" que a humanidade enfrenta numa velocidade entorpecente. O que dizem as ciências humanas sobre as consequências desses avanços para a engenharia humana? O *homo sapiens-demens* ainda vai saber amar? Como diz o especialista em inteligência artificial Raymond Kurzweil: "amar é o mais difícil que fazem os seres humanos, e também é o mais difícil de ser imitado" (Kurzweil *apud* Sibilia, 2002, p. 105).

Não se pretende, neste exíguo espaço, desenvolver uma análise exaustiva das múltiplas transformações sociais ocorridas desde o início do século XXI. Entretanto, é imprescindível reconhecer o modo como as pessoas hoje se veem imersas nessa dinâmica acelerada, marcada pelo capitalismo digital, que redefine ritmos, relações e expectativas. Tal cenário, ao mesmo tempo que reorganiza a vida cotidiana, também projeta consequências mais amplas

que ultrapassam o campo estritamente humano e alcançam outras dimensões da existência.

Se, por um lado, a tecnociência redefine a subjetividade humana e reorganiza a vida social, por outro, seus desdobramentos atingem também a relação do ser humano com o próprio planeta. A mesma lógica de aceleração, produtividade e consumo que molda a cultura digital repercute diretamente sobre os ecossistemas, impondo pressões inéditas à natureza. Assim, a mutação tecnológica não pode ser compreendida isoladamente: ela se entrelaça com a crise ambiental que se agrava a cada década e que revela, de forma dramática, os limites desse modelo civilizatório. É nesse horizonte que se impõe a necessidade de considerar os desafios ambientais como parte essencial do diagnóstico de nossa realidade em transformação.

1.3 DESAFIOS AMBIENTAIS

A aceleração de grande parte da sociedade contemporânea, marcada pelo domínio da tecnociência e pela crescente desestabilização das formas tradicionais de convivência, também repercute na relação do ser humano com o planeta. As dinâmicas produtivas e os modos de consumo que sustentam esse modelo acabam ampliando pressões sobre os ecossistemas, revelando fragilidades que antes permaneciam veladas. Diante desse cenário, torna-se inevitável considerar os desafios ambientais que atravessam o século XXI, não apenas como crises ecológicas, mas como expressões profundas do modo de vida que construímos coletivamente.

A preocupação com a questão ambiental surge a partir dos sinais emitidos pelos gases do efeito estufa, a poluição provocada pelos combustíveis fósseis, e as consequências para o equilíbrio da natureza. São vários fatores que contribuem para o desequilíbrio ambiental e o que atualmente se denomina como a pior crise climática dos últimos tempos. Os ambientalistas e ativistas promovem campanhas de conscientização no mundo todo para

chamar a atenção dos países poluentes para uma tomada de decisão em prol do cuidado com o planeta.

Em artigo publicado em 2020, o engenheiro florestal da Universidade Federal de Viçosa, Tiago José Freitas de Oliveira, faz referência aos desafios globais para o cuidado com o planeta no século XXI. Tais desafios foram delineados em vários congressos e conferências sobre a questão climática no Brasil e no mundo.

A crise climática ganhou repercussão internacional e passou a ocupar um lugar central no debate internacional a partir de 1972, quando a Conferência das Nações Unidas em Estocolmo reuniu governos e organizações da sociedade civil para discutir, pela primeira vez em escala global, os impactos das atividades humanas sobre o planeta. A partir desse encontro, consolidou-se uma agenda comum que colocou as mudanças climáticas e suas consequências para a vida humana no centro das preocupações políticas e científicas, inaugurando um movimento mundial de reflexão e responsabilidade compartilhada (Oliveira, 2020).

Há mais ou menos meio século, estudiosos do clima, ecologistas, ambientalistas e organizações não governamentais que lutam pela preservação da natureza, fazem alerta quanto à situação ecológica. Desde a primeira conferência da Organização das Nações Unidas (ONU), ocorrida em Estocolmo, Suécia, em 1997, o planeta vem sofrendo com a destruição das matas ciliares, com os assoreamentos dos rios, o desmatamento das florestas nativas, as queimadas, desertificação dos solos etc.

Ações destrutivas e criminosas realizadas pelo homem que têm sérias consequências na vida da própria espécie *homo sapiens,* assim como na extinção de muitas espécies da fauna e flora de cada país produzindo um mundo inabitável para as próximas gerações. Em decorrência deste trágico cenário ambiental, em 2009 realizou-se a Conferência das Partes (COP15) em Copenhague que:

> consolidou o cenário de mudanças em favor do meio ambiente. Durante o evento, diferentes países apresentaram propostas para redu-

> zir as emissões de gases responsáveis pelo efeito estufa. Para evoluir nas discussões sobre o tema, foram realizadas a RIO+20, em 2012, na cidade do Rio de Janeiro e, a COP 21, em Paris no ano de 2015 (Oliveira, 2020).

Com esses eventos, os dirigentes das nações começam a compreender que a situação climática cada vez mais vai se agravando, configurando-se numa questão socioeconômica e política entre os países.

O avanço das discussões ambientais no cenário internacional, tornou evidente que os desafios do planeta não poderiam ser tratados isoladamente. A Organização das Nações Unidas ampliou então o horizonte do debate, propondo uma agenda global voltada também para questões sociais urgentes que afetam diferentes países. Dessa iniciativa surgiram os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio, um conjunto de metas que buscava enfrentar problemas estruturais como a fome, a pobreza, as desigualdades de gênero, a educação insuficiente e diversas vulnerabilidades na área da saúde, ao mesmo tempo em que reafirmava o compromisso com a proteção ambiental e com um modelo de desenvolvimento mais sustentável (Oliveira, 2020).

Em decorrência das mudanças climáticas e seus efeitos sobre a humanidade, as nações do mundo precisam unir forças econômicas e políticas a curto prazo para resolver ou sanar a problemática ambiental até 2030. Fala-se em desenvolvimento sustentável e sustentabilidade do planeta para que as gerações futuras possam habitar num ambiente vivo, limpo e saudável.

Torna-se urgente conciliar o crescimento econômico com a preservação ambiental. O relatório “Nosso Futuro Comum” (Relatório Brundtland) propôs o conceito do desenvolvimento sustentável. Segundo o relatório, “desenvolvimento sustentável é aquele que atende às necessidades das gerações presentes sem comprometer a possibilidade das gerações futuras de atenderem às suas próprias necessidades” (Oliveira, 2020).

Para vencer os desafios globais e aplicar as metas de superação às realidades onde se apresentam, foi necessário reestruturá-los e, abraçando o conceito de sustentabilidade, criou-se os “17 Objetivos de Desenvolvimento

Sustentável" (ODS) com metas para serem cumpridas até 2030. Muitos esforços têm sido feitos pelos ambientalistas, ativistas e pessoas de boa vontade na luta pela preservação do planeta azul. No entanto, a crise ambiental e climática só tem se agravado nos últimos dez anos da era do capitalismo digital, com brutal tendência a transformar o homem pensante em escravo de si mesmo e do habitat onde vive.

Segundo a ativista e ambientalista Fe Cortez, autora do livro "*Homo integralis*: uma nova história possível para a humanidade":

> As mudanças estruturais no modo de viver e se relacionar no mundo foram tão grandes que é quase como se estivesse havido uma transformação no DNA dos humanoides, e de uma hora para outra mudamos a nossa forma de ver o mundo e principalmente a nossa função e forma de se ver no mundo. De *sapiens* nos transformamos naquilo que vou chamar aqui deliberadamente de *Homo consumptor* para nomear a função que a humanidade desempenha na sociedade capitalista: a de consumidores (2021, p. 31).

Cortez se refere a uma construção mental criada ao longo dos séculos e sustentada até hoje: a cultura de dominação do homem na relação com o mundo natural. A tríade desta forma de pensar o mundo, a natureza e as coisas, gira em torno da produção, do consumo e do descarte. Visto deste modo, o *modus operandi* do homem consumidor é tão nocivo que pode produzir a extinção de sua própria espécie.

Note-se que o progresso tecnológico trouxe avanços positivos consideráveis para toda a humanidade. Antes da revolução industrial, a força motriz da produção era a força natural. Após a revolução industrial, o que podia ser feito pelos homens ou também por animais, passou a ser realizado por máquinas. Assim como a revolução tecnológica trouxe mais qualidade de vida para os indivíduos, conforto e acesso a benefícios para suprir necessidades básicas das pessoas, também impôs sobre toda a criação uma maneira de viver insustentável.

Movida por uma consciência crítica e ousada diante das transformações em curso, Cortez (2021, p. 30), criadora do "Menos 1 lixo", traz um dado

importante, afirmando que a mesma revolução tecnológica que ampliou o conforto e dinamizou a vida moderna também se apoiou em um padrão de exploração de recursos naturais e de trabalho humano sem precedentes, cujos efeitos se estendem até hoje. A desigualdade resultante desse processo é tão profunda que uma pequena elite econômica (26 pessoas) concentra um capital equivalente à soma do capital de bilhões de pessoas em situação de pobreza ao redor do mundo.

Como se pode perceber há mudanças que conspiram para novos modelos de vida em sociedade. É a projeção de uma sociedade do descarte, do cancelamento, do bloqueio etc. Isto significa manipular as relações entre humanos e máquina. Mas esse modelo não é compatível com um projeto de humanidade que se almeja para as gerações futuras. Os prognósticos para o futuro não são nada animadores.

Subordinados pela cultura do consumo/descarte de plásticos em rios e mares, colocando em risco as espécies marinhas e todos as espécies que se alimentam delas, o ser humano torna irreversível o perigo de extinção da própria espécie. Tendo plena consciência dessa triste realidade, Cortez alerta:

> Com esse modelo, o que vamos alcançar é chegar em 2050 com mais plásticos do que peixes nos oceanos, com um aumento de 2° C, talvez 3° C, na temperatura média do planeta até 2100, sem termos resiliência como espécie para que nosso organismo se adapte a isso, com alguns bilhões de refugiados do clima, e com a depressão como doença que mais afetará a população mundial em 2030, e a que mais vai gerar prejuízos econômicos, segundo a OMS (2021, p. 44).

Nos últimos séculos, a sociedade tenta de maneira vertiginosa, “civilizar e encaixotar o potencial humano para servir a um sistema-religioso, social e econômico” (Cortez, 2021, p. 45). Entretanto, esse esforço não torna as pessoas felizes, não cria uma atmosfera de paz, igualdade, justiça e equidade. Nesse caso, o ser humano se desumaniza com sua empreitada no universo tecnológico.

Notadamente a conjuntura digital afeta a integração do mundo criado. O "projeto fáustico" de superação da condição humana como foi mencionado acima, tem uma cosmovisão de progresso humano que ultrapassa as fronteiras do aceitável. Qual seria a cosmovisão do mundo tecnológico? Qual é a visão do ser humano nesta engrenagem?

Segundo Cortez (2021, p. 323), "a cosmovisão é a orientação cognitiva fundamental de um indivíduo, de uma sociedade, num dado espaço-tempo e cultura, a respeito de tudo o que existe- sua gênese, sua natureza, suas propriedades". A cosmovisão contemporânea sustenta uma maneira subjetiva de ver e entender o mundo, as relações humanas e o papel de cada indivíduo na sociedade, assim como as respostas a questões filosóficas básicas, como a finalidade da existência humana. Em cada época, uma percepção de mundo é construída acerca dos acontecimentos que afetam a natureza humana e por conseguinte o próprio *habitat* natural em que se vive.

Diante de uma crise climática que se revela irreversível, se não forem tomadas as medidas necessárias e urgentes para que o planeta se refaça de toda agressão ocasionada pela ação depredadora do homem, alguns líderes e chefe de estados se mobilizam pressionados pelos movimentos ecológicos e as respostas que o próprio planeta dá através de catástrofes ambientais, para que até 2030 seja resolvida essa crise climática.

O Papa Francisco foi uma voz na Igreja e no mundo no combate à destruição do planeta. Desde a encíclica *Laudato Si* (2015) até sua obra complementar, a Exortação apostólica *Laudate Deum* (2023), o Santo Padre convoca todas as pessoas a tomar atitude concretas para resolver a crise climática que se instalou de modo global em todo o mundo. Com a lúcida consciência de que "tudo está interligado" conclama os líderes mundiais para lutarem em favor do planeta e da criação que "geme e sofre em dores de parto" (Rm 8,22). Na Exortação apostólica *Laudate Deum* (2023), o Papa se refere ao crescente paradigma tecnocrata como um fator determinante para a atual destruição ambiental. Eis a voz de contestação do bispo de Roma acerca do

apelo à mudança de atitude na primeira Encíclica, pelo exagero de colocar as forças humanas sob domínio tecnológico e tecnocrata:

> Na *Laudato Si*, dei uma breve explicação do paradigma tecnocrático que está na base do processo atual de degradação ambiental. Trata-se de "um modo desordenado de conceber a vida e a ação do ser humano, que contradiz a realidade até o ponto de a arruinar". Consiste, substancialmente, em pensar "como se a realidade, o bem e a verdade desabrochassem espontaneamente do próprio poder da tecnologia e da economia". Como consequência lógica, "daqui passa-se facilmente à ideia dum crescimento infinito ou ilimitado, que tanto entusiasmou os economistas, os teóricos da finança e da tecnologia" (LD, n. 20)

Desde o lançamento da *Laudato Si*, o Santo Padre convoca toda a humanidade ao cuidado da Casa Comum, ou seja, cuidar do planeta como a casa de todos, numa perspectiva da ecologia integral, onde todos os seres criados convivam cada um em seu habitat natural, respeitando o espaço de cada um, a fim de que haja vida em abundância para todos e o planeta seja, de fato, a casa de todos e os abrigue de forma integral.

Francisco questiona aqueles que afirmam que o menor uso de combustíveis fósseis levará "à diminuição dos postos de trabalho". Na verdade, "milhões de pessoas perdem o emprego" devido às diversas consequências da mudança climática. Enquanto a transição para as energias renováveis, se bem administrada, é capaz de "gerar inúmeros postos de trabalho em diferentes setores. Por isso, exorta a necessária decisão com ação política e a colaboração dos empresários para reverter esse processo caótico de degeneração do planeta (LD, n. 10).

Apesar de tantas informações sobre os últimos acontecimentos - cito as enchentes no Rio Grande do Sul, a tempestade provocada pelo furacão Milton no solo da Flórida, as enchentes que atingiram cidades espanholas no leste da Espanha, e tantos outros desastres ocorridos em diferentes partes da aldeia global -, é grande ainda o desinteresse ou desinformações sobre o grave problema dos impactos das mudanças climáticas, vergonhosamente negado por muitos, apesar dos estudos científicos e das evidências.

Em sua reflexão sobre a crise climática, o Papa Francisco, na *Laudate Deum,* recorda que o planeta atravessa um aquecimento acelerado, em um ritmo jamais observado nos últimos dois milênios. Esse aumento de temperatura tem provocado transformações significativas, como a acidificação dos oceanos e o derretimento de grandes massas de gelo. Tais fenômenos coincidem diretamente com a intensificação das emissões de gases de efeito estufa, uma relação amplamente reconhecida pela comunidade científica, apesar de ainda haver vozes isoladas que tentam contestá-la. O Papa também chama atenção para o fato de que, mesmo diante dessa realidade alarmante, muitas potências econômicas permanecem mais preocupadas com a busca imediata por lucro do que com a urgência de proteger o planeta (LD, n. 13).

Os resultados da ação destruidora do homem sobre a natureza refletem o modo como a sociedade do consumo está organizada. Os desafios globais presentes na *Laudate Deum* e nos ODS são responsabilidade de todas as nações em seus diferentes setores, esferas governamentais, empresas e organização da sociedade civil, bem como de cada cidadão ao exercer seu papel de pertença à comunidade.

Dessa forma, respeitar a biodiversidade é estimular a produção industrial de forma sustentável para que a vida de todos no planeta seja possível. O desenvolvimento sustentável é uma chave para a mudança na forma de produzir o que é extremamente necessário para a sobrevivência da espécie humana e de todos os animais e plantas que compõem a esfera terrestre.

Sobre este alerta para uma mudança vertiginosa em prol da vida no planeta é que Oliveira, já citado acima, ressalta que o crescente debate sobre as mudanças climáticas, aquecimento global, desmatamento, queimadas e recuperação de ecossistemas degradados são muito importantes, todavia não se deve esquecer o cuidado dos ecossistemas florestais no combate aos desafios inerentes ao clima e sua alteração:

> Segundo o Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia (IPAM), “as atividades de reflorestamento promovem remoção ou “sequestro”

> de CO_2 da atmosfera, diminuindo a concentração deste gás de efeito estufa e, consequentemente, desempenhando um importante papel no combate à intensificação do efeito estufa. A remoção do gás carbônico da atmosfera é realizada graças à fotossíntese, permitindo a fixação do carbono na biomassa da vegetação e nos solos. Conforme a vegetação vai crescendo, o carbono vai sendo incorporado nos troncos, galhos, folhas e raízes" (Oliveira, 2020).

Com esses dados, percebe-se que os desafios ambientais são múltiplos e precisam ser superados com certa urgência. Da mesma forma como o progresso chegou para mudar totalmente o ambiente natural, o avanço tecnológico com o crescimento da Internet se expandiu por todo o globo terrestre. Atualmente, poucas pessoas ainda não têm acesso à conexão da rede. Com a superabundante exploração dos recursos naturais, as forças regenerativas da terra entrarão em colapso! A ganância humana criou uma espécie de eclipse terrestre.

Diante do agravamento da crise climática, surgem inevitavelmente perguntas sobre o futuro imediato e sobre aquilo que ainda podemos vislumbrar. É nesse cenário instável que as futuras gerações chegam ao mundo: jovens profundamente marcados pela lógica digital, inclinados a uma conexão constante e, por isso mesmo, cada vez menos envolvidos em relações presenciais de maior engajamento afetivo. Trata-se da chamada "geração do quarto", que cresce imersa em bolhas virtuais e encontra na mediação tecnológica o eixo principal de sua experiência cotidiana.

Esse tipo de comportamento gera impacto nas relações familiares, no ambiente de trabalho, na escola e universidades, e consequentemente nas relações religiosas. A vida contemporânea está submersa neste tipo de relação. São relações mediatizadas pelo mundo virtual.

As fragilidades e inseguranças produzidas pelo mundo líquido abrem espaço para que os recursos tecnológicos assumam um papel ainda mais decisivo na vida cotidiana. Diante de uma realidade instável, a tecnociência surge como promessa de controle e eficiência, moldando novas formas de subjetividade e relação consigo mesmo.

Nesta análise, apresentam-se os desafios ambientais como uma terceira categoria interpretativa na moldagem do diagnóstico de uma realidade em mutação. Evidencia-se a experiência de vulnerabilidade global, que problematiza as questões climáticas e ambientais num alcance planetário exigindo respostas práticas e transformadoras. A releitura da Carta aos Filipenses, à luz destas informações, possibilita enfatizar a dimensão ética e teleológica que sustenta a resistência diante dos colapsos ecológicos e lança o olhar para a prática do cuidado com a comunidade planetária.

1.4 IMPACTOS DA CULTURA DIGITAL NA VIDA CONTEMPORÂNEA

A ampliação do papel da tecnologia na organização da vida social não apenas redefine comportamentos, mas também configura um novo ambiente cultural em que as interações, a percepção de si e o vínculo com o outro são profundamente afetados. A cultura digital, com seus ritmos acelerados, suas demandas de visibilidade e sua lógica de conectividade permanente, passa a estruturar o cotidiano de maneiras antes impensáveis. Compreender esses impactos torna-se essencial para interpretar as transformações que marcam a experiência humana na contemporaneidade.

A sociedade contemporânea é profundamente organizada pelo domínio das redes tecnológicas e pela influência do mundo digital. Segundo alguns autores da sociologia e da comunicação, pesquisas demonstram que o comportamento das pessoas muda em decorrência do uso excessivo das mídias sociais. Cada dimensão da vida humana é influenciada pela tecnologia (Nicolelis, 2024) . Debates em torno da questão dos impactos da cultura digital sobre os condicionamentos humanos estão em alta.

A respeito dessa discussão, a filósofa Marilena Chaui (2024) em entrevista à CNN Brasil demonstra preocupação ao afirmar que uma nova subjetividade está nascendo, porque produzida pelo mundo digital. É uma subjetividade narcisista, depressiva e que depende extremamente da aprovação dos outros.

Portanto, segundo determinados autores, o narcisismo aparece, em parte da literatura crítica, como uma característica recorrente nas formas de subjetividade moldadas pela hiperconectividade, não de modo unívoco, mas como uma tendência associada a determinados usos e contextos tecnológicos. A dimensão da alteridade não se configura nesse limite de espaço e tempo virtuais. Nesse sentido, Han denomina esse modelo de vida contemporânea como sociedade do esgotamento ao afirmar que:

> O mundo digital é pobre em alteridade e em sua resistência. Nos círculos virtuais, o "eu" pode mover-se praticamente desprovido do "princípio de realidade", que seria um princípio do outro e da resistência. Ali, o eu narcísico encontra-se sobretudo consigo mesmo. A virtualização e digitalização estão levando cada vez mais ao desparecimento da realidade que nos oferece resistência (2017, p. 91-92).

A comunicação virtual em larga escala, trouxe um avanço assustador para o âmbito da aproximação das distâncias geográficas; porém, seus efeitos a curto e médio prazo são extremamente nocivos para a conduta humana. Nessa proporção, observa-se que esse fenômeno também trouxe desafios como a superficialidade das relações, a cultura da hiperconectividade e o consumo incessante de informações.

O modo de funcionamento no aspecto profissional tornou-se cada vez mais remoto e flexível, expandindo a participação das atividades nas plataformas digitais que facilitam a colaboração dos participantes à distância. Nesse ínterim, a economia assumiu uma dimensão digital, com o crescimento dos mercados virtuais, criptomoedas e o surgimento de novas formas de renda.

Da mesma forma, a educação, a saúde e a indústria de entretenimento foram igualmente impactadas, sendo enquadrados ao ambiente virtual, o que ampliou seu acesso, agilizando melhor o atendimento; porém, evidenciou imensa desigualdade daqueles que não possuem acesso a essa conectividade. Nasce outra forma de exclusão. A exclusão digital deixando à margem milhões de pessoas, gerando com isso o desemprego tecnológico.

Em sua dissertação de mestrado, que depois se transformou em livro, Paula Sibilia menciona a "profecia" de Aldous Huxley sobre o projeto de um mundo dominado pela tecnociência. Na sua obra "Admirável mundo novo" (1932), Huxley projeta uma sociedade totalmente organizada pelos artifícios da tecnociência. No cenário imaginado por Huxley, a reprodução humana passa a ser totalmente controlada por procedimentos laboratoriais: a gestação natural é substituída por processos técnicos que determinam, antecipadamente, as características genéticas de cada indivíduo.

Nesse contexto, a saúde é administrada de modo a evitar doenças, retardar o envelhecimento e modular até mesmo a experiência da morte. Trata-se de uma sociedade planejada para eliminar incertezas e desconfortos, onde eventuais sentimentos de angústia ou tristeza são rapidamente neutralizados por recursos farmacológicos altamente eficazes (Sibilia, 2002, p. 151).

Essa projeção foi publicada em seu célebre romance de ficção científica que depois tornou-se filme em 1998. Vivia- se no final da segunda metade do século XX. O homem já buscava arrumar o mundo para que as contingências e condicionamentos humanos fossem resolvidos. Um mundo de felicidade seria produzido com a ajuda da tecnociência.

Estamos em meados da primeira metade do século XXI. Muitos avanços ocorrerem desde a publicação da obra de Huxley, a tecnociência tomou conta do mundo. Entretanto, muitas pessoas continuam morrendo de doenças, catástrofes ambientais ocorrem em proporções gigantescas, a crise climática avança e o ser humano não tem respostas para as desolações mundiais. As doenças mentais e o suicídio entre jovens causados pelo excesso de conectividade e o isolamento social são resultados de uma sociedade do desempenho, da exaustão na análise de Byung-Chul Han.

A digitalização acentuou a coleta massiva de dados pessoais, que de modo irresponsável é utilizado por empresas e governos para traçar perfis e condicionar a opinião dos usuários nos aplicativos de compras online. As redes sociais têm influenciado o comportamento coletivo, não de modo unívo-

co, mas em interação com fatores culturais, econômicos e políticos, afetando desde práticas de consumo até formas de engajamento político, assim como a preocupação sobre a privacidade, segurança cibernética e manipulação de informações. Nessa perspectiva, "a virtualização e digitalização estão levando cada vez mais ao desaparecimento da realidade que nos oferece resistência" (Han, 2017, p. 93).

O cenário atual de uma sociedade digital, trouxe mudanças nos valores humanos e nas expectativas das novas gerações, que muitas vezes vivem num estado constante de ansiedade e comparação social, provocados pelos algoritmos que estimulam um ideal de vida pautado na competição, no consumo e na estética. Pesquisadores na área de inteligência artificial já estudam o modo de coexistência com esse tipo de funcionamento engendrado pela tecnologia digital, chegando a constatar que:

> como o motor de combustão e a internet, a IA é uma tecnologia de propósitos gerais que está mudando o jeito como vivemos nossas vidas. Não há dúvida de que veio para ficar. A única pergunta é: como nos adaptamos a ela? A sociedade já luta contra o desemprego tecnológico gerado por IA, vieses de algoritmo que pioram a desigualdade e um tipo totalmente novo de conflito: a guerra cibernética. Alguns pesquisadores até alegam que a IA é uma ameaça à nossa espécie (Lamb; Levy; Quigley, 2023, p. 139).

O constante acesso aos programas de entretenimentos e à cultura de massa tem criado uma sociedade cada vez mais excitada, acelerada e frenética. A busca constante por validação virtual pode ocasionar um sentimento de insatisfação constante, gerando frustração quando os anseios por aplausos e curtidas não chegam ao limite desejado. Pois a "alegria que se encontra nas redes sociais de relacionamento tem, sobretudo, a função de elevar o sentimento próprio narcísico. Ela forma uma massa de aplausos que dá atenção ao ego exposto ao modo de uma mercadoria" (Han, 2017, p. 93).

De fato, a sociedade sob a égide do mundo digital, descobre grandes oportunidades de inovações nas diversas áreas do conhecimento, mas en-

frenta desafios profundos, como a necessidade de integrar progresso tecnológico com bem-estar humano, a preocupação com o equilíbrio dos ecossistemas do planeta, os cuidados com todas as espécies criadas, enfim, toda a vida que habita em nosso mundo natural. Como equilibrar a relação do *homo sapiens* com o *homo technologicus?*

Conforme estudos feitos por especialistas na área do comportamento humano, constata-se que a percepção do mundo contemporâneo é esta: nunca a humanidade foi tão tecnológica, acelerada e arrisca-se dizer, evoluída. No entanto, apesar de tanto avanço científico, o mundo continua aprisionado em velhos conflitos, guerras e crises humanitárias. "A consequência impactante do acrisolamento digital e da fragmentação das certezas tem provocado um colapso na saúde mental, detectados principalmente em crianças e jovens" (Alter, 2024).

O mundo contemporâneo vive a era da hiperconectividade, o celular transformou-se numa extensão da mente e do corpo humano. Muitas pessoas vivem constantemente atreladas a todo instante, em tempo real. Isso só é possível pela abrangência das conexões de Internet.

Adam Alter, professor da New York University, pesquisador de temas como adicção, vício e conexão doentia com as redes sociais, numa transmissão realizada pelo Instituto Conhecimento Liberta (ICL), ressalta que o comportamento das pessoas foi se alterando e transformando o modo de percepção de mundo.

Alter observa que a sedução exercida pelas tecnologias digitais condiciona grande parte do nosso tempo para atividades que pouco contribuem para a produtividade ou para a vida cotidiana. Nas plataformas de redes sociais, tudo é estruturado para oferecer um fluxo contínuo e praticamente inesgotável de conteúdos, incentivando o usuário a permanecer ali por longos períodos, navegando por atualizações e imagens sem fim (Alter, 2024).

O professor Alter chama a atenção para as estratégias de manipulação que viciaram o mundo e enriquecem as empresas de tecnologia. Esta inces-

sante atividade demanda um esforço titânico do corpo humano e por sua vez do cérebro em si. A estrutura orgânica do corpo conseguirá acompanhar a corrida alucinante dos recursos tecnológicos, sem afetar a estrutura psíquica do ser humano? Em sua pesquisa Sibilia trabalha a dimensão da obsolescência do homem na constante busca pela superação de si mesmo:

> Corpos permanentemente ameaçados pela sombra da obsolescência – tanto a do seu *software* mental como a do seu *hardware* corporal – lançados, por isso, no turbilhão do *upgrade* constante, intimidados a maximizarem a sua flexibilidade e a sua capacidade de reciclagem [...] corpos investidos pelo impulso fáustico de ultrapassagem de todos os limites, que marca os saberes e as ferramentas da nova tecnociência (Sibilia, 2002, p. 207).

Estudos atuais apontam um alto índice de dependência, de adoecimento decorrentes dessa hiperconectividade. Há um controle da atenção das pessoas que ficam aprisionadas no magnetismo das mídias sociais, incorporadas no processo de uma nova economia. A economia da atenção. As reações cognitivo-comportamentais na interação com o mundo tecnológico geram uma sociedade psiquicamente esgotada e fragilizada.

Diante de toda a excursão feita ao longo deste capítulo, seguindo os elementos apontados por pesquisadores na área de sociologia, comunicação e internet, pode-se afirmar que surgiu na sociedade contemporânea uma geração "escrava da tecnologia" (termo cunhado por Steve Cutts - ilustrador e animador inglês), a qual como opção de vida segue as sugestões dos algoritmos. Essa geração tornou-se refém das ofertas cibernéticas, criadas por empresas midiáticas que transformam os dados pessoais em informações úteis, para vender o produto que é o próprio consumidor. O *homo technologicus* transformou-se em "commodities".

Uma sociedade mergulhada nesse "apocalipse tecnológico" conforme Adam Alter (2024), pode considerar a alegria de viver como um desejo real? Com todo esse aparato tecnológico produzido pela tecnociência para satisfazer os empreendimentos do homem contemporâneo, faz sentido pensá-la como um valor intrínseco à condição humana?

Segundo o diagnóstico de Byung-Chul Han, a sociedade contemporânea é marcada pelo desempenho e pelo esgotamento causado pelo cansaço produtivo. Nessa perspectiva, destaca-se outro tipo de adversidade: o indivíduo torna-se empreendedor de si mesmo. A sociedade da transparência exige visibilidade constante, produzindo insegurança e perda de interioridade. O excesso de positividade aplicada pela lógica mercantil se converte em autopressão, resultando em patologias do sujeito, exaustão emocional, depressão e *burnout*. A hermenêutica de Filipenses procura encontrar meios para uma crítica à positividade, denunciando uma antropologia da performance.

Considerando essa constatação, as pessoas são mais humanas com o acesso às novas tecnologias? Ou um mundo descorporificado está em vias de nascimento? A perspectiva de Sibilia sobre o homem pós-orgânico e as subjetividades digitais deixam evidente outro eixo do diagnóstico: o corpo-mídia, a instabilidade identitária e a subjetividade performática inseridas nos ambientes tecnológicos. O valor do sujeito depende de sua capacidade de se autoproduzir e se autopromover como conteúdo.

Neste percurso analítico, diante das complexas mutações sociais, busca-se na dimensão cristã, resgatar a alegria como um valor fundamental para a experiência de uma vida pautada pelo bem-viver. Propõe-se um percurso investigativo para colocar em evidência a alegria como atitude e postura essencial face às adversidades.

À luz das análises desenvolvidas nas seções anteriores, nota-se que, de modo integrativo, os quatro eixos que retratam as interfaces da sociedade contemporânea configuram um quadro complexo de adversidades que atravessam a experiência humana no contexto atual. Tais adversidades manifestam-se de forma interligada, incidindo sobre a subjetividade, as relações sociais, o ritmo da vida cotidiana e a relação com a criação, compondo um cenário marcado por tensões que desafiam a possibilidade de manter a alegria diante das múltiplas crises que caracterizam a contemporaneidade, nas quais a perspectiva da alegria em Filipenses adquire uma relevância parado-

xal. Esse paradoxo - a alegria apesar dos infortúnios sociais - é chave para o diálogo crítico com os autores mencionados neste estudo.

1.5 SÍNTESE DO CAPÍTULO

Revisitar a Carta aos Filipenses, à luz desta conjuntura, pode despertar na comunidade cristã uma vivência autêntica dos valores éticos, diante da desvinculação de práticas relacionais num mundo organizado pela lógica da exibição e da virtualização.

Portanto, a análise realizada até aqui permitiu delinear o contorno complexo da sociedade contemporânea, marcada pela liquidez das instituições, pelo avanço acelerado da tecnociência e pelos impactos profundos da cultura digital sobre a subjetividade. Esse diagnóstico evidencia não apenas um mundo em transformação, mas também um ser humano atravessado por tensões internas, desejos contraditórios, fragilidades emocionais e carências relacionais que desafiam a possibilidade de uma vida plena. A Teologia bíblica como instância crítica, capaz de iluminar a experiência humana em meio às transformações culturais e tecnológicas oferece em Paulo, de modo particular na Carta aos Filipenses, contribuições salutares para encontrar alegria nas adversidades. Diante de um cenário complexo, como o apresentado, a hermenêutica bíblica aplicada a essa realidade como chave de interpretação teológica, esboça uma crítica ao reducionismo tecnológico, a definição da alegria como fruto do Espírito Santo, a humanização das relações virtualizadas e a esperança que transcende as circunstâncias desfavoráveis ao cultivo da alegria.

Esse cenário levanta uma questão fundamental para a dissertação: em meio à fragmentação social, ao individualismo digital e à crescente desumanização das relações, a alegria ainda é possível? Torna-se necessário deslocar o olhar para uma fonte que ilumina outra maneira de compreender a existência: a tradição bíblica. É nesse ponto que o discurso paulino sobre a alegria,

dirigido à comunidade de Filipos em situação de conflito e sofrimento, ganha pertinência singular para o nosso tempo.

O diagnóstico apresentado ao longo deste capítulo é particularmente sintético e parcial, tendo como única finalidade o exercício hermenêutico, de forma que não substitui estudos sociológicos ou empíricos mais aprofundados. Contudo, esboça um panorama de fundo analítico necessário para a releitura do texto da Carta aos Filipenses que se seguirá no capítulo seguinte.

2 A ALEGRIA NA CARTA AOS FILIPENSES

No capítulo anterior, apresentou-se a descrição de uma realidade em mutação tecnológica. Nesse contexto está inserida a tecitura das relações humanas dentro do mundo digital, as influências positivas e negativas frente aos avanços da ciência e o uso desenfreado das tecnologias.

A Carta aos Filipenses oferece uma das mais singulares reflexões paulinas sobre a alegria cristã. Esta alegria não surge de circunstâncias favoráveis, mas se configura no contexto da experiência da prisão de Paulo, à vulnerabilidade e à incerteza do futuro. Considera-se uma alegria paradoxal, que não depende da eficiência, do reconhecimento ou da autopromoção; pelo contrário, emerge da comunhão e do enraizamento em Cristo através da experiência de Paulo e da comunidade.

Esse horizonte teológico torna-se desafiador quando confrontado com a condição contemporânea descrita na primeira parte deste trabalho. Nos desdobramentos deste capítulo propõe-se fazer uma análise da alegria em contextos de adversidades, considerando o *Sitz im Leben*, o contexto vital da Carta aos Filipenses como um farol iluminador da realidade destacada acima. Que elementos a Carta aos Filipenses oferece ao contexto atual para que se possa responder às questões colocadas por uma realidade em constante mutação tecnológica? É o que se pretende elucidar no desenvolvimento desse trabalho.

Metodologicamente, este capítulo adota uma abordagem semântico-teológica na leitura da Carta aos Filipenses, com especial atenção ao campo semântico dos termos χαρά (alegria) e χαίρω (alegrar-se), considerados em seu uso lexical, contextual e teológico. Tal método parte da análise do significado dos termos no interior do texto bíblico, levando em conta sua recorrência, variações semânticas e inserção no conjunto da argumentação paulina.

A análise articula a dimensão semântica à reflexão teológica, compreendendo a alegria não apenas como conceito lexical, mas como categoria

teológica constitutiva da experiência cristã em Filipenses, especialmente em sua relação com o sofrimento, a comunhão e a esperança escatológica. Reconhece-se, contudo, que o objetivo do presente estudo não é oferecer uma exegese exaustiva da carta, mas propor uma leitura teologicamente orientada, capaz de iluminar o sentido da alegria cristã no horizonte da fé paulina e em diálogo com os desafios contemporâneos.

Apresenta-se a seguir, um breve panorama da Carta aos Filipenses, descrevendo em seu contexto, o nascimento da igreja em Filipos, a relação do Apóstolo e a comunidade nascente, bem como a figura de Paulo como exemplo de alegria na adversidade. Partindo da análise estrutural da Carta, reflete-se sobre o sentido da alegria para Paulo e os Filipenses, concluindo-se com a concepção da alegria como fruto do Espírito Santo.

2.1 PANORAMA DA CARTA AOS FILIPENSES

Entendendo-se como leitores do século XXI, o desafio neste contexto será dar um salto na cultura, na língua, no universo religioso que se situa no mundo greco-romano dos anos 60 d.C., para compreender o mundo real dos destinatários da Carta. O desafio está lançado! Mas para traçar esse panorama contextual, faz-se necessário considerar que:

> há um complexo conjunto de circunstâncias nas quais vive a comunidade. Por um lado, ela luta contra vizinhos hostis e por outro é importunada por missionários visitantes que, em um caso, dizem coisas diferentes de Paulo, mas mesmo assim pregam o Evangelho e, contudo, em outro caso, contradizem diretamente a apresentação paulina da mensagem cristã (Havener, 1999, p. 253).

Todas as cartas paulinas possuem uma estrutura com três partes principais. Filipenses não é diferente. Dessa forma tem-se a introdução: Fl 1,1-11; o corpo da carta: Fl 1,12-4,1, e a conclusão: Fl 4,2-23. Porém, há diversas hipóteses de fragmentação quanto à disposição e ao gênero deste escrito, dando a entender que Paulo haveria escrito três cartas aos filipenses em mo-

mentos diferentes. Conforme o livro dos Atos dos Apóstolos 13-14.16,1-10, Paulo fundou várias comunidades, inclusive a comunidade dos Filipenses. Filipos é uma das comunidades cristãs fundada por Paulo no final dos anos 40 e início dos 50.

Quanto ao conteúdo e à teologia, a epístola é um testemunho da união entre Paulo e a comunidade, que lhe é particularmente cara. O cativeiro de Paulo não o impede de propagar o Evangelho, mesmo que isto venha a lhe custar a própria vida (Fl 1,12-18). Em sua exortação à fidelidade para com o Evangelho também no sofrimento, motiva os filipenses a perseverarem em meios aos conflitos civis (Fl 1,27-30). Exorta incansavelmente e com insistência à concórdia e à humildade (Fl 2,1-11; 4,2-9) (Schelkle, 1977).

A Carta de Paulo aos Filipenses é conhecida como a carta da alegria cristã. É uma das cartas do epistolário paulino que foi escrita na prisão. Em comentários bíblicos mais clássicos, como o de Bellinato (1979, p. 216), "o vocábulo 'alegria' e termos congêneres são como tecido fundamental e o "leit-motiv" das perícopes dessa epístola da alegria cristã". Nas palavras de Paulo, a alegria cristã assume a forma de uma imagem simbólica, como uma música sendo tocada, que se traduz em contentamento partilhado com a comunidade, especialmente em razão do progresso do Evangelho.

Segundo Schökel, "é indiscutível o atrativo particular dessa carta, como expressão dos sentimentos do apóstolo. Sua joia teológica é o hino cristológico (Fl 2,6-11), síntese audaz e madura, que alguns consideram um hino cristão incorporado à carta" (Schökel, 2018, p. 2407).

Filipenses é uma das epístolas paulinas menos doutrinais, contudo, ela contém o excepcional cântico em forma de hino, considerado um dos mais notáveis monumentos da primitiva fé cristã. Com esta obra prima, Paulo louva Cristo e se despede dos filipenses com eloquência e ternura.

Há também, um aspecto curioso na alegria esboçada por Paulo, que denota um ar paradoxal devido a suas condições humanas de prisioneiro por causa do Evangelho. Paulo, se encontra preso, mas mesmo nessas condições

adversas escreve uma carta, cuja mensagem está impregnada de entusiasmo por causa do avanço do Evangelho. “Minha expectativa e esperança é de que em nada serei confundido, mas com toda a ousadia, agora como sempre, Cristo será engrandecido no meu corpo, pela vida ou pela morte. Pois para mim o viver é Cristo e o morrer é lucro” (Fl 1,20-21).

Para favorecer um panorama mais dinâmico é mister colocar em evidência alguns elementos que compõem o cenário da carta.

2.1.1 Contexto de Filipos

No tempo de Paulo, Filipos era uma das principais cidades da província romana da Macedônia, situada na planície que se estende a leste do monte Pangeu, e por ela passava a Via Egnatia. Fundada em 358-357 a.C. por Filipe II da Macedônia, foi dominada pelos romanos em 167 a.C. e ganhou destaque como local da vitória de Marco Antônio sobre Bruto e Cássio, em 31 a.C. Mais tarde, sua população era formada por veteranos dos exércitos romanos que fixaram residência em Filipos. Poucos judeus residiam em Filipos, provavelmente por isso não havia sinagogas ali.

A cidade, constituída de romanos e macedônios, recebeu o status de importante colônia romana (uma Roma em miniatura) desfrutando, assim, do *ius italicum* um privilégio semelhante aos romanos da capital, dignidade mencionada em At 16,12. A dignidade cívica de Filipos como colônia romana é importantíssima para se compreender como é moldado o pano de fundo da carta. O *ius italicum* explica a presença de oficiais romanos na cidade, os quais são mencionados em At 16,22.

O poder político em Filipos era controlado pela aristocracia, principalmente pelos latifundiários. Havia muita escravidão, exploração e culto a diversas divindades. Sob o domínio de Roma, Filipos “desfrutava de relativa diversidade cultural e religiosa, o que se deve ao fato de que numerosas etnias foram absorvidas durante a expansão do império” (Andrade; Miguel, 2009, p. 679).

2.1.2 Nascimento da igreja em Filipos

Para situar o contexto histórico de Filipenses em Atos (At 16,11-40), encontra-se uma narrativa lucana extremamente empolgante que resulta das viagens de Paulo e seus companheiros pela estrada romana chamada Via Egnatia. As cidades desse percurso ouviram a mensagem do evangelho por meio dos missionários. O resultado dessa empreitada foram as fundações de igrejas cristãs. Paulo e Silas fazem a primeira parada em Filipos, a dezoito quilômetros do porto de Neópolis (atual Turquia).

Segundo Malzoni, (2020, p. 145) "no livro dos Atos dos Apóstolos, o início da igreja é narrado no capítulo 16,11-40, no decurso da segunda viagem missionária de Paulo (At 15,36-18,22). Na terceira viagem, Paulo passa novamente pela Macedônia, em duas ocasiões (At 20,1-2 e 20,3-6)."

Não havendo sinagoga em Filipos, os judeus piedosos que ali viviam se reuniam às margens do rio. Paulo fez contato com a comunidade judaica ali existente. Compreende-se desse modo que:

> Os primeiros frutos dessa obra evangelizadora foram uma mulher asiática rica, uma jovem grega marginalizada, antes possuída por demônios e explorada, e um burocrata do império. Esses foram os primeiros fundadores da primeira igreja cristã na Europa. (At 20,1.3-6; 2Co 7,5) Essa fundação foi marcada por múltiplas tensões (Quiroz, 2022, p. 1542).

A situação do Apóstolo é de perseguição por causa da fé em Cristo (Fl 1,27-30). A comunidade fundada por ele nasce em meio ao seu sofrimento e a sua própria perseguição, pois possivelmente Paulo estava preso em Éfeso quando escreve aos Filipenses.

Cruzando o mar Egeu, Paulo e Silas seguem pela grande estrada romana chamada Via Egnatia. Por meios deles, as cidades ao longo do caminho escutaram a mensagem do evangelho. Em Filipos, cidade da Macedônia e colônia romana, Paulo faz a primeira parada. Conforme a narrativa de Lucas, não havia sinagoga em Filipos. Os judeus residentes na cidade reuniam-se às

margens do rio (At 16,13). É a esse grupo de judeus que Paulo se dirige, pois não conhecia ninguém na região.

Nessa aproximação, Paulo encontra Lídia, uma rica comerciante asiática, adoradora de Deus. Ela escuta o anúncio, recebe o batismo e acolhe os missionários em sua casa (At 16,14). Em outro dia, encontra uma jovem escrava grega, marginalizada por possuir um espírito de adivinhação (At 16,16), em decorrência disso era explorada por seus senhores, pois conseguiam muitos ganhos com seus oráculos. Paulo curou esta mulher, libertando-a do domínio desse "espírito pitônico". Isso, obviamente não agradou aos homens que a exploravam e causou grande confusão na cidade. Havia certa animosidade contra os judeus na cidade, talvez por isso a grande rejeição em relação aos missionários.

Martin fornece mais informações sobre essa situação:

> A animosidade contra os judeus em Filipos pode ser também a explicação para o ódio contínuo do populacho contra a igreja cristã nascente, especialmente em vista da estreita ligação da mesma com estas mulheres judias. Da carta (1,28-30; 2,15) depreendemos a hostilidade e perseguição que a igreja continuou a sofrer, presumivelmente da parte do mundo pagão (Martin, 1985, p. 19).

A consequência disso foi a denúncia de Paulo e Silas, levando-os a serem açoitados e depois presos e acorrentados (At 16,22-24). Na prisão, são libertados de forma misteriosa e isso acarreta a adesão do carcereiro e toda a sua família ao evangelho pregado por Paulo. Compreende-se assim, que essas três pessoas foram os primeiros membros da comunidade cristã em Filipos. Malgrado, esse incidente inicial e muitas tensões, o embrião da comunidade nasce a partir de uma mulher e inicia-se em sua casa, com acolhida e hospitalidade.

Apesar dessas dificuldades encontradas, qual seja, incompreensões, insultos, açoites e prisão, Paulo, ao escrever aos Filipenses, exorta-os a manterem-se sempre alegres no Senhor. O estribilho bastante conhecido ressoa ainda hoje nas comunidades cristãs: "Alegrai-vos sempre no Senhor! Repito: Alegrai-vos! (Fl 4,4) (Bíblia, 2002, p. 2052)

A teologia do sofrimento presente na Carta aos Filipenses, longe de assumir um caráter meramente resignado ou passivo, integra-se de modo constitutivo à compreensão paulina da alegria. O sofrimento, tal como tematizado na carta, não é negado nem relativizado, mas interpretado à luz da participação na vida e no destino de Cristo, adquirindo um sentido que transcende a lógica da perda ou do fracasso.

Essa articulação entre sofrimento e alegria oferece uma chave hermenêutica relevante para refletir sobre os desafios contemporâneos à experiência da alegria, especialmente em contextos marcados pelo sofrimento psíquico, pelo esgotamento existencial e pela dificuldade de atribuir sentido às experiências de dor. Sem estabelecer paralelos diretos entre contextos históricos distintos, a perspectiva paulina sugere que a alegria cristã não emerge da ausência de sofrimento, mas da possibilidade de ressignificá-lo no horizonte da fé e da comunhão.

2.1.3 Paulo e a igreja de Filipos

Para entender o valor do imperativo “alegrai-vos” em seu contexto de origem, faz-se necessário conhecer um pouco da relação de Paulo com a comunidade de Filipos.

Essa comunidade foi fundada quando Filipos era uma rica colônia romana, que tinha os privilégios da capital do império. Portanto, seus habitantes eram orgulhosos e soberbos, amantes do poder político e cultural. A comunidade será exortada a renunciar a esses privilégios aos quais está extremamente apegada. Com a presença dos missionários e sua pregação, nasce nesse ambiente uma comunidade chamada à humildade, ao serviço e à alegria de viver em Cristo. Um desafio a ser vivido em meio às dificuldades enfrentadas por Paulo. Mas que dificuldades?

Em Atos dos Apóstolos, há a narrativa dos primórdios da comunidade quando Paulo e Silas são açoitados com varas em praça pública e depois pre-

sos. Segundo Emilio Voigt (2009), Paulo foi preso várias vezes durante o seu ministério. Já no início da carta, Paulo expressa que se encontra prisioneiro por causa do evangelho (Fl 1, 12-26).

Nessa ocasião, "os filipenses estão sofrendo uma hostilidade considerável de seus concidadãos (Fl 1,28-30). Paulo vê a capacidade deles de resistir seriamente enfraquecida por divisões internas, causadas pelo egoísmo e pelo orgulho" (Byrne, 2011, p. 443).

É significativo notar como era a situação do Apóstolo no momento da escrita da carta. Segundo estudos de Martin (1985), Andrade e Miguel (2009), em Atos dos Apóstolos tem-se o relato de três lugares onde Paulo esteve preso: primeira visita de Paulo em Filipos (At 16,23-40) prisão em Jerusalém, seguida de uma detenção de dois anos em Cesaréia (At 21,32-26,32) na viagem para Roma como prisioneiro, seguida de outro aprisionamento de dois anos (At 26-28,16-31). Sobre essa situação, Martin esclarece:

> na descrição geral da primeira missão evangelística em solo não asiático, e dos efeitos que a mesma produziu, especialmente pelo fato de ser confirmada pelo que Paulo escreve em (1 Ts 2, 2), isto é, que a missão em Filipos foi numa época de conflito, para Paulo, e que ali ele passou por humilhações, ao ser arrastado perante os oficiais, na praça do mercado e jogado na prisão (1985, p. 21).

A forma da comunidade lidar com as dificuldades e manter-se fiel ao evangelho, fez com que Paulo nutrisse uma relação de profunda amizade com os filipenses. Encontra-se na Segunda Carta aos Coríntios uma referência cheia de afeto para com a comunidade: "Quero informar-vos, irmãos, a respeito da graça que Deus concedeu às igrejas da macedônia. Em meio a uma grave provação, transbordaram de alegria; em sua extrema pobreza, esbanjaram generosidade" (2Cor 8,1-2).

Os filipenses ficaram extremamente preocupados quando tomaram conhecimento da prisão do Apóstolo, pois não sabiam qual seria o desfecho do processo. Além disso, havia a questão da subsistência na prisão e Paulo não costumava aceitar doações das comunidades por onde evangelizava.

Conforme Voigt (2009, p. 11), a presença de mulheres que desempenham um papel de liderança na fundação da comunidade é significativa. No texto de Atos 16,14-15 aparece uma mulher chamada Lídia. Em Fl 4,2-3 aparecem Evódia e Síntique como duas colaboradoras estimadas de Paulo que, segundo este, trabalhavam lado a lado na propagação do evangelho. Nota-se que os nomes próprios que aparecem em Filipenses sugerem que a comunidade era predominantemente composta por gentios, ou seja, os nomes são originários da cultura greco-romana.

Em muitas situações, o Apóstolo elogia a fé e a resistência da comunidade em meio aos conflitos e problemas. Entretanto, "havia na comunidade grande tendência para a vaidade, busca de interesses pessoais e desentendimentos" (Voigt, 2009, p. 11). Também havia a influência de missionários cristãos que falseavam o anúncio do evangelho pregado por Paulo, que os considerava falsos mestres (Fl 3,2).

Destaca-se na moldura do texto que "a relação com Cristo (Fl 1,18c-26) relativiza tanto as situações de provação e sofrimento enfrentadas por Paulo (Fl 1,12-18b) quanto aquelas dos destinatários, forçados a sofrer por Cristo em seu contexto civil" (Fl 1,27-30) (Pitta, 2019, p. 272).

Diante dessa realidade dramática e surpreendente ao mesmo tempo, surge uma série de questionamentos tais como: Que tipo de alegria é essa? Como pode uma pessoa estar feliz sofrendo injúrias, estando condenada à morte iminente? É possível jorrar felicidade no coração de alguém que está flagelado pela fome, maltratado e mesmo ostracizado? Que elementos compõem essa estranha alquimia que gera uma alegria paradoxal?

O próprio Apóstolo responde a esse estranho paradoxo através da mimese humana referindo-se a si mesmo: "Sede meus imitadores" (Fl 3,17), e a mimese de Cristo, referindo-se à autodoação de Cristo: "tenham os mesmos sentimentos de Cristo" (Fl 2,5). Em consequência disso declara: "pois para mim o viver é Cristo e o morrer é lucro" (Fl 1, 20).

Cristo torna-se o viver e a morte torna-se um ganho para Paulo. Entretanto, “como é possível dizer que Jesus Cristo, morto e ressuscitado, tenha se tornado o viver de Paulo que, de fato, continua uma existência comum a todos os seres humanos e que o morrer seja visto até mesmo como um ganho?” (Pitta, 2019, p. 274).

O paradoxo da alegria surge desse incremento no engajamento de Paulo, não por causa de seu aprisionamento que lhe causa sofrimento, mas em vista de sua relação com o viver por Cristo e a alegria ocasionada pelo progresso do Evangelho.

Filipenses é considerada por alguns comentaristas como o “canto do cisne” do apóstolo Paulo. Sabe-se que o Apostolo está na prisão quando escreve aos Filipenses (Fl 1,7.13.16s). É uma incitação à subversão. A carta aos Filipenses transpira fé, esperança, amor, alegria, espírito de luta e vitória (Quiroz, 2022, p.1542).

A centralidade da dimensão comunitária na compreensão paulina da alegria, tal como expressa na Carta aos Filipenses, evidencia que a alegria cristã não se constitui como experiência individual isolada, mas se enraíza na comunhão, na corresponsabilidade e na participação mútua na fé. A alegria emerge, assim, no interior de relações marcadas pela partilha, pela solidariedade e pela unidade em Cristo, assumindo um caráter relacional que ultrapassa a esfera da interioridade subjetiva.

A dimensão comunitária da alegria em Filipenses sugere que a experiência da alegria cristã não se constitui de forma isolada ou individualista, mas emerge no interior de relações marcadas pela comunhão, pela corresponsabilidade e pelo cuidado mútuo, oferecendo um contraponto teológico às formas contemporâneas de subjetivação marcadas pelo isolamento e pela fragmentação social.

Essa configuração comunitária da alegria oferece uma chave hermenêutica significativa para refletir sobre os desafios contemporâneos à experiência da alegria, especialmente em contextos marcados pelo individualis-

mo, pelo enfraquecimento dos vínculos sociais e por formas de isolamento que atravessam a vida pessoal e eclesial. Sem estabelecer paralelos imediatos entre realidades históricas distintas, a perspectiva paulina permite entrever que a alegria cristã se sustenta e se fortalece na vida comunitária, constituindo-se como experiência compartilhada e não meramente privada.

2.1.4 Paulo, exemplo de alegria nas adversidades

Observando a figura de Paulo diante dos dissabores ocorridos em Filipos, nota-se que o Apóstolo das nações não se deixou arrefecer pelos açoites, incompreensões, ameaças e mesmo prisão por causa do Evangelho. Apesar de tudo isso, motivava seus interlocutores inúmeras vezes a alegrarem-se no Senhor (Fl 1, 4.18;2,17;4,1.10).

Paulo tinha plena consciência de seu chamado a ser arauto do Evangelho nas comunidades por onde passava, e, se isso implicava perseguição e rejeição por conta dos seus irmãos de raça (judeus), tão pouco considerava essas agruras um impedimento para o avanço do trabalho missionário. Recorda-se aqui, o trecho de Atos dos Apóstolo no capítulo 16,1-10 quando, numa visão, é chamado à Macedônia: “Depois dessa visão, procuramos partir imediatamente para a Macedônia, pois estávamos convencidos de que Deus acabava de nos chamar para pregar-lhes o Evangelho” (At 16,10).

É necessário lembrar que o anúncio do evangelho no mundo pagão incorria a muitos desafios tanto da parte dos ouvintes quanto por parte dos que pregavam a Boa Notícia. E Paulo, desde a prodigiosa conversão, assumiu, por assim dizer, a missão de embaixador do Evangelho de Cristo e Cristo crucificado. Isto implicava ultrapassar muitas opressões e pressões do lado dos inimigos da cruz. Por conseguinte, em At 9,15-16, o Ressuscitado diz a Ananias: “Vai, porque esse homem é um instrumento que escolhi para anunciar o meu nome aos pagãos, aos reis e ao povo de Israel. Eu vou mostrar-lhe quanto ele deve sofrer por minha causa”.

Paulo entendia as tribulações experimentadas por causa da propagação do evangelho como um ganho. No início da comunidade de Filipos, quando o Apóstolo exorciza o espírito de adivinhação que possuía uma jovem escrava, esse fato foi suficiente para levá-lo à prisão, juntamente com seu companheiro Silas, sob a acusação de que perturbavam a cidade, propagando costumes que não eram lícitos acolher nem praticar entre os cidadãos que habitavam em Filipos (At 16,16-24).

De notável relevância é o relato de Paulo sobre sua situação, que se encontra na Carta aos Filipenses, no capítulo 1,12-14. Nesse relato, o Apóstolo revela que os acontecimentos em torno de sua prisão e o processo que se desencadeou depois disso, favoreceu o progresso do evangelho. Em suas palavras, percebe-se contentamento e regozijo por causa do avanço do Evangelho naquela realidade.

Longe de considerar esse acontecimento fator de sofrimento, Paulo compartilha com os filipenses sua profunda alegria, expressa de certa forma inusitada, quando diz: “minhas prisões se tornaram conhecidas em Cristo por todo o Pretório e por toda parte” (Fl 1,13) “E a maioria dos irmãos, encorajados no Senhor pelas minhas prisões, proclamam a Palavra com mais ousadia e temor” (Fl 1,14). Como entender essa postura de Paulo? Neste contexto, a alegria se revela como uma psicopedagogia poderosa em tempos de aflição e angústia. De certa maneira, se pode afirmar, que: “a alegria não vem, quando interrompemos a vida: a alegria nasce quando pegamos num dos seus fios, seja ele qual for, e somos capazes de levá-lo fielmente até a sua plenitude. E a sua plenitude é sempre esse momento culminante” (Mendonça, 2013, p. 139).

Em seus estudos sobre Filipenses, Gerhard Barth (1979) comenta o interesse de Paulo em evidenciar a preocupação com o evangelho e não com a própria situação, ou seja, não está preocupado com sua saúde, sua cela na prisão, suas chances no processo, mas sim com o andamento do evangelho. A objetividade apostólica fala mais alto que sua própria condição de prisioneiro.

O sofrimento de Paulo tem um caráter emblemático, pois quem, dentre os companheiros de Paulo, se manteria tão sereno diante de seus agressores? Como compreender essa alegria desconcertante? Na experiência paulina, "a alegria é capaz de florescer mesmo em meio às circunstâncias mais sombrias, encontrando vida no meio daquilo que aparenta ser inerte e sem vida. Sua presença é revigorante, trazendo leveza e brilho às situações mais opressivas. Segundo Mazzarolo (2011), a alegria manifesta uma força interior, oferecendo uma espécie de superação de si:

> a alegria se manifesta como um bálsamo para a alma, possibilitando a superação das adversidades e instigando a resiliência. Através da alegria, as dificuldades são enfrentadas com um novo olhar, repleto de esperança e ânimo. Ela é capaz de transmitir uma energia transformadora, irradiando positividade e contagiando todos ao redor. A alegria se revela como uma dádiva preciosa que revigora e ilumina, permitindo que mesmo nas situações mais desafiadoras se encontre um motivo para sorrir e celebrar a vida (2011, p.11.37).

Na interpretação de Barth (1979), Paulo suporta as algemas "em Cristo", ou seja, é por intermédio de Cristo que age em seu cativeiro. Em Fl 1,12-14, o Apóstolo expressa: "quero que saibas, irmãos, que a minha situação conduziu antes ao progresso do evangelho. Pois em todo o pretório e junto a todos os demais se tornou conhecido que estou na prisão por causa de Cristo, e a maioria dos irmãos - no Senhor confiando em minhas algemas - ousa cada vez mais proclamar destemidamente a palavra."

De acordo com Barth, o que importa é que se torne evidente que ele está sofrendo por causa de Cristo. Nesse sentido, a confiança que os irmãos têm no cativeiro de Paulo, só pode ser compreendida pela afirmação "no Senhor". "Essa confiança não se fundamenta na pessoa de Paulo, em seu heroísmo, sua coragem humana, mas está condicionada pela confiança no Senhor" (Barth, 1979, p. 26).

Desse modo, pode-se afirmar que os companheiros de Paulo reconhecem que seu sofrimento é sofrimento em comunhão com Cristo, participação na cruz de Cristo Jesus, com isso, fortalecendo a fé que se projeta na procla-

mação intrépida do Evangelho. Dessa experiência profunda na configuração com Cristo, o Apóstolo dos gentios, encontra uma alegria paradoxal. Uma alegria oriunda da identificação com o mistério da Paixão, morte e ressurreição de Cristo.

O Apóstolo reitera sua ação de graças, diante da generosidade da comunidade dos filipenses, exultando de alegria "no Senhor", pelos auxílios financeiros enviados na ocasião de sua prisão. O trecho da carta referente a esse agradecimento se encontra em Fl 4,10-20.

De modo paradoxal, Paulo expressa um contentamento que se origina de uma experiência profunda de confiança "naquele que tudo pode": "falo assim não por causa das privações, pois aprendi a adaptar-me às necessidades; sei viver modestamente, e sei também como haver-me na abundância; estou acostumado com toda e qualquer situação: viver saciado e passar fome; ter abundância e sofrer necessidade. Tudo posso naquele que me fortalece" (Fl 4,11-13). As circunstâncias que envolvem o Apóstolo são desagradáveis, mesmo assim, ele se alegra e encontra força no Senhor.

Mendonça considera o apóstolo Paulo como mestre da alegria cristã. Já se constatou que alegria é uma categoria que marca profundamente a relação de Paulo com a comunidade dos Filipenses, pois esta liga-se a situações concretas que vão sendo experimentadas no decorrer das atividades missionárias.

> A exortação à alegria pretende reconduzir o cristão e a comunidade para lá dos fatos contingentes àquele fundo de serenidade que é determinado pela presença consciente de quem sabe que, doravante, a vida do homem está mergulhada, através do mistério de Cristo, no próprio Deus" (2013, p. 167).

Alegrar-se sempre no Senhor, significa que a alegria não irrompe numa adesão extrínseca, mas implica comunhão, mergulhar a vida inteira "no Senhor", e fixar-se aí, radicados, moldados, escondidos, enterrados, como a certa altura Paulo esclarece que o alegrar-se no Senhor não corresponde a uma experiência de entusiasmo superficial, mas o reconhecimento da defini-

tividade do Ressuscitado sobre todos os acontecimentos e sobre a extensão global da vida (Mendonça, 2013, p. 161-162).

De modo explícito e implicitamente, o anúncio paulino da alegria está profundamente ligado à ressurreição do Senhor como já se pode detectar nos textos da carta aos Filipenses (Fl 1,15-20; 2,17). A experiência do Apóstolo gravita em torno da Palavra do Senhor que é fonte sublime de alegria na própria vida como também na vida da comunidade que o imita.

Em Paulo, nota-se que a persistência da alegria nas tribulações e sofrimentos pode ser compreendida como aceitação do evangelho do Ressuscitado que é o Crucificado. O Apóstolo vive o evangelho da alegria, pois aí está a revelação do mistério de Cristo em sua vida. Desse modo, "Paulo não convida à indiferença ou à impassibilidade perante as crises e os conflitos da vida, mas sim ao fator decisivo por excelência: o evento do Ressuscitado, sobre o qual, fiel e criativamente, é chamada a construir-se toda a existência cristã" (Mendonça, 2013, p. 167).

Apesar das provações, de relações turbulentas e incompreensões, "existe um admirável crescendo na narrativa das cartas em que se desenvolve o nexo, apaixonado e escondido, entre a vida do Mestre e a do discípulo, entre o Senhor Morto e Ressuscitado e o Apóstolo chamado a um *morrer-com* e a um *ressurgir-com* (Mendonça, 2013, p. 161). Nessa configuração com o Senhor, a experiência da alegria para Paulo é uma possibilidade de assumir total e intimamente o destino do próprio Cristo.

São João Crisóstomo comenta Fl 4,4 em uma de suas vigorosas homilias sobre o imperativo paulino de alegrar-se sempre e em todo lugar, sob quaisquer circunstâncias, exortando: "Repito: alegrai-vos!"

> Estimula-os e mostra-lhes que aquele que está em Deus tem sempre motivo de alegrar-se. Se sofre tribulação, ou padece algo, sempre se alegra. Escuta o que Lucas narra sobre os apóstolos: "quanto a eles, deixaram o Sinédrio, muito alegres de terem sido julgados dignos de sofrer ultrajes pelo Nome" (At 5,41). Se flagelos e algemas, que parecem as coisas mais dolorosas de todas produzem alegria, o que pode causar-nos tristeza? "Repito: Alegrai-vos!" Com razão repete

> a palavra. Desde que o evento por natureza acarreta tribulação, ele manifesta com a repetição que em todas as circunstâncias importa alegrar-se (2013, p. 500-501).

O segredo dessa alegria não está baseado nas meras circunstâncias da vida ou nos eventos corriqueiros da vida. A alegria paulina, como já se frisou ao longo desta pesquisa, está alicerçada em Deus, é uma alegria que tem sua fonte em Deus, vem do interior do coração e tem também, uma perspectiva escatológica.

A experiência da prisão, longe de silenciar o discurso paulino sobre a alegria, constitui o horizonte concreto a partir do qual essa categoria teológica é elaborada na Carta aos Filipenses. A condição de privação de liberdade, insegurança e exposição à morte não elimina a possibilidade da alegria, mas redefine seu fundamento, deslocando-o das circunstâncias externas para a relação de confiança em Cristo e para a comunhão com a comunidade.

A compreensão paulina da alegria, elaborada em um contexto marcado pela prisão e pela vulnerabilidade existencial, oferece uma chave hermenêutica relevante para pensar a experiência da alegria em contextos de sofrimento psíquico contemporâneo, nos quais a ausência de bem-estar não elimina, necessariamente, a possibilidade de uma alegria enraizada em sentidos mais profundos da existência.

Ao desvincular a alegria das condições externas favoráveis, a Carta aos Filipenses questiona implicitamente uma compreensão instrumental da felicidade, típica de contextos marcados pela lógica da eficiência e do desempenho, nos quais o valor do sujeito tende a ser medido por sua produtividade e sucesso.

Essa configuração da alegria, elaborada em um contexto de limitação e sofrimento, oferece uma perspectiva hermenêutica relevante para pensar a possibilidade da alegria em situações contemporâneas marcadas por vulnerabilidade, perda de controle e experiências de confinamento existencial, sem que isso implique uma transposição direta entre contextos históricos

distintos. A prisão de Paulo, assim, não funciona apenas como dado biográfico, mas como lugar teológico a partir do qual a alegria cristã é compreendida em sua dimensão paradoxal.

2.1.5 Análise estrutural da Carta

Neste trabalho, apresenta-se o esquema estruturado da carta segundo Pitta, através do qual se fará um breve comentário acerca do núcleo conteudístico descrito no corpo epistolar como parte central da carta. O progresso do Evangelho de Cristo é o que importa na construção da retórica greco-romana empregada por Paulo. Observa-se que nessa estrutura:

> sobre o gênero da carta foram feitas várias suposições: de amizade ou familiar, de agradecimento pela ajuda econômica enviada a Paulo, deliberativa, demonstrativa, psicagógica ou orientada para guiar os espíritos, exortativa e conforto para a provação enfrentada pelos destinatários (Pitta, 2019, p. 269).

Observa-se que um denso laço de amizade e afeto dá cor a essa carta. A carta é marcada por uma forte tonalidade afetiva, expressa em categorias como gratidão, comunhão e alegria. Baseando-se no esquema proposto por Antonio Pitta, descreve-se a estrutura da carta:

Introdução epistolar (Fl 1,1-11):
Pré-escrito (1,1-2);
Agradecimento (1,3-11).
O corpo epistolar (Fl 1,12-4,1):
O progresso do Evangelho (1,12-30);
Exortações e mimese de Cristo (2,1-3,1_a);
Elogio de si mesmo e mimese de Paulo (3,1_b-4).
Conclusão epistolar (Fl 4,2-23):
Exortações epistolares (4,2-9);
As ajudas econômicas e autossuficiência (4,10-20);
O pós-escrito (4, 21-23).

(PITTA, 2019, p. 269)

Na estrutura formulada por Pitta, observa-se que entre exortações, mimese de Cristo e Paulo, nota-se as rupturas que ocorrem nas passagens de 3,1a (“finalmente, irmãos, alegrai-vos no Senhor”) e 3,1b-2 (“escrever-vos as mesmas coisas não me é penoso e é seguro para vós. Cuidado com os cães! Cuidado com os maus operários! Cuidado com os falsos circuncidados!). Diante dessa mudança brusca de tom e de conteúdo, questiona-se como é possível conciliar a exortação a se “alegrarem no Senhor” com o discurso virulento contra seus adversários, visto que ainda não aparecem no texto? Por essa razão alguns biblistas e comentaristas da epístola, dentre estes, Havener (1999, p. 253-254); Légasse (1984, p.13) consideram que na sua origem, o atual texto da Carta aos Filipenses, seriam três Cartas, que foram unificadas posteriormente por um redator. Esses autores consideram a seguinte divisão: Carta A (4,10-20), Carta B (Fl 1,1-3,1a; 4,4-7.21-23) e Carta C (Fl 3,1b-4,3.8-9). Nesta Dissertação, consideramos o texto atual de Filipenses sem essas divisões porque atualmente, há biblistas que questionam essa teoria das múltiplas cartas.

O grande anseio do apóstolo Paulo era que o evangelho fosse anunciado apesar das tensões e resistências por parte de seus adversários. A alegria no Senhor constitui um elemento estruturante da espiritualidade paulina (Fl 3,1; 4,1). De fato, a centralidade de Cristo, a comunhão e a alegria cristã são essenciais para compreender Filipenses. A alegria constitui um eixo teológico fundamental que atravessa as exortações e recomendações de Paulo à comunidade.

Por certo, desta alegria, o “Senhor” é ao mesmo tempo a fonte e a razão de ser; mas ela é usufruída em comunidade-igreja, sendo inseparável das relações que se estabelecem entre seus membros. Tanto assim que, diferentemente de uma alegria puramente natural e espontânea, e como o amor do qual é o derivado normal, esta alegria pode ser o objeto de um preceito (Fl 3,1a; 4,4; 2 Cor 13,11) (Légasse, 1984, p. 62).

Num exórdio teórico encontrado em Fl 1,3-11, são introduzidos os termos principais que serão vistos no desenvolvimento do corpo epistolar: *euangélion* (evangelho, v. 5.7), *cháris* (graça, v. 7), *koinonía* (coparticipação v. 5.7), *chará* (alegria, v.4), *agápe* (amor v.9) etc. Nesta investigação, o foco será o termo *chará,* a alegria experimentada por Paulo no processo de sofrimento pelo evangelho, pois, a ideia básica da carta aos Filipenses é: "alegrai-vos no Senhor" (Fl 3,1; 4,4.1). Nota-se também, que os cognatos mais comuns de alegria (*chara*, "alegria interior", e *chairein,* "alegrar-se") derivam da mesma raiz *char-* que é a palavra grega para "graça", *charis;* de modo que há uma ligação intrínseca entre os dois conceitos.

Com esses elementos, constata-se que a carta é esboçada no horizonte de uma comunhão positiva entre Paulo e os destinatários a partir da partilha do evangelho e da coparticipação do fruto da justiça (Pitta, 2019, p. 272). Essa alegria irrestrita de Paulo em meios aos sofrimentos é a temática principal de toda a comunicação paulina aos Filipenses.

A carta apresenta um dos paradoxos mais inspiradores e admiráveis de Paulo: o convite a viver a alegria em meio ao sofrimento e à perseguição. Pois ele mesmo experimentara em seu corpo as represálias por anunciar Jesus e a Ressurreição. Notável é a rejeição e incompreensão por parte dos seus ouvintes na ágora de Atenas (At 17,16-21). Memorável é o seu discurso no Areópago diante de filósofos e autoridades atenienses (At 17,22-34).

Filipenses é uma carta de estilo extremamente pessoal como já se evidenciou no texto acima. Impressiona como a alegria é um dos temas recorrentes e mais reiterados nesta carta, precisamente quando Paulo se acha na prisão, ameaçado de uma condenação à morte, assaltado pelas preocupações que carrega a respeito de todas as igrejas. Mas a fonte da sua alegria está em Cristo. E Apesar desta constatação Filipenses está demarcada por controvertidas dificuldades.

De uma composição retórico-literária, a carta aos filipenses utiliza a terminologia da "Alegria", da participação pessoal de Paulo no evento de Cris-

to, do "sentir/discernir" dos fiéis em conformidade à própria vocação, como também da exortação para a comunhão recíproca.

O texto se articula numa alternância entre comunicações epistolares e argumentações. Isso pode esclarecer o aparecimento da seção 4,10-20 na carta C e a presença de notícias de viagem em Fl 2. Chama atenção "o relevante paralelismo tanto lexical quanto de estrutura de pensamento entre o exemplo de Cristo em Fl 2,6-10 e o exemplo de Paulo em Fl 3,4-11" (Rivasi, 2022, p. 604). Conforme o Dicionário de temas teológicos:

> o pano de fundo epistolar (1,1-2; 4,21-23) apresenta como tema as relações entre Paulo e a comunidade, enfatizando a coparticipação desta no trabalho apostólico, desde o início da evangelização até a prisão que se seguiu (Fl 1,5.7;4,14.15). Elas constituem o exórdio Fl 1,3-11 e o epílogo (Fl 4,10-20) de uma carta que se caracteriza pela ênfase colocada nas relações entre o apóstolo e a comunidade (Strola, 2022, p. 605).

O motivo da carta A expressa a gratidão do Apóstolo (Fl 4,10-15). Paulo responde da única maneira que o ser humano pode e deve fazer: com um sentimento profundo de alegria e gratidão. Numa leitura cuidadosa da carta, detecta-se que a figura principal que permeia as palavras de Paulo, imutavelmente e em todas as circunstâncias é Cristo. "Ele reluz de forma ímpar desde o primeiro até o último versículo, é a paixão única e dominante do apóstolo e o modelo indiscutível de todos os cristãos, o Senhor da igreja, da história, do universo e do apóstolo, o baluarte da subversão humanizadora" (Quiroz, 2022, p. 1541).

Ademais, a carta tem uma exortação à unidade, utilizando com muita frequência os termos gregos *chará/chaíro,* "alegria/alegrar-se" (Fl 2,2.17.18) e o convite para que a comunidade evite o interesse, a vanglória, as murmurações e discussões (Fl 3,14-16) são bastante expressivos na composição paulina. Na oração de Paulo como na sua preocupação apostólica, prevalece a alegria. Como afirma Brown:

> Filipenses foi classificada como um exemplo da retórica da amizade. Contém uma das mais bem conhecidas e amadas descrições neotestamentárias da graciosidade de Cristo: aquele que se esvaziou e assumiu a forma de servo, até à morte numa cruz (2004, p. 641).

O desafio é descobrir de que maneira essa Carta aos Filipenses, situada na história e no tempo, pode interpelar os cristãos nas comunidades contemporâneas, na tentativa de responder as angústias e sofrimentos de nosso tempo. A cultura contemporânea com seu elã digital, quer receber o auxílio da Boa Notícia de Jesus?

Nas reflexões que seguem, utilizar-se-á os comentários contemporâneos de base histórico-crítica de Joachim Gnilka, Antonio Pitta e José Comblin como aporte teórico para o aprofundamento da reflexão acerca do tema da alegria nas adversidades.

2.2 O SENTIDO DA ALEGRIA NA CARTA AOS FILIPENSES

Constatou-se que a alegria é uma categoria que marca profundamente a Carta aos Filipenses. Na carta, o termo aparece mais que 14 vezes junto a termos similares. Como substantivo: χαρά (*chará*) 1,4; 1,25; 2,2; 2,29; 4,1 e como verbo: χαίρω (*chaíro*): 1,18 (duas vezes); 2,17; 2,18; 2,28; 3,1; 4,4 (duas vezes); 4,10.

Na exposição que segue, procura-se deixar mais claramente possível o sentido do termo utilizado por Paulo no contexto da Carta.

Em Fl 1,4, tem-se o seguinte: *πάντοτε ἐν πάσῃ δεήσει μου ὑπὲρ πάντων ὑμῶν, μετὰ* ***χαρᾶς*** *τὴν δέησιν ποιούμενος* (e sempre em todas as minhas súplicas oro por todos vós com alegria)[1]. ***χαρᾶς (charás)*** é um substantivo feminino singular. Está no caso genitivo e significa alegria, satisfação; alegria recebida de outrem; causa ou ocasião de alegria. Esta expressão semítica subjacente ao texto significa antes de tudo festejar, compartilhando a alegria.

1 Estes e outros versículos subsequentes foram extraídos da tradução da Bíblia de Jerusalém (2002).

E, em Fl 1,18, lê-se: *τί γάρ; πλὴν ὅτι παντὶ τρόπῳ, εἴτε προφάσει εἴτε ἀληθείᾳ, Χριστὸς καταγγέλλεται, καὶ ἐν τούτῳ* ***χαίρω*** *ἀλλὰ καὶ* ***χαρήσομαι,*** (Mas que importa? De qualquer maneira - ou com segundas intensões ou sinceramente - Cristo é proclamado, e com isso me regozijo. Mas me regozijo). ***Χαίρω*** (*chaíro*) verbo primário no presente do indicativo ativo e na 1ª pessoa do singular. Significa alegrar-se e regozijar-se. ***χαρήσομαι*** *(charēsomai)* verbo no futuro do indicativo passivo, 1ª pessoa do singular. O Apóstolo olha o tempo na perspectiva de futuro volitivo, indicando uma decisão da vontade. Essa alegria aqui expressa está orientada para o futuro. É um futuro progressivo, isto é, afirma que uma ação estará em andamento num futuro próximo.

O texto de Fl 1,25 traz o seguinte: *καὶ τοῦτο πεποιθὼς οἶδα ὅτι μενῶ καὶ αραμενῶ πᾶσιν ὑμῖν εἰς τὴν ὑμῶν προκοπὴν καὶ* ***χαρὰν*** *τῆς πίστεως* (Convencido disso, sei que ficarei e continuarei com todos vós, para proveito vosso e para alegria de vossa fé). A palavra ***χαρὰν*** *(charan)* é substantivo feminino e está no caso acusativo singular.

Fl 2,2 afirma: *πληρώσατέ μου τὴν* ***χαρὰν*** *ἵνα τὸ αὐτὸ φρονῆτε, τὴν αὐτὴν ἀγάπην ἔχοντες, σύμψυχοι, τὸ ἓν φρονοῦντες*, (levai a plenitude minha alegria, pondo-vos acordes no mesmo sentimento, no mesmo amor, numa só alma, num só pensamento).

Novamente, aparece o substantivo feminino ***χαρὰν*** *(charan)* que está no acusativo singular.

Em Fl 2,17, Paulo declara: *ἀλλὰ εἰ καὶ σπένδομαι ἐπὶ τῇ θυσίᾳ καὶ λειτουργίᾳ τῆς πίστεως ὑμῶν,* ***χαίρω*** *καὶ* ***συγχαίρω*** *πᾶσιν ὑμῖν* (Mas, se o meu sangue for derramado em libação, em sacrifício e serviço da vossa fé, alegro-me e me regozijo com todos vós). ***χαίρω*** (*chaíro)* verbo no presente do indicativo ativo e 1ª pessoa do singular: me alegro e me regozijo. Aparece o mesmo verbo **Συγχαίρω** (*synchaírō*) com a preposição *syn*, significa alegrar-se com ou compartilhar da alegria de alguém.

O texto de Fl 2,18 exorta: τὸ δὲ αὐτὸ καὶ ὑμεῖς χαίρετε καὶ συγχαίρετέ μοι (e vós também alegrai-vos e regozijai-vos comigo). χαίρετε (chairete) ver-

bo no presente, imperativo ativo, 2ª pessoa do plural. Alegrai-vos e regozijai-vos.

Fl 2,28 declara: πουδαιοτέρως οὖν ἔπεμψα αὐτὸν ἵνα ἰδόντες αὐτὸν πάλιν χαρῆτε κἀγὼ ἀλυπότερος ὦ. (Por isso apressei-me a enviá-lo: assim podeis revê-lo e com isso vos alegrareis, e eu mesmo fico menos triste). χαρῆτε (charēte) forma verbal no aoristo, no modo subjuntivo passivo; 2ª pessoa do plural. Significa tornar contente, causar alegria, satisfação.

Paulo exorta em Fl 2,29: *προσδέχεσθε οὖν αὐτὸν ἐν κυρίῳ μετὰ πάσης* ***χαρᾶς****, καὶ τοὺς τοιούτους ἐντίμους* ἔχετε (Recebei-o, pois, no Senhor com toda a alegria e tende em grande estima pessoas como ele). Aparece o substantivo feminino ***χαρᾶς*** (*charas)* que está no singular, no caso genitivo.

Novamente exorta em Fl 3,1a: *Τὸ λοιπόν, ἀδελφοί μου,* ***χαίρετε*** *ἐν κυρίῳ. τὰ αὐτὰ γράφειν ὑμῖν ἐμοὶ μὲν οὐκ ὀκνηρόν, ὑμῖν δὲ ἀσφαλές* (Finalmente, irmãos, regozijai-vos no Senhor. Escrever-vos as mesmas coisas não me é penoso e é seguro para vós) Novamente aparece o verbo no presente do imperativo ativo e na 2ª pessoa do plural. ***χαίρετε*** *(chairete)* que quer dizer regozijai-vos.

E em Fl 4,1 com afeto: *ὥστε, ἀδελφοί μου ἀγαπητοὶ καὶ ἐπιπόθητοι,* ***χαρὰ*** *καὶ στέφανός μου, οὕτως στήκετε ἐν κυρίῳ, ἀγαπητοί* (Assim, irmãos amados e queridos, minha alegria e coroa, permanecei firmes no Senhor, ó amados). A palavra ***χαρὰ*** (*chara*) é um substantivo que está no caso vocativo e feminino singular. Paulo utiliza a mesma expressão afetuosa e carinhosa para com sua igreja, semelhante à usada em 1Ts 2,19; 3,9 (Sim, sois vós a nossa glória e a alegria nossa).

E, com uma repetição categórica e imperativa em Fl 4,4: ***Χαίρετε*** *ἐν κυρίῳ πάντοτε· πάλιν ἐρῶ,* ***χαίρετε.*** (Alegrai-vos sempre no Senhor! Repito: alegrai-vos!) Paulo exorta os filipenses a uma alegria constante no Senhor utilizando a forma verbal ***χαίρετε*** *(chairete)* no presente do imperativo ativo e na 2ª pessoa do plural. O presente do imperativo demanda uma ação habitual e contínua. “Alegrai-vos” está presente no início e no fim da sentença.

Em Fl 4,10 ler-se: Ἐχάρην δὲ ἐν κυρίῳ μεγάλως ὅτι ἤδη ποτὲ ἀνεθάλετε τὸ ὑπὲρ ἐμοῦ φρονεῖν, ἐφ’ ᾧ καὶ ἐφρονεῖτε ἠκαιρεῖσθε δέ 2 (Foi grande a minha alegria no Senhor, porque, finalmente, vi florescer vosso interesse por mim; verdade é que estava sempre alerta; mas não tínheis oportunidade) A palavra Ἐχάρην (Echarēn) é uma forma verbal que está no aoristo (pretérito não qualificado de um verbo sem referência à duração ou conclusão da ação), modo indicativo passivo e 1ª singular. A forma do verbo primário é χαίρω (chaírō) e significa alegrar-se, regozijar-se, estar contente, ficar extremamente alegre.

Após essa exposição analítica destacando o vocábulo Alegria, na sua condição de verbo ou substantivo, presente no discurso argumentativo de Paulo aos Filipenses, passa-se ao aprofundamento do sentido desta na epístola paulina. O que Paulo quer comunicar à comunidade? Seria a alegria um princípio fundamental para a vivência do evangelho pregado por ele?

Até aqui se compreende que a palavra alegria corresponde ao grego *chará* e significa contentamento interior, equilíbrio harmônico espiritual pela consecução das inspirações. E *chaire* era a saudação costumeira entre os gregos, para os quais o melhor voto auspicioso era do equilíbrio sereno e imperturbado do espírito (Belinatto,1979, p. 218).

Considerando essas nuanças do vocábulo alegria como um sentimento que surge de uma experiência profunda de Deus, estudiosos apontam que “fundamentalmente o anúncio evangélico na sua globalidade de palavra e evento é a mensagem da boa nova de que no Cristo Jesus se cumpre de maneira paradoxal o evento escatológico da alegria de Deus comunicada aos homens” (Strola, 2022, p. 58).

Do começo ao fim, a carta é transpassada pela alegria, aqui compreendida não como um mero sentimento, uma emoção passageira, mas como uma condição de possibilidade que nem mesmo a condenação à morte pode

2 Todos os textos em grego que seguem, foram tirados da Bíblia Interlinear no site: https://search.nepebrasil.org/interlinear/?livro=50&chapter=4&verse=1

vir a desestabilizar. O intenso parágrafo de Fl 1,18c-26 traz informações sobre a situação dos filipenses, mas, sobretudo, demonstra a certeza do Apóstolo, conforme Barth:

> pois para Paulo o importante não é ele mesmo, mas a causa do evangelho. Ele se alegra sobre o fato de que Cristo, em todos os casos, está sendo proclamado, de um modo ou de outro. Após o v.4, é a segunda vez que vem à tona o tema da alegria. Esta alegria tem seu motivo em que a vitória de Jesus Cristo está avançando soberanamente na forma futura: ela é determinante para o presente e o futuro do cristão, constituindo, portanto, uma característica essencial da existência cristã (1979, p. 29).

Esse futuro do Apóstolo é um futuro imediato e está determinado pela mesma alegria da confiança na salvação. Desse modo, Paulo exorta os filipenses a se comportarem como cidadãos dignos de evangelho de Cristo: "Só uma coisa é importante: conduzi vossa vida de modo que corresponda ao evangelho de Cristo" (Fl 1,27-30). Com esta admoestação, compreende-se que "o Evangelho é o bem mais precioso que Paulo deixa em seus testamentos para a comunidade de Filipos: mas trata-se de um Evangelho que requer um constante discernimento pessoal comunitário no modo de avaliar o que mais conta nas escolhas decisivas" (Pitta, 2019, p. 262).

Seguindo a lógica do Apóstolo, todo ser humano pode fazer um caminho de discernimento em meio às provas e sofrimentos, até conseguir contemplar a realidade com o olhar de Deus, forjar convicção que o desígnio de Deus é promessa de felicidade e desejar este destino para ele e para toda a humanidade. As exortações de Paulo que seguem as admoestações à uma conduta conveniente, demonstra que viver em conformidade ao Evangelho de Cristo é viver de forma digna do evangelho que foi dado, correspondendo a essa dádiva concedida como fator determinante do modo de viver para Cristo a quem pertencem (Barth, 1979, p. 39).

Para entender essa exortação de Paulo é necessário enxergar a relação entre Paulo e Cristo, sua vida, a tal ponto de considerar a morte como um ganho. A perícope Fl 1,18c.25 é emoldurada pelo tema da alegria de Pau-

lo e dos seus destinatários. Há uma razão profunda para que Paulo, embora prisioneiro, esteja repleto de alegria? A exortação à alegria soa como capacidade de adaptação à mudança em situações de conflitos e tensões.

A alegria caracteriza um imperativo prático e deve tornar-se condição *sine qua non* para a vivência do evangelho de Paulo, que é Cristo, em meio às adversidades. Nesse entendimento afirma Barth:

> Essas admoestações mostram a tendência tipicamente paulina existente entre o indicativo e o imperativo, segundo a qual o imperativo da admoestação é fundamentado pelo indicativo da afirmação de salvação; ela encontra sua formulação particularmente incisiva em Gl 5,25: "Se vivemos no Espírito, andemos também no Espírito" (1979, p. 39).

Em Fl 2,2, Paulo exorta a comunidade a viver na concórdia e na unidade. Paulo sabe por experiência própria quão facilmente nascem nas comunidades as rixas e os conflitos. Ele percebeu sinais disso em Filipos (Fl 1,27; 2,14; 4,2) e, por isso, exorta seus destinatários à unidade e à concórdia. Este tipo de exortação, recorrente em Paulo, não contradiz a alegria confiante que reina em toda a epístola. A unidade só se realizará por uma vida de humildade, abnegação e serviço de que o próprio Cristo deu o exemplo.

Nota-se aqui, que a relação com Cristo simplifica tanto as situações de provação e sofrimento enfrentadas por Paulo (Fl 1,12-18b), quanto aquelas das pessoas da comunidade, forçadas a sofrer por Cristo num contexto civil (Fl 1,27-30).

O contexto da carta expressa a alegria pela difusão do evangelho, ou seja, o progresso do Evangelho nas adversidades. Entende-se que até os próprios adversários são incluídos expressamente na alegria apostólica, pois, apesar de tudo, eles anunciam a Cristo. "E mesmo que o meu sangue deva ser derramado em libação no sacrifício e no serviço de vossa fé, eu me alegro com isso e me rejubilo com todos vós. Assim também vós, alegrai-vos e rejubilai-vos comigo" (Fl 2,17-18).

Em um comentário clássico à epístola, Gnilka escreve: “ao lado do agradecimento toma lugar a alegria. Esta alegria de quem está privado da liberdade não pode ser alimentada por fontes naturais. Ela jorra de Deus e inunda Paulo quando ele se recorda dos Filipenses, de todos eles. Sem nenhuma exceção” (1978, p. 20).

Em Fl 4,10, o Apóstolo expressa de modo afetivo sua alegria pelo reconhecimento dos Filipenses: “Eu muito me alegrei no Senhor por ter o vosso interesse por mim podido enfim reflorescer”. Nesse enquadramento da carta compreende-se que:

> em condições de cativeiro, os pontos de referência não devem ser perdidos para enfrentar adversidades; e o único ponto de referência para Paulo é Jesus Cristo, do qual emergem os valores mais autênticos: a ágape, a unidade entre os irmãos, a alegria, a obediência da fé e a humildade (Pitta, 2019, p. 275).

Diz o Apóstolo: “De sorte que, irmãos bem-amados, que eu tanto desejo rever, vós, minha alegria e minha coroa, ficai firmes deste modo no Senhor, meus bem-amados” (Fl 4,1). Tendo como referência o Cristo e sua mimese, Paulo exorta a comunidade a permanecer firme na alegria que vem do Senhor. Todavia, como internalizar uma alegria um tanto quanto paradoxal?

Pitta considera a alegria evocada em Filipenses como uma experiência desconcertante, ou seja, é uma condição e não um sentimento que se experimenta no sofrimento e na indigência econômica, no confronto com a morte iminente, mas, no entanto, é a única oportunidade que oferece o testemunho de uma fé radical na ressurreição, cruzando no caminho da cruz de Cristo, o vale da morte (2019, p. 292).

Essa perspectiva de viver o testemunho do Evangelho no mundo hodierno, desafia os crentes a um modo de vida irradiado pela alegria, apesar do sofrimento e da dor. Em Fl 2,17-18, Paulo expressa: “E mesmo que o meu sangue deva ser derramado em libação no sacrifício e no serviço de vossa fé, eu me alegro com isso e me rejubilo com todos vós. Assim também vós,

alegrai-vos e rejubilai-vos comigo.” A alegria sentida pelos filipenses poderia mitigar a tristeza do Apóstolo, consolando-o em seu confinamento.

O pensamento da alegria reveste as argumentações paulinas num propósito único: o anúncio de Cristo. Agora se percebe claramente que esta alegria ultrapassa as fronteiras das experiências, sendo o estado natural da vida cristã, pois os cristãos devem viver sempre alegres na paz e na constância. Essa possibilidade de alegria para Paulo significa, antes de tudo, a possibilidade real de condividir, íntima e plenamente, o destino de Cristo (Fl 2,17-18).

Desse modo, compreende-se que a mensagem de Filipenses acena para o sentido da alegria do discípulo na plena participação do destino do mestre. Alegrar-se “no Senhor”! (Fl 3,1; 4,4.10) A alegria na cotidianidade concreta da experiência do Ressuscitado, que, mesmo na prova, dá a paz e a exultação escatológica. É possível afirmar que o conteúdo da alegria é o próprio Espírito que habita no cristão e produz os frutos que caracterizam a vida na fé da ressurreição. Neste horizonte de sentido, reitera Bouttier:

> a alegria de Paulo em receber os subsídios dos filipenses é experimentada “no Senhor” (4,10), assim como seus correspondentes são convidados a se alegrarem igualmente “no Senhor” (3,1;4,4). Se eles são “unânimes”, visto o feliz desfecho que lhes é garantido no fim deste mundo, é “no Senhor” (4,1). Mas é também “no Senhor” que Evódia e Síntique devem evitar desentendimentos e disputas (4,1). Finalmente, a coragem dos pregadores do Evangelho depende diretamente desta situação e dela se sustenta (1,4) (Bouttier apud Légasse, 1984, p. 23).

Nessa lógica de interpretação, pode-se compreender que a própria provação, que, de formas sempre diversas, marca inevitavelmente a vida dos que creem, é vista como parte de um júbilo paradoxal no qual se concretiza a própria pertença ao Senhor ressuscitado, até a plena identificação com o seu caminho pascal (Strola, 2022, p. 60).

A alegria experimentada por Paulo é uma alegria no meio da tribulação, da privação e das provações por causa do Evangelho. É oriunda da experiência com o Crucificado-Ressuscitado, ou seja, tem origem no mistério pas-

cal do Cristo e seu próprio mistério pessoal. Compreende-se assim que essa alegria é uma passagem do sofrimento e da dor humana, para uma exultação do ser que transborda, em consequência de uma realidade que se transfigura da morte para a vida.

Havener entende que os filipenses assumiram um modo de vida por Cristo que significa envolvimento e fé por causa dele, assim como sofrer por ele e engajar-se na luta pelo evangelho seguindo o exemplo de Paulo. Decerto, que a vida cristã tem essa característica: tomar a cruz, estar juntos no testemunho e na comunidade, alegrando-se, apesar do limiar do martírio (1999, p. 257).

A alegria relaciona-se com situações concretas vividas pelas pessoas na comunidade. Como estado de espírito, a alegria tem o poder de chamar à realidade e constituir uma espécie de termômetro para atestar a saúde interior do apóstolo Paulo. A alegria está ligada explicitamente à ressurreição do Senhor (Fl 1,15-20; 2,17), acolhendo a Palavra em plena tribulação com a alegria do Espírito Santo.

Portanto, a alegria centra-se no essencial do mistério cristão. Paulo exorta a comunidade a alegrar-se sempre "no Senhor" (Fl 2,19). Este é o chamado universal para viver a alegria. Importa compreender que o percurso de fé ficaria vazio, incompleto, se não se adere visceralmente ao Evangelho do Cristo Crucificado- Ressuscitado. Pois tudo isso,

> não se realiza apenas em atos e modos de agir propriamente religiosos, mas da mesma maneira através dos sentimentos e condutas da vida humana corrente: alegrias e contrariedades, acolhida e amizade, vida conjugal, até as simples saudações epistolares (1Cor 16,19), tudo se acha penetrado pela reorientação fundamental da criatura para seu Deus no amor de seus semelhantes (Bouttier apud Légasse, 1984, p. 24).

Com essas considerações, acredita-se que alegria é a disposição mais profunda do cristão e provém do Espírito. "O fruto do Espírito é amor, alegria e paz" (Gl 5,22). O seu motivo é o conjunto da obra de Deus, tudo o que Cris-

to está fazendo. A alegria procede, assim, da confiança no futuro. É possível suportar a luta da vida com circunstâncias externas e com a ansiedade interior, pois "o Senhor está próximo!"

A análise semântico-teológica dos termos χαρά e χαίρω na Carta aos Filipenses evidencia que a alegria, no horizonte paulino, não se reduz a um estado emocional passageiro nem se vincula exclusivamente a circunstâncias favoráveis, mas assume o estatuto de uma disposição existencial enraizada na relação com Cristo e na experiência comunitária da fé.

Essa compreensão da alegria, articulada em um contexto marcado pela adversidade e pela vulnerabilidade, oferece uma chave hermenêutica significativa para pensar os desafios contemporâneos em torno da experiência da alegria, especialmente em contextos nos quais o sofrimento, a instabilidade e o esgotamento tendem a obscurecer a possibilidade de uma vivência positiva da existência. Sem estabelecer paralelos diretos ou aplicações imediatas, a perspectiva paulina sugere que a alegria pode subsistir mesmo em cenários adversos, deslocando seu fundamento do âmbito das condições externas para o campo do sentido teológico e relacional.

2.3 A ALEGRIA COMO FRUTO DO ESPÍRITO SANTO

Afirmando acima que o conteúdo da alegria é o próprio Espírito que habita no cristão (2Cor 6,6), como dom do Espírito, então, a alegria toma corpo no encontro do Apóstolo com as comunidades (1Ts 2,19; Fl 4,1) nas quais continua, pela fé e pelo dom da graça, a presença do ressuscitado.

A alegria do apóstolo Paulo é o efeito daquilo que Cristo cumpriu para com ele e se tornou palpável na vida comum dos irmãos. De acordo com Bauer, a "alegria é o que sente quem está feliz. Na Sagrada Escritura a alegria, transcendendo sempre mais seu sentido terrestre, vai se tronando a marca da salvação que se aproxima; que já começou; que se consumará" (2000, p. 2).

Neste escrito paulino, "a profundidade da alegria cristã, que abraça a dor humana e a transfigura na cruz salvífica de Cristo, recebe ulteriores desenvolvimentos nos últimos escritos do NT: a alegria do discípulo se cumpre quando ele participa do destino do seu mestre" (Ravasi, 2022, p. 60). Como exemplo magno, Cristo, ungido com o óleo da alegria devido a sua justiça (Hb 1, 9), entrega-se com alegria à cruz, para poder dar aos irmãos uma vida de alegria.

Na plenitude da alegria do Cristo Jesus, que na sua Páscoa assumiu e transfigurou a dor humana, os discípulos participam da alegria de Deus e a irradiam no contagiante testemunho de seu amor. A alegria está em relação muito particular com o Espírito Santo (At 13,52; Rm 14,17; 1Ts 1,6). O Senhor promete a alegria aos seus: como grande recompensa depois da perseguição (Mt 5,12), como consequência certa depois do sofrimento porque ele virá e ninguém lhes tirará a alegria (Jo 16,20).

Na tradição dos escritos neotestamentários, a ação do Espírito Santo é sempre recorrente como fonte de autenticidade e confirmação dos ensinamentos de Jesus. O Espírito Santo com sua ação dinâmica e propulsora torna possível o alegre anúncio do Evangelho. Sob essa ótica, ressalta-se que a temática da alegria permeia de modo particular a obra de Lucas, o maior utilizador desse vocabulário, além de Paulo, de modo que a alegria aparece desde o anúncio do anjo até a ascensão do Senhor aos céus (Lc 1,14.27.44; 2,10; 4,18; 3,22; 10,21; 13,27; 15,7).

A alegria no meio das perseguições e preocupações é um dom que só pode vir do Espírito Santo, assim como a coragem de anunciar com intrepidez o Evangelho. A *parresía*[3], ou seja, nova coragem de anunciar, experimentada pelos apóstolos de Cristo após a ressurreição tem origem na ação do Espírito do Ressuscitado.

Conforme estudos realizados por Quiroz, o sentido prático de viver a alegria segundo Paulo significa que:

3 Do grego παρρησία (*parresía*) que significa literalmente ousadia ao falar em público.

> o viver transformado experimenta a paz (Fl 4,7) e tem como ingredientes a unidade e tolerância (Fl 4,2), a atividade missionária (4,3), a alegria profunda no Senhor (4,4), as relações de bondade ou gentileza (Fl 4,5), a consciência da proximidade do Senhor, que escuta nossas angústias e dissipará nossas preocupações (Fl 4,6-9), a disposição de pensar nas grandes coisas que realmente importam (Fl 4,8), e as ações concretas de acordo com o ensinamento do apóstolo (Quiroz, 2022, p. 1548).

Em outras palavras, o Apóstolo estimula os filipenses a criarem um círculo virtuoso da paz, que também é fruto do Espírito Santo. "A paz que envolve a totalidade: paz entre os filipenses, paz com Deus, paz com Paulo, paz que é felicidade total e satisfação de todas as necessidades. A paz nesse sentido supera toda a inteligência" (Comblin,1992, p. 58). Assim, o Apóstolo desenvolve a capacidade de alegrar-se "em Deus por nosso Senhor Jesus Cristo", apesar das angústias, tribulações e aprovações que sentia.

No capítulo a seguir, almeja-se fazer o exercício hermenêutico-teológico da alegria no contexto pastoral. Como recuperar o poder do anúncio alegre do Evangelho? O panorama descrito no capítulo um, revela vários aspectos das relações humanas que são estereotipadas pela mediação das tecnologias digitais. Constata-se que no mundo contemporâneo tornou-se muito complexo viver a alegria como dom do Espírito Santo.

No intuito de aplicar os sentidos numa dimensão pragmática, utiliza-se a alegria como princípio de ação pastoral, propondo um mergulho nas exortações apostólicas de dois Papas que experimentaram o sofrimento em vida, no exercício humilde da missão que lhes foi confiada. Entretanto, nunca perderam a alegria corajosa de anunciar a verdade que é Cristo ao mundo onde estavam inseridos.

A alegria é um dos fios teológicos mais consistentes que atravessa toda a tradição cristã, e esses três textos - separados por décadas e contextos diferentes - formam um mosaico coerente sobre o que significa viver e testemunhar o Evangelho como fonte de alegria e de felicidade.

Revisitando a encíclica *Gaudete in Domino* de Paulo VI (1975) e a *Evangelii Gaudium* do Papa Francisco (2013) e outros documentos pontifícios, pretende-se chegar paulatinamente, às múltiplas razões para repetir de modo enfático, como o apóstolo Paulo na Carta aos Filipenses: "Alegrai-vos, no Senhor! Repito: Alegrai-vos!" (Fl, 4,4). Que essa exortação ultrapasse o nível de uma formulação teórica abstrata e se apresente como um chamado a uma prática concreta, capaz de orientar a experiência cotidiana diante dos desafios que marcam as lutas contemporâneas.

2.4 SÍNTESE DO CAPÍTULO

A análise semântico-teológica da alegria na Carta aos Filipenses evidenciou que a alegria, no horizonte paulino, constitui uma categoria teológica central, articulada de modo intrínseco à experiência do sofrimento, à pertença comunitária e à esperança fundada em Cristo, e não à presença de circunstâncias externas favoráveis. Elaborada no contexto da prisão, essa compreensão da alegria, na Carta aos Filipenses, desloca seu fundamento da lógica da segurança, do controle e da eficiência para uma experiência relacional e teologicamente orientada, enraizada na comunhão e na confiança escatológica.

Tal perspectiva oferece importantes chaves hermenêuticas para o diálogo com os eixos analisados no capítulo anterior, especialmente no que diz respeito aos desafios impostos pela cultura do desempenho e do esgotamento, pelas formas contemporâneas de sofrimento psíquico e instabilidade existencial, pelo enfraquecimento dos vínculos comunitários e pelo predomínio de uma racionalidade tecnocrática que tende a reduzir a experiência humana à produtividade e ao bem-estar mensurável.

Sem estabelecer paralelos diretos entre contextos históricos distintos, a teologia paulina da alegria, tal como apresentada em Filipenses, permite iluminar criticamente a pergunta que atravessa esta pesquisa: como pensar

a possibilidade de experimentar alegria em contextos marcados por adversidade, vulnerabilidade e mutação cultural, questão que será retomada no capítulo seguinte em perspectiva teológico-pastoral.

3 HERMENÊUTICA TEOLÓGICO-PASTORAL DA ALEGRIA

Seguindo o propósito inicial deste trabalho, neste capítulo, pretende-se apontar pistas plausíveis para o exercício hermenêutico-teológico da vivência da alegria no contexto pastoral. A partir da descrição diagnóstica da realidade apresentada na primeira parte, ousa-se fazer uma interpretação dos "textos" que moldam a conjuntura social demonstrada acima, à luz da experiência da alegria de Paulo em Filipenses.

Diante das condições de uma vida dedicada ao anúncio do evangelho e ao mesmo tempo, ameaçada por seus opositores, Paulo encontra a alegria no Senhor e se regozija no progresso do evangelho inculturado no mundo greco-romano. O Apóstolo exorta com firmeza e ternura os filipenses a descobrirem essa alegria escondida dentro deles mesmos, oriunda da presença mística do Senhor, diante das situações de conflitos na comunidade.

Diante desse cenário, impõe-se a necessidade de um discernimento hermenêutico que permita avaliar a pertinência teológica da alegria cristã no contexto pastoral contemporâneo marcado por forte polarização, corrupções, grande índice de violência urbana e milhares de pessoas em situação de miséria.

Considerando essas e outras situações, que serviram como impulso para a reflexão acerca da pertinência da alegria na experiência humana, impõe-se o desafio de realizar um exercício hermenêutico da alegria no contexto pastoral. Tal exercício consiste em lançar luzes provenientes da alegria paulina sobre a complexidade das relações pastorais contemporâneas, marcadas por diferentes formas de pertencimento social, cultural e religioso. Nesse cenário, a experiência da alegria manifesta-se de modo plural, seja nas condições concretas de vida, como o trabalho, o acesso à educação, a constituição de vínculos familiares e a garantia de moradia, seja nos horizontes existenciais que atravessam sujeitos crentes, agnósticos, céticos ou ateus. A reflexão teológico-pastoral, portanto, é chamada a discernir em que medida

a alegria pode ser compreendida como experiência significativa e possível, mesmo diante das adversidades que atravessam a vida pessoal e social.

3.1 REFLEXÕES TEOLÓGICAS SOBRE A ALEGRIA

Do ponto de vista das ciências humanas, como a psicologia, por exemplo, a alegria é considerada uma emoção, um sentimento, uma satisfação que vem de uma ação boa e que traz felicidade. Segundo os estudos de Pamela E. King e Frederic Defoy (2021), a ausência de uma literatura psicológica que explore a alegria como categoria da emoção, faz com que não haja uma compreensão coerente e consistente da alegria. Conforme a pesquisa dos autores acima, "a alegria é tratada como uma emoção básica, uma resposta emocional discreta, ou uma disposição duradoura - nenhuma das quais capta a complexidade da alegria bíblica que tem elementos relacionais, morais e espirituais proeminentes" (King; Defoy, 2021, p. 120).

Não se pretende desenvolver o conceito de alegria na perspectiva da psicologia positiva, tão pouco analisar o seu efeito no comportamento humano. Busca-se evidenciá-la no sentido bíblico, de modo mais específico, a alegria moldada na experiência paulina diante dos conflitos e controvérsias vividos na comunidade de Filipos. Procura-se diante desses elementos bíblicos, encontrar luzes para iluminar a grotesca realidade de um mundo contemporâneo povoado por relações controversas e conflitantes.

Constata-se que a alegria é uma disposição profunda do ser humano. Nela subjaz o anelo por uma existência autenticamente concreta, que se realiza na confiança em Deus, em todo o conjunto de sua obra. Dessa forma, a alegria procede da confiança no futuro, naquilo que está em processo de transformação, do devir ou do vir a ser.

King e Defoy consideram a alegria paulina como uma qualidade permanente, resultante de um profundo conhecimento de Deus e a participação ativa no projeto de Deus para este mundo. Assim, a alegria na Bíblia não se

equipara a uma simples emoção do ego. Na tradição cristã, a alegria supera a questão emocional, sendo trabalhada com um significado mais concreto, incluindo a retidão no agir (2021, p.125).

No contexto da Carta aos Filipenses, transmitir a alegria envolve estar relacionado a Deus e ao povo de Deus, implica deixar-se transformar pelo Espírito de Deus e participar continuamente da missão confiada por Deus no mundo. A busca pela verdadeira alegria é um tema universal e atemporal. De certa forma, a alegria é algo a ser alcançado nas lutas cotidianas, no concreto da vida, pois a promessa da alegria em nossos dias se revela frágil e constantemente ameaçada. Muito embora a alegria seja compreendida como algo que as pessoas possam buscar, ela é entendida como dom do Espírito de Deus na vida do ser humano.

Como aprofundamento do termo, considera-se a definição do verbete alegria pelo "Dicionário de teologia bíblica":

> A alegria como afeto fundamental, corresponde à felicidade. Na sagrada Escritura, a alegria transcende cada vez mais o seu sentido terreno para tornar-se sinal de salvação que se aproxima, que já começou, mas que está por vir ainda. O Antigo Testamento sabe que só de Deus depende toda e qualquer alegria (Jr 7,34). No Novo Testamento, a alegria como bem religioso está inteiramente ligada à pessoa de Jesus e à salvação nele oferecida (BEILNER, 1979, p. 23).

Para além da complexidade do termo, alegria pode ser descrita também, numa dimensão escatológica, o que significa dizer que a "alegria experimentada na vida atual não é mais que uma antecipação da alegria que está por vir e, consequentemente, direciona e motiva os crentes a orientarem suas vidas para o que está por vir" (King; Defoy, 2021, p. 125).

Na perspectiva bíblico-teológica, parte-se do pressuposto que a alegria poderá ser uma resposta inteligível perante os conflitos e desafios de nosso tempo. A alegria como virtude é um dom do Espírito de Deus. Todavia este estudo deseja que "a alegria não continue sendo uma parte nebulosa do crescente panteão da positividade, esta construção, que a tradição cristã

identifica como um fruto do Espírito, merece profunda consideração a partir de uma perspectiva integradora" (King; Defoy, 2021, p. 119).

A alegria é um dom pascal, pois o Senhor, ao vir ao encontro dos discípulos quando estavam de portas fechadas por medo dos judeus, os saudou solenemente: "A paz esteja convosco!" (Jo 20,19a) e imediatamente os discípulos ficaram cheios de alegria por verem o Senhor. A conjunção da alegria e do Espírito, não significa apenas que o Espírito a produz, ela se deve ao caráter inerente do Espírito do Ressuscitado, de modo que estar no Espírito e ser cheio do Espírito, tornam-se sinônimo. A alegria cristã é especificamente uma alegria em Deus (Rm 5,11; Fl 3,8; Fl 4,10), por isso aparece associada à fé, assim como a esperança (Rm 15,13; 2Cor 1,24; Fl 1,25).

Até certo ponto, pode-se conceber a alegria como a capacidade de amor fraterno que multiplica as alegrias e esperanças, porque nos torna capazes de rejubilar com o bem dos outros: "alegrai-vos com os que se alegram" (Rm 12,15). Entende-se com isso, que a alegria cristã não é uma emoção do momento; e muito menos aquela espécie de "alegria consumista e individualista tão presente nalgumas experiências culturais de hoje" (GE, n.128).[4]

Mesmo em meio aos desafios e obstáculos, causados por realidades sócio-históricas de lutas e enfrentamentos, de fome e pobreza, no combate às injustiças sociais, os cristãos são chamados a testemunhar essa alegria como dom do Ressuscitado.

O ser humano precisa dessa alegria que deve brotar no coração dos homens e mulheres de hoje, pois "Deus, antes mesmo de manifestar-se pessoalmente a ele mediante a revelação, dispôs a inteligência e o coração da sua criatura para o encontro da alegria e, ao mesmo tempo, da verdade" (GD, n. 5).[5]

Considerando a alegria cristã como um paradoxo frente aos desafios socioeconômicos, do pluralismo religioso, das lutas sociais por mais dignida-

4 GE é abreviatura de *Gaudete et Exsultate*, Exortação Apostólica do Papa Francisco sobre o chamado à santidade no mundo atual.

5 GD, abreviatura de *Gaudete in Domino*. Exortação Apostólica do Papa Paulo VI sobre a Alegria Cristã.

de e direitos humanos que garantam a qualidade de vida de toda a criação e, consequentemente de todo o planeta, pretende-se refletir como a alegria cristã pode ser experimentada e vivenciada em nosso tempo.

O Papa Francisco no início de seu pontificado se cobre com as vestes da alegria e convida toda a igreja a assumir essa investidura resplandecente da alegria no anúncio do Evangelho. Suas palavras fazem ressoar no coração dos cristãos esta certeza: "a alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus. Com Jesus Cristo renasce sem cessar a alegria" (EG, n. 1).[6]

A pergunta fundamental nesta investigação recai sobre a possibilidade de experimentar a alegria num contexto de adversidades, ou seja, realidades de sofrimentos, escassez, oposições ideológicas, perseguições etc. e situações de extrema dificuldades que desafiam a condição humana e ferem a dignidade já mencionadas no capítulo 1. Isso implica enfrentar situações que comprometem a capacidade humana de sustentar a experiência da alegria e confiança para continuar vivendo. Conforme o Papa Paulo VI menciona em sua exortação apostólica,

> o homem experimenta a alegria quando se encontra em harmonia com a natureza, e, sobretudo, no encontro, na partilha e na comunhão com o outro. Com muito mais razão, pois, chegará ele a conhecer a alegria e a felicidade espiritual, quando seu espírito entra na posse de Deus, conhecido e amado como o bem supremo e imutável (GD, n. 6).

A que tipo de alegria se referiram os Papas? Onde encontrá-la? Segue-se este percurso na procura dessa alegria que se renova e se manifesta ao mundo sinalizando a presença do Senhor, embora tantas ameaças sejam proferidas ou concretizadas no tocante à existência humana. Como deixar de reconhecer também que alegria é sempre imperfeita, frágil e ameaçada? (GD, n. 7).

6 EG, abreviatura de *Evangelii Gaudium*. Exortação Apostólica do Papa Francisco sobre A Alegria do Evangelho.

O mundo contemporâneo encontra-se a duas décadas e meia vividos no século XXI. Época de mudança ou mudança de época, a humanidade continua à procura de respostas para o enfrentamento das causas e efeitos dos eventos que geram sofrimentos no mundo. No entanto, o convite à alegria foi feito para todos, assim como a alegria de Cristo foi anunciada para todos. Ninguém está excluído dessa promessa.

No século passado, há cinquenta anos idos, o continuador do Concílio Vaticano II, o Papa Paulo VI, escreveu uma exortação sobre "A Alegria Cristã". É sinal de que mesmo com os avanços científicos e tecnológicos, o ser humano ainda não consegue viver uma alegria de espírito. "Alegrai-vos no Senhor, porque ele está perto de todos os que o invocam com sinceridade" (Fl 4,45; Sl 145,18), assim iniciava a Exortação Apostólica *Gaudete in Domino,* o Santo Padre e, tomando para si a exortação paulina, reitera: "para nós é uma exigência de amor que nos leva a convidar-nos a compartilhar esta alegria superabundante, que é um dom do Espírito Santo" (GD, n. 6).

Há de se reconhecer que, experimentar alegria no mundo contemporâneo torna-se uma realidade um tanto quanto complexa e paradoxal. "Esse paradoxo e essa dificuldade em alcançar a alegria tornam-se pungentes de modo especial nos dias de hoje, pois, essa alegria provém de outra fonte. A alegria é espiritual" (GD, n. 8). Tal diagnóstico, formulado há cinco décadas, permanece surpreendentemente atual. Reitera-se que apesar do diagnóstico esboçado na primeira parte deste trabalho, não se pode desistir de falar da alegria, de buscá-la atravessando os reveses da vida.

Além disso, a proposta da sociedade tecnológica com seus recursos digitais, criados para a diversão e o prazer do ser humano, não foi capaz de trazer alegria e felicidade duradouras. Onde habita a verdadeira alegria? Há muitas ocasiões e situações em que a busca pela alegria a qualquer custo se confunde com a busca pelos prazeres da vida, gerando apetites consumistas que não preenchem o vazio existencial.

No tempo que se chama hoje, faz-se necessário encontrar as razões para se cantar a alegria como expressão do júbilo interior. De algum modo, a alegria atua como elemento simbólico que sustenta a resiliência humana para seguir vivendo o estranho dinamismo da vida contemporânea. Uma pergunta recorrente surge à medida em que a alegria se manifesta nos diferentes espaços de saber: como a alegria de viver pode perseverar nas contingências da vida e potencializar nossos pensamentos e ações cotidianos em seus múltiplos contextos, de modo particular, no processo de anúncio do Evangelho?

O Santo Padre exorta com insistência sobre a necessária paciência no esforço de educar as pessoas para reaprenderem

> a saborear simplesmente as múltiplas alegrias humanas que o Criador coloca, já agora, ao longo dos nossos caminhos: alegria exultante da existência e da vida; alegria do amor honesto e santificado; alegria pacificadora da natureza e do silêncio; alegria por vezes austera, do trabalho feito com diligência; alegria e satisfação do dever cumprido; alegria transparente da pureza, do serviço e da partilha; alegria exigente do sacrifício etc. (GD, n. 12).

Reaprender a encontrar alegria nas adversidades da vida pode ser é uma decisão de cunho pessoal. Isso exige um esforço cotidiano diante das contingências da condição humana. Talvez seja na situação mais adversa, na ausência de qualquer motivo racional de regozijo, que a essência da alegria se deixará melhor apreender.

Seguindo esse incurso reflexivo, apresentou-se uma figura bastante emblemática na relação com a alegria em situações de tensões e divergências: o apóstolo Paulo. Alegria, carinho, saudade e confiança determinam as relações de Paulo com os filipenses. Na segunda parte desta pesquisa, identificou-se os elementos bíblicos na Carta aos Filipenses que podem iluminar o paradoxo da alegria em contexto de adversidade, ou seja, na trama da vida real e como esta se desenvolve.

Na reflexão adiante, segue-se a dinâmica do testemunho de alegria vivenciado pelo Papa Francisco, e apresenta-se a urgência ainda atual da

Evangelii Gaudium, a Alegria do Evangelho, para as gerações contemporâneas. Uma simples pergunta mobiliza o próximo passo desta pesquisa: O que define o *modus operandi* da alegria cristã?

3.2 A URGÊNCIA DO TESTEMUNHO DA ALEGRIA DO EVANGELHO

Na epístola aos Filipenses constatou-se que a alegria paulina é resultado do anúncio progressivo do Evangelho. Os filipenses não só aderem ao Evangelho, mas também colaboraram com Paulo na sua difusão (Fl 1, 5). Foram solidários na graça, da missão apostólica de Paulo, com suas consequências de prisão e sofrimento. Nessa tônica, pode-se afirmar que as adversidades da vida, são o local histórico desta íntima união e comunhão com Cristo e seu Evangelho, e podem ser enfrentadas, mesmo diante de sofrimentos.

Francisco na *Evangelii Gaudium,* se refere à alegria como uma virtude necessária ao evangelizador ao afirmar que o bem sempre tende a se comunicar (EG, n. 9). De modo contundente e pragmático, exorta a Igreja a recuperar e aumentar o fervor do espírito no compromisso evangelizador, imbuída da suave e reconfortante alegria de evangelizar, apesar dos desafios do caminho. Ressalta ainda que o mundo de nosso tempo, procura de forma pendular, ora na angústia, ora na esperança, receber a Boa Notícia dos lábios de evangelizadores cuja vida irradie fervor e vitalidade no anúncio, pois foram os primeiros a receberem a alegria de Cristo (EG, 2013, n. 12).

É de suma importância recuperar o fervor alegre ao anunciar a Boa Nova ao mundo. Isto transpira como uma urgência capital para a renovação da Igreja no século XXI. Deve-se descobrir as “cem razões”7 para alegrar-se, apesar das distopias do mundo contemporâneo. Parece impossível fazer o anúncio do Evangelho que é Boa Notícia, utilizando uma máscara de tristeza e desesperança. Seria a alegria uma necessidade ontológica do ser humano?

7 Parafraseando o grande poeta Carlos Drumond de Andrade (1984) no poema “sem razões do amor”.

Nos ensinamentos do santo Padre, “o Evangelho, em que resplandece gloriosa a Cruz de Cristo, convida insistentemente à alegria” (EG, n. 5). É inevitável continuar a jornada da vida sem prescindir da alegria como aliada. Essa alegria é engendrada no labor das escolhas e se renova a cada etapa de superação dos desafios, porque brota do interior, nos mais profundo do ser humano. E é fruto do amor maior que vem de Deus.

Quando o compromisso com o outro desfalece, aparece a tentação e o desafio de abandonar o espaço comunitário como lugar propício de experimentar uma alegria condizente ao Evangelho. Existe um lugar privilegiado para viver a alegria do Evangelho. Esse lugar é a comunidade. Sobre esse aspecto alerta Francisco:

> O modo de nos relacionarmos com os outros que, em vez de nos adoecer, nos cura é uma fraternidade mística, contemplativa, que sabe ver a grandeza sagrada do próximo, que sabe descobrir Deus em cada ser humano, que sabe tolerar as moléstias da convivência agarrando-se ao amor de Deus, que sabe abrir o coração ao amor divino para procurar a felicidade dos outros (EG, n. 92).

Face às incertezas da contemporaneidade, o fortalecimento dos vínculos comunitários revela-se essencial para que a angústia e o sofrimento não comprometam a vida em comunidade. Esse é um dos imperativos de Francisco como pré-disposição para um anúncio alegre do Evangelho.

Diante de tantas atrocidades com a vida humana e a vida do planeta, torna-se bastante complexo experimentar uma alegria exultante. Francisco em sua exortação apostólica adverte para esse perigo quando diz: “a tentação apresenta-se, frequentemente sob forma de desculpas e queixas, como se tivesse de haver inúmeras condições para ser possível a alegria (EG, n. 7). A razão disso foi constatado por Paulo VI há cinquenta anos na exortação sobre “Alegria Cristã”: a sociedade tecnológica teve inúmeras possibilidades de multiplicar as ocasiões de prazer, mas, no entanto, encontra muitas dificuldades para engendrar a alegria (GD, n. 8).

Francisco denunciou o mundanismo espiritual como um desastroso comportamento que vem deturpar e obnubilar a alegria do Evangelho:

> Este mundanismo asfixiante cura-se saboreando o ar puro do Espírito Santo, que nos liberta de estarmos centrados em nós mesmos, escondidos numa aparência religiosa vazia de Deus. Não deixemos que nos roube o Evangelho! (EG, n. 97).

Há muitos fatores que impedem as pessoas de demonstrarem uma alegria constante, pois a alegria é dom do Espírito como já foi mencionado no capítulo anterior. Esses fatores são decorrentes de uma vida contemporânea encarcerada no chamado mundo virtualizado ou mundo da superficialidade. As pessoas são roubadas de si mesmos, manipuladas pelos seus próprios desejos e compulsões.

O bispo de Roma considera uma riqueza de perspectiva para o futuro da missão a valorização dos idosos, pois carregam a memória histórica e possuem a sabedoria da experiência. O reconhecimento da contribuição da terceira idade pode trazer a alegria do testemunho de vida para as novas gerações. No outro extremo dessa reflexão, está o olhar do Papa sobre os jovens, como aqueles que fazem despertar e aumentar a esperança, pois trazem consigo tendências e inclinações novas que abrem porta e janelas para o futuro próximo. O sopro novo da juventude faz superar as velhas estruturas e hábitos obsoletos que já não trazem resposta para os dilemas contemporâneos (EG, n. 108).

No contexto em que se desenrola a trama da vida, os desafios impostos por uma sociedade tecnológica, provoca um turbilhão de acontecimentos em séries que afetam a capacidade humana de sentir com a vida, sentir com o outro, sentir com o cosmo. A alegria de viver é radicalmente mascarada. Mais uma vez o imperativo de Francisco ecoa em nossas mentes, considerando a realidade tal qual ela se apresenta: “sejamos realistas, mas sem perder a alegria, a audácia e a dedicação cheia de esperança” (EG, n. 109). A afirmação sublinha a importância de manter a alegria como horizonte existencial, apesar das dificuldades próprias do tempo presente.

Sobre a necessidade de vencer um pessimismo estéril e dizer não ao desânimo egoísta, Francisco ressalta que "a Alegria do Evangelho é tal que nada e ninguém poderá tirá-la de nós. Os males do mundo - e os da Igreja - não deveriam servir como desculpa para reduzir a nossa entrega e o nosso ardor" (EG, n. 84).

Em tempos de guerra, fome e miséria, genocídios, disputas políticas polarizadas, como encontrar a força motriz, o alento para continuar vivendo a vida, apesar de tantos acontecimentos infaustos? As adversidades poderiam convergir para um bem maior da humanidade?

Mendonça faz menção ao pequeno Evangelho da alegria quando se refere ao anúncio dos anjos aos pastores: "anuncio-vos uma grande alegria que o será para todo o povo" (Lc 2,10). Essa alegria é como um refrão que perpassa todo o Evangelho de Lucas. Portanto, a alegria centra-nos no essencial do mistério cristão. O itinerário da fé corre o risco de permanecer incompleto quando não se permite um aprofundamento efetivo no Evangelho da alegria (2013, p. 136).

Foi tão grande a alegria dos pastores ao ouvirem a mensagem do anjo que tudo se iluminou a partir daquele anúncio angélico. Uma alegria contagiante que não se aprisiona no isolamento, mas, se expande na abertura ao outro. Por essa razão, a transmissão do Evangelho é marcada por uma força atrativa própria da alegria, capaz de mobilizar e interpelar.

O próprio Jesus experimentou profunda alegria ao reconhecer a ação do Pai na vida dos pequenos e pobres de seu tempo. A descrição dessa alegria está em Lc 10, 21: "naquele momento, ele exultou de alegria sob a ação do Espírito Santo e disse: "Eu te louvo, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste essas coisas aos sábios e entendidos, e os revelados aos pequeninos." Experimentar essa alegria faz-nos estremecer as entranhas. Todo o corpo se transfigura pela leveza da alegria.

A geração contemporânea precisa descobrir no horizonte de seus objetivos de vida a alegria escondida e disfarçada. Parece que falar em alegria

é algo tão simplório, pois não ocupa o espaço que devia ocupar na vida das pessoas. Neste sentido, Mendonça salienta que a abordagem da alegria nas celebrações litúrgicas, homilias dominicais, catequese e atividades pastorais é feita sem muito vigor, quase com pudor. Ressalta que nas tradições e práticas religiosas, a alegria é um tópico marginal, um apêndice (2013, p. 137).

Por que a alegria tende a ser marginalizada na cultura contemporânea? Os múltiplos acontecimentos de caráter dramático contribuem para fragilizar a experiência da alegria na vida humana. No entanto, ninguém pode viver sem a alegria, senão já estaria morto. A alegria de viver é um bálsamo para enfrentar as adversidades da vida. Há que se propor uma teologia da alegria, a fim de que as reflexões fundamentadas na alegria do Evangelho, sirvam de alento para tantas pessoas que carecem de ânimo, vigor e ousadia diante dos desafios de nosso tempo. Existem espaços concretos onde se pode vivenciar a alegria na dinâmica da vida ordinária?

A partir dessa compreensão, a alegria assume também uma dimensão testemunhal, tornando-se sinal visível da presença do Evangelho na vida pessoal e comunitária. O testemunho da alegria não se configura como negação do sofrimento, mas como expressão de uma esperança que resiste e se mantém mesmo em meio às contradições da história. Tal perspectiva reforça o caráter missionário da alegria cristã e sua relevância no anúncio do Evangelho no mundo contemporâneo.

3.2.1 O lugar da alegria nas celebrações cristãs

O que dizer da alegria que nasce no contexto do Natal? A liturgia do Natal fa- vorece uma experiência profunda de alegria. Depois de um tempo de espera longa e fecunda, meditada e aprofundada na Palavra de Deus, os cristãos se alegram com o mistério da Encarnação do Senhor numa grande solenidade. “Eis que vos anuncio uma grande alegria, que será para todo o povo: nasceu-vos hoje um Salvador, que é o Cristo Senhor” (Lc 2,10-11).

A proclamação do Natal é uma exultação do espírito cristão, a renovar sua esperança no Deus que se insere na história humana para dignificá-la, presenteando-a com a alegria da vinda do Senhor. Este trecho do canto solene da proclamação do Natal expressa uma alegria indizível, revela que a espera operante agora se realiza com a chegada do Deus Menino, esperança das nações oprimidas pelo poder imperial: "ouçamos um canto novo, tomando conta da terra: "Glória a Deus e paz ao povo, ódio ao ódio, guerra à guerra! Miséria, mentira e morte, não vão nos fazer parar. Ó venham, cantemos forte, inda é tempo de louvar (CNBB, 2024, p. 41).

Com a realização da promessa de Deus, o povo exulta de alegria. Essa alegria favorece a convivência numa realidade sofrida, porque existe a consciência de que Deus está presente nas lutas da vida. Mas como manter um semblante alegre em atividades simples do cotidiano? No sistema de rotinas criadas pelo trabalho profissional, pelo trabalho doméstico, pela rotina de estudo, enfim, pela vida em desenvolvimento na esfera pública e privada? Onde se esconde a alegria?

Ainda se vive no atormentado século XXI. E ainda estamos aqui, no século da depressão, do aumento das doenças mentais, das mortes por suicídio etc. e assim um corolário de acontecimentos revelam como a humanidade caminha para o precipício. Para superar essa condição de desespero, faz-se necessário redescobrir a alegria. Nesse sentido, o alegre anúncio do Evangelho como Boa Notícia, traz esperança para os corações aquebrantados por tantas perdas e fatalidades. Manter a altivez do espírito para que a alegria ocupe o espaço, torna-se uma constante.

O tempo do Natal representa um forte alento de esperança com o anúncio do nascimento de Jesus no mundo cristão. A alegria que nasce dessa experiência vivida em família e em comunidade e de modo mais abrangente, em todas as sociedades testemunha que Deus desceu à terra para consolar a humanidade em seu desespero. Nesse ponto, a alegria nasce de uma profunda experiência de deixar-se encantar pelo mistério da beleza divina que vem ao nosso encontro, que assume a condição humana.

Francisco afirma de modo incisivo que a alegria não se configura como um bem passível de aquisição ou mercantilização, mas como fruto e dom do Espírito Santo, que se manifesta mesmo em contextos de tribulação e provação. O santo Padre considera os momentos difíceis e tempos de cruzes como elementos que fazem parte da vida, porém, exorta para que nada destrua a alegria espiritual, "que se adapta e transforma, mas sempre permanece pelo menos como um feixe de luz que nasce da certeza pessoal de, não obstante o contrário, sermos infinitamente amados" (EG, n. 6).

Francisco refere-se àquela alegria que se vive em comunhão, que se partilha e comunica, porque a há mais felicidade em dar do que em receber (At 20,35) e "Deus ama quem dá com alegria" (2Cor 9, 7). O amor fraterno multiplica nossa capacidade de alegria, porque nos torna capazes de rejubilar com o bem dos outros:" alegrai-vos com os que se alegram" (Rm 2,15)." Alegramo-nos quando somos fracos e vós sois fortes" (2Cor 13, 9). Ao contrário," concentrando-nos sobretudo nas nossas próprias necessidades, condenamo--nos a viver com pouca alegria" (GE, n. 128).

Referindo-se ao chamado à santidade como a capacidade de se alegrar com os dons recebidos por Deus, o Santo Padre afirma que: "o santo é capaz de viver com alegria e sentido de humor" (GE, n. 122). Sem perder o realismo, ilumina os outros com um espírito positivo e rico de esperança. Ser cristão é "alegria no Espírito Santo" (Rm 14,17), porque do amor de caridade, segue-se necessariamente a alegria. Pois quem ama sempre se alegra na união com o amado.

O Papa ainda considera que a alegria é uma consequência natural da caridade. Aquele que se doa sem medida aos outros, sente uma alegria interior tremenda. Essa alegria vem do coração e cultiva na gratuidade. A gratuidade é resultado de um coração que exulta constantemente pela beleza infinita da vida. Recebemos a beleza da sua Palavra e abraçamo-la" em plena tribulação, com a alegria do Espírito Santo" (1Ts 1,6). Se deixarmos que o Senhor "nos resgates da nossa concha e mude a nossa vida, então poderemos

realizar o que pedia São Paulo: 'Alegrai-vos sempre no Senhor! De novo o digo: alegrai-vos!' (Fl 4,4)" (GE, n.122).

Nesse aspecto, o Santo Padre afirma: "posso dizer que as alegrias mais belas e espontâneas, que vi ao longo da minha vida, são as alegrias de pessoas muito pobres que têm pouco a que se agarrar" (EG, n. 7). A alegria dos pobres é uma forma de contágio pela maneira de viver e confiar em Deus. No mesmo sentido de Francisco, sobre a alegria dos pobres, o jornalista Michel Bavarel e Nara Rachid Silva, na obra intitulada "Se você soubesse a alegria dos pobres" (2014), recolhem o testemunho de uma experiência vivida com os pobres, junto à "Irmandade do Servo Sofredor" -ISSO[8]:

> Essa alegria é contagiante. Eu posso ter uma crise de angina de peito à noite, estar sofrendo dessa crise ainda pela manhã quando me levanto, mas no mais profundo de mim há uma alegria que nem a doença, nem as cirurgias podem acabar com ela. De onde ela vem? Dos servos sofredores de hoje, neles você toca o próprio Cristo, você encontra Deus (Bavarel; Rachid, 2014, p. 214).

A exortação de Francisco, publicada em 2013 continua muito atual, pois propõe uma reação frente ao diagnóstico de um mundo adoecido pela falta de humanidade, o que ocasiona as agressões ao planeta e a própria espécie humana. A guerra da Rússia na Ucrânia ultrapassa os limites da racionalidade. Os bombardeios e mísseis lançados em Gaza e nos países vizinhos por Israel, é uma barbárie. E muitas outras atrocidades e "holocaustos" modernos que capturam e sequestram a capacidade humana de sentir a alegria por estar vivo.

Diante dessa realidade caótica, é salutar recordar-se do sofrimento daqueles que vivem como refugiados nas fronteiras, arriscando a vida de famílias inteiras em busca da liberdade para ficar longe dos horrores das guerras, mas que não perderam a esperança de lutar por uma vida melhor. Sobreviver a guerra e estar vivo já é motivo de alegria.

8 Irmandade do Servo Sofredor, comunidade de leigos, fundada por Fredy Kunz (pe. Alfredinho).

No alcance da perspectiva de Francisco, torna-se um dever da memória, recordar-se de tantos homens e mulheres que experimentaram ao longo da história um transbordamento de alegria, mesmo atravessando as dificuldades que são próprias da vida e da missão assumida. Incansáveis no anúncio e dispostos a uma grande resistência diante dos obstáculos, enfrentaram a tirania de impérios e imperadores, mas não recuaram na luta pela justiça, nem na defesa da dignidade humana (EG, n. 13).

Em cada momento da história, estão presentes a fraqueza humana, a ganância, a competição e o desejo de domínio do outro. Na mesma esteira de Francisco, o teólogo espanhol José Antonio Pagola sublinha sobre a dificuldade de se conservar a alegria atualmente.

> Os momentos de autêntica felicidade parecem pequenos parêntesis no meio de uma existência de onde brotam constantemente a dor, a inquietação e a insatisfação. O mistério da verdadeira alegria é algo estranho para muitos homens e mulheres. Todavia sabem quiçá, rir às gargalhadas, mas esqueceram o que é um sorriso alegre, nascido do mais profundo do ser. O verdadeiro gozo deve nascer do mais fundo de nós mesmos. Caso contrário, será riso exterior, gargalhada vazia, euforia passageira, mas a alegria ficará fora, à porta do nosso coração. A alegria de Jesus é a de quem dá vida e sabe criar as condições necessárias para que cresça e se desenvolva de forma cada vez mais digna e mais sã. Só é feliz quem faz um mundo mais feliz. Só conhece a alegria quem a sabe oferecer. Só vive quem faz viver (Pagola, 2018)

Com essas acepções acerca da alegria, compreende-se a urgência em ensinar o Evangelho da Alegria. Esse ensinamento basilar denota a coragem de um anúncio alegre e entusiasmado para um mundo mergulhado em profundo desespero humano. Descobrir na Alegria uma categoria teológica, pois esta é dom do Espírito e nasce no interior de cada pessoa, significa experimentá-la conforme as circunstâncias atenuantes. Alegrar-se no Senhor, apesar das tribulações e aflições provocadas pela realidade em que se vive.

Refletiu-se sobre a alegria no contexto da encarnação do Verbo de Deus. Sobre o sentido de se alegrar com a vinda do Senhor que se insere na história. É uma alegria experimentada em contexto de nascimento. Como

experimentar a alegria num processo de paixão, perseguição e morte de um inocente?

3.2.2 A alegria pascal

Olhando pelo prisma da fé, o cristão entende que a plenitude da alegria espiritual está na vida em Cristo. Esta alegria pode ser descoberta e experimentada mesmo em tempos de guerra, perseguição e dor, como revela o cenário mundial de conflitos e polarização política. É uma alegria paradoxal, como já explicitamos nas reflexões anteriores.

Essas ocasiões de conflitos e perseguições são propicias para a identificação com o Cristo Sofredor, como aborda Paulo na carta aos Filipenses: "minha expectativa e esperança é de que em nada serei confundido, mas com toda ousadia, agora como sempre, Cristo será engrandecido no meu corpo, pela vida e pela morte. Pois para mim o viver é Cristo e o morrer é lucro (Fl 1,20-21).

O convite a participar da alegria plena em Jesus é manifestado pelo desígnio benevolente de Deus, dessa forma, "a alegria cristã é por essência, participação espiritual na alegria insondável, ao mesmo tempo divina e humana, que está no coração de Jesus Cristo glorificado" (GD, n. 16).

A cultura contemporânea encontra-se marcada por uma busca de satisfação desvinculada da experiência da cruz, amplamente estimulada por uma lógica de consumo intensificada e sustentada por estruturas político-econômicas excludentes. Diante desse cenário, coloca-se o desafio de pensar a possibilidade e a sustentação da alegria em contextos atravessados por tensões tão profundas.

Perante esse cenário sombrio que é nossa realidade, de modo controverso, a mensagem do Evangelho vem prometer uma alegria, mas uma alegria diferente, uma alegria exigente, pois inicia precisamente pelas bem-aventuranças em Lc 6,20-21: "bem-aventurados vós, os que sois pobres, por-

que é vosso o reino de Deus. Bem-aventurados sois vós, os que tendes agora fome, porque sereis saciados. Bem-aventurados vós, os que chorais agora, por que haveis de rir."

Nessa prospectiva, esclarece Paulo VI, sobre o mistério da paixão e morte de Jesus, uma paixão pela humanidade que sofre:

> o próprio Cristo, misteriosamente, para desenraizar do coração do homem o pecado de autossuficiência, ao mesmo tempo em que demonstra para com o Pai uma obediência filial sem divisão alguma, aceita morrer pela mão dos ímpios, morrer sobre uma cruz. A ressurreição de Jesus é o selo colocado pelo Pai sobre o valor do sacrifício de seu Filho; é ademais, a prova da fidelidade do Pai, de acordo com o voto formulado por Jesus antes de iniciar a sua paixão: "Pai, chegou a hora: glorifica o teu Filho, para que o teu Filho te glorifique (GD, n. 27).

A alegria que brota da experiência da cruz, vem da força de uma entrega total ao Pai. A confiança no amor incondicional do Pai faz com que Jesus abrace o sofrimento humano em sua própria divindade encarnada na história. Seguindo essa intuição, compreende-se que a alegria que vem do reino brota da celebração do tríduo pascal. A condição cristã carrega um aspecto paradoxal que abraça o paradoxo da condição humana, ou seja, as provações, os sofrimentos são parte do mundo vivido e por sua vez adquirem um novo sentido dado pela fé e pela participação no mistério da redenção do Senhor (GD, n. 28).

Encontrar a alegria e abraçar-se com ela não significa eliminar todo o sofrimento, dores e pesares da existência comum a todos os seres mortais, mas aprender a lidar com essas intempéries com altivez e inteligência. A vida na dimensão terrena é sempre imbuída de mistério. Faz parte da condição humana viver nessa tensão ontológica-transcendental entre o viver alegre em meio às angústias e tribulações de nossa era. "A alegria é sempre frágil dom. Este dom que tem muitas vezes, com o sofrimento e a dor", uma coexistência factual (Mendonça, 2013).

Entendendo a dinâmica da conaturalidade existencial entre alegria e sofrimento, o poeta Khalil Gibran (1931), no poema "O profeta", faz alusão a uma correlação entre alegria e tristeza ao afirmar:

> Quando estiverdes alegres, olhai bem dentro do vosso coração e descobrireis que só aquele que vos deu tristezas vos dá também alegrias. Quando estiverdes tristes, olhai novamente para dentro do vosso coração e vereis que na verdade estais a chorar por aquilo que foi a vossa alegria. Alguns de vós dizeis, "A alegria é maior que a tristeza" e outros dirão "Não, a tristeza é maior". Mas eu vos digo que são inseparáveis (Gibran, 1972).

Nessa linha de pensamento, não se pode descartar da existência humana os acontecimentos que geram angústias e aflições, não há possibilidade de isenção do sofrimento. Assim, o mistério da redenção humana se faz presente na história. A solenidade do Precônio Pascal traz à tona um mistério realizado para além das expectativas: "no anúncio jubiloso da ressurreição, o próprio penar do homem se acha transfigurado, ao mesmo tempo que brota a plenitude da alegria da vitória do Crucificado, [...], do seu Corpo glorificado e dissipam as trevas das almas (GD, n. 28).

A alegria pascal não é somente uma transformação da dor, do sofrimento em alegria instantaneamente, mas é a própria alegria da presença do Cristo ressuscitado, que dá aos seus amigos, mergulhados nas brumas do luto, uma nova luz, um novo sentido com a sua presença gloriosa. É impossível não sentir uma alegria indescritível com essa presença modificada. Por isso, os gritos de aleluias no seio da comunidade cristã: "Ressuscitou da sepultura o Salvador. Ao nosso Deus cantemos hinos, aleluia!" A tristeza associada à Paixão e à Cruz de Jesus dá lugar à alegria decorrente da vitória de Cristo sobre a morte.

Considerando ainda o contexto pascal, cujo sentido teológico da alegria está embrenhado no mistério da vitória da vida sobre a morte, uma figura que pode inspirar a vivência da alegria diante do sofrimento é a Virgem Santíssima. A jovem Maria de Nazaré alegra-se em Deus, porque no seu sim está a esperança daqueles que confiam no Senhor. Como observa Pagola, só pode sentir alegria aquele que está em comunhão com os que sofrem tribulações e são solidários com os que choram. Todos têm direito à alegria e à felicidade. Mas não se pode ser feliz sem lutar para que o outro seja feliz (Pagola, 2019).

Notadamente, Maria é essa figura emblemática de mãe e mulher que diante da cruz do Filho inocente, se mantém firme de pé, confiando no Deus da promessa. E por isso, já no anúncio da encarnação de Jesus, canta exultando de alegria o Magnificat, como um cântico profético da libertação, que: "o poderoso fez em mim maravilhas, e Santo é o seu nome" (Lc 1,49).

As mediações pastorais analisadas evidenciam que a alegria cristã se concretiza em espaços e práticas específicas da vida eclesial e social, como a liturgia, a convivência comunitária e o compromisso cotidiano com a vida. Essas mediações revelam que a alegria não permanece no plano conceitual, mas se manifesta de forma encarnada, sustentando a fé e fortalecendo os vínculos comunitários. Desse modo, a pastoral da alegria se apresenta como resposta concreta aos desafios diagnosticados, sem perder sua densidade teológica.

3.3 ESTRATÉGIAS PASTORAIS PARA ESTIMULAR A ALEGRIA NA CONVIVÊNCIA SOCIAL

Alegria é uma característica marcante do tempo apostólico, o tempo da Igreja é demarcado pela dinâmica do Espírito. Esse caráter pneumatológico, se deve principalmente pela ação transformadora do Espírito na história. Esse tempo apostólico é fruto da experiência pascal. A coragem e intrepidez dos apóstolos e apóstolas, nasceu a partir da experiência com o Ressuscitado. A alegria não é um mero subproduto do estado de vida cristã, mas o seu cultivo constante é um mandato missionário a todos aqueles que creem na Ressurreição. É uma ordem do Ressuscitado! É um imperativo cristão! "Alegrai-vos no Senhor!" (Fl 4,4)

3.3.1 Alegria como testemunho e linguagem pastoral

A alegria mostra-se como um elemento nuclear da mística, em sua dimensão de inefabilidade. Uma das características singulares e incomunicáveis da vida cristã deve ser a de se tornar inacessível a tudo aquilo que tem sabor de fel, de melancolia, de desconfiança ou pessimismo, pois não existe nada mais anticristão que a tristeza, de modo que não exista nada mais cristão do que testemunhar a Alegria no Senhor. O discípulo deve ser um testemunho da alegria do Ressuscitado. "Vós Sois testemunhas disso" (Lc 24,48). "Nisto reconhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros" (Jo 13,35) e completando: se vos alegrardes uns com os outros em qualquer tempo e situação.

Para promover novas formas de vivência da alegria no contexto social, é importante acreditar que, onde houver presença humana, ali também deve existir espaço para que a alegria seja vivida de maneira concreta e real. Entretanto, como ser alegre e feliz, quando há tanto sofrimento no mundo? Como se pode rir quando ainda não estão secas todas as lágrimas decorrentes das perdas arbitrárias de entes queridos e brotam diariamente outras novas, por causa das guerras políticas, guerras dos tráficos, feminicídios, abusos cibernéticos etc.? Como pensar a experiência da alegria do Ressuscitado em um contexto no qual grande parte da humanidade enfrenta situações de fome, miséria, luto e sofrimento psíquico? Essas perguntas inquietam os discípulos do Deus da Alegria. Contudo, as alegrias e esperanças, as tristezas e angústias de nosso tempo, são assumidas e abraçadas pelo próprio Deus na pessoa dos servidores e anunciadores do Evangelho da Alegria (GS, n. 1)[9].

Em tom exortativo, o Papa Paulo VI considera que a dificuldade de enfrentar o sofrimento pode se tornar ainda maior quando "a pessoa humana experimenta o desalento de que o sentido da vida lhe escapa, que não pode estar segura de si mesma, de sua vocação e de seu destino transcendentes"

9 GS, abreviação para *Gaudium et Spes*, documento do Concílio Vaticano II.

(GD, n. 13), desse modo, “o conhecimento da dor e a consciência do desejo e da imortalidade são componentes inevitáveis da experiência humana, mas também revelam aquela sensação de afastamento da plenitude do ser, que inspira a nostalgia do paraíso perdido” (Armstrong, 2011, p. 45).

O Papa Francisco (2024) em uma de suas entrevistas reafirma o chamado para alegria e o bom humor. Insiste para que as pessoas não percam a alegria, nem o senso de humor diante dos malogros da vida. Para ele, “a essência de ser cristão é permanecer na alegria, pois o Evangelho é alegria, luz, esperança e anúncio da salvação. A alegria é o melhor remédio para lidar com as adversidades da vida.” Seja alegre! Ele sempre repetia em seus pronunciamentos, seja alegre! A capacidade de se alegrar vem de dentro, do interior de cada um, mas também é oriunda da experiência de gratuidade. A alegria está intrinsecamente ligada à capacidade de doação pelos outros, pelo irmão em necessidade.

Tendo em vista as relações tecidas nos centros de evangelização, os evangelizadores são chamados a reconhecer as complexidades dos diferentes contextos históricos, culturais, sociais e econômicos em que as comunidades estão inseridas para articular o *modus vivendi* da alegria. Neste relato de convivência na Irmandade do Servo Sofredor, é surpreendente o modo como a alegria se manifesta na radicalidade como opção de vida entre os pobres:

> havia essa concepção do sacrifício, da renúncia, do dom de si mesmo. Entretanto, eu percebo que eu não posso viver de maneira diferente dessa, porque a alegria dos pobres me sustenta. Eu saboreio a alegria de estar com o povo da rua, da favela, com as crianças [...] é verdade que os momentos de alegria na favela são sutis, frágeis. Portanto, há uma alegria constante, permanente, mesmo se a realidade é dura. Eu penso que ela vem da partilha da vida cotidiana. As pessoas humildes com quem eu convivo já purificaram alguma coisa de seu sofrimento, e de suas vidas chega às minhas mãos a alegria (Bavarel; Silva, 2014, p. 214-215).

De acordo com o relato, percebe-se que a alegria é fruto de uma experiência de comunhão profunda com o outro em sua necessidade. E a parti-

cipação nessa comunhão suscita alegria em quem se doa pela vida dos mais empobrecidos e carentes de humanização.

As relações interpessoais são naturalmente conflituosas. Diferenças e desentendimentos são totalmente normais nas relações humanas. No contexto das comunidades cristãs não poderia ser diferente. Por isso, a necessidade de favorecer um serviço de convivência entre grupos, movimentos e comunidades para fortalecer os vínculos afetivos em prol do anúncio alegre do Evangelho.

Para ser testemunho da alegria em meio às tribulações e conflitos de nossa época, é válido considerar a capacidade de senso de humor, pois, o nosso testemunho fica refém de um semblante taciturno, que facilmente se torna pesado, como salienta Mendonça, para quem a Sagrada Escritura é uma espécie de gramática do humor de Deus (2013, p. 147).

Como não propagar o Evangelho da Alegria de forma dinâmica e jubilosa? Pois a revelação de Deus é um projeto de júbilo para todos. Para ser um testemunho alegre, há que despertar o senso de humor impresso na condição humana e mais ainda, na dimensão cristã. Por conseguinte, o cristão na sua identidade, deveria carregar o estatuto da alegria, aquela alegria que é fruto do Espírito Santo.

Não seria o humor[10] uma espécie de interface para driblar os momentos desagradáveis da convivência social? Afinal de contas, Deus ri de nossas teimosias, dos nossos obstáculos, transformando aquilo que nos parecia coisas intransponíveis! O humor de Deus acompanha a nossa vida (Mendonça, 2013, p. 153). É preciso desencadear um processo de conversão pelas vias do humor. O humor abre espaço na nossa vida para as surpresas de Deus. Como dar significado ao senso de humor como abertura para um aprofundamento da alegria na vida cristã, pautada no evangelho da alegria?

O sociólogo Peter Berger faz uma inferência importante sobre o cômico que no seu aspecto subjetivo pode ser chamado de humor, como um sinal de transcendência maior para se alcançar a alegria:

10 Não se pretende neste trabalho, aprofundar a reflexão sobre o sentido do humor como uma prerrogativa para alcançar a alegria nas relações, mas apontar como um caminho possível para driblar as adversidades.

> No linguajar comum, fala-se de "riso redentor". Qualquer piada pode provocar tal riso e ele pode ser redentor, no sentido de tornar a vida mais fácil de suportar, ainda que momentaneamente. Na perspectiva da fé religiosa, no entanto, há nessa experiência transitória uma intuição, um sinal de redenção verdadeira, isto é, de um mundo renovado, no qual as misérias da condição humana foram abolidas (2017, p. 340-341).

Nesse sentido o humor pode ser visto como uma metáfora da alegria. Uma pessoa bem-humorada é capaz de levar a vida com mais leveza, portanto, o riso e a alegria fazem parte do humor, e estes por sua vez, fazem parte da vida simples e descomplicada. Nessa lógica, Mendonça afirma que falar do humor de Deus na Bíblia, ilumina a nossa condição de *homo ludens* e *homo festivus*. O lúdico, o humor, o jogo abrem portas novas dentro de nós! (2013, p. 157). São dimensões importantes para vencer as doenças mortais de nosso século, tais quais a angústia, a ansiedade e todo tipo de transtornos mentais e neurológicos que põem em risco a saúde mental das gerações atuais.

Neste sentido, faz-se necessário adquirir a capacidade de se deixar humanizar pelo tempero do humor. Somos demasiados sérios e soturnos. O humor desbloqueia a história e os impasses da evolução humana. Paradoxalmente, o resgate acontece não apenas pelo sofrimento, pelo combate armado, mas também pela via da alegria.

Numa perspectiva pragmática, arrisca-se falar do humor profético quando se refere a Jesus. O humor se encontra presente na linguagem de Jesus e em suas atividades. Certamente na convivência com os discípulos e em seus ensinamentos, Jesus utilizava uma linguagem cheia de autoridade, mas também, com um senso de humor característico de sua época e da tradição judaica. O bom humor seria essa condição psicológica e neurológica necessária para driblar as situações estressantes?

Francisco retoma os trechos do Evangelho onde Jesus insiste no convite a alegrar-se, "pois o próprio Jesus exultou no Espírito Santo (Lc 10,21). Quando ele passava, a multidão inteira se alegrava (Lc 13,17). Depois de sua ressurreição, aonde chegavam os discípulos, havia grande alegria (At 8,8).

Jesus assegurou-nos: “chorareis e lamentareis, mas o mundo se alegrará. Ficareis tristes, mas a vossa tristeza se transformará em alegria!” (Jo 16,20).

Testemunhar a alegria é reconhecer que existem momentos difíceis, tempos de cruz e que estes nunca vão deixar de existir, portanto, nada poderá destruir a alegria sobrenatural, que se “adapta e transforma sempre pelo menos como um feixe de luz que nasce da certeza pessoal de, não obstante o contrário, sermos infinitamente amados” (EG, n. 6). “Eu vos disse isso, para que a minha alegria esteja em vós, e a vossa alegria seja completa” (Jo 15,11).

O Pontífice também recorda que a alegria cristã é sempre acompanhada do senso de humor. E traz à memória o senso de humor identificado em Tomás Moro, São Vicente de Paulo e Felipe Néri. O senso de humor seria uma característica singular dos santos, aqueles homens e mulheres que conseguiram uma união tão íntima com o Senhor, que servi-lo em qualquer circunstância era motivo de grande alegria. Testemunhavam esse amor que transbordava em alegria. De algum modo,

> o mau humor não é sinal de santidade: tira a angústia do teu coração e afasta o mal do teu corpo (Ecl 11,10). É tanto o que recebemos do Senhor para nosso bom uso (1Tm 6,17), que às vezes a tristeza tem a ver com a ingratidão, com estar tão fechados em nós mesmos que nos tornamos incapazes de reconhecer os dons de Deus (GE, n. 126).

Como o apóstolo Paulo compreende que, em cada situação, deve-se manter um espírito flexível e maleável: “aprendi a adaptar-me em qualquer situação (Fl 4,11). A alegria, portanto, é concebida como “bênção da redenção” (Berger, 2017). Aprende-se a alegria, ao saber utilizar um estratagema argumentativo para entrar no jogo, na dinâmica do humor para descobrir a riqueza da alegria escondida nas agruras da vida. Como sublinha Soren Kierkegaard, um teólogo moderno, “o humor é também a alegria que superou o mundo” (Kierkegaard, *apud* Berger, 2017).

A alegria profética também estava presente na pessoa de Dom Helder Câmara ao exortar seus contemporâneos: “mesmo que teu coração esteja triste recorda o que de belo, e de grande, e feliz a vida encerra, e canta. Se-

meia alegria e verá como Deus te haverá de sorrir" (Câmara 1959, p. 3.233). Essa alegria da santidade habitava Francisco de Assis que na sua imensa simplicidade era capaz de se encher de gratidão perante um pedaço de pão duro, ou de louvar, feliz, a Deus só pela brisa que acariciava o seu rosto (GE, n. 127).

Para Francisco, o Papa, "amor fraterno multiplica a nossa capacidade de alegria, por que nos torna capazes de rejubilar com o bem dos outros:" Alegrai-vos com os que se alegram" (Rm 12,15). "Alegramo-nos todas às vezes que somos fracos, e vós fortes" (2Cor 13,9). Ao contrário, concentrando-nos sobretudo nas nossas próprias necessidades, condenando-nos a viver com pouca alegria (GE, n. 128).

No ambiente pastoral os desafios são diversos em matéria de testemunho da alegria. O rosto dos evangelizadores muitas vezes não revela essa alegria sinalizada por Francisco. A pastoral eclesial se torna burocrática e clericalista, se distanciando das periferias existenciais de nosso tempo.

3.3.2Desafios pastorais à vivência da alegria

Testemunhar, transmitir ou mesmo anunciar o Evangelho da alegria é sempre um imperativo para todo evangelizador e discípulo de Jesus. Mas ao mesmo tempo, que é um imperativo, torna-se um grande desafio diante de uma cultura consumista e desprovida de valores como a fraternidade, a equidade e a justiça.

É como se uma distopia do mundo tecnológico precisasse de validação para transformar o mundo ou o planeta em produtos de alta tecnologia como as famosas "hightechs". Constata-se que esse avanço nos campos da ciência não trouxe mais alegria para o ser humano, pelo contrário, gerou uma sociedade do desempenho, do cansaço e da exaustão. Por outro lado, uma utopia do mundo digital com a cultura da permissividade, oferece ao ser humano a possibilidade de ficar livre para aproveitar a vida, sem se importar com as responsabilidades que uma vida em grupo encerra. Esse é o cenário já demonstrado no início deste trabalho.

O desafio que se impõe para a vivência da alegria nessa configuração de mundo é a tensão entre o que humaniza (proposta da alegria do Evangelho) e o que desumaniza (proposta de uma cultura consumista). O dever da memória e a consciência histórica se impõe nesse processo de vivência da alegria do evangelho. A geração anciã de nosso tempo pode trazer à memória presente e fazer recordar, emergindo do coração, acontecimentos que fazem parte de uma trajetória de vida, de uma sociedade, de um sistema familiar etc. para que as gerações futuras sejam preparadas para enfrentar com coragem o mundo que se descortina a sua frente. As memórias guardam um somatório de acontecimentos que moldam uma cultura, uma subjetividade, um comportamento, um pensamento.

Fazer a memória de algo que aconteceu no passado, traz luz para olhar o que acontece no presente com mais criticidade. Não se pode esquecer os bombardeios atômicos de Hiroshima e Nagasaki no século passado e atualmente, os bombardeios da Rússia sobre a Ucrânia, assim como de Israel em Gaza, dizimando milhões de pessoas inocentes, inclusive, crianças e idosos.

Na Encíclica, Fratelli Tutti, Francisco menciona que "não podemos permitir que a geração atual e as novas gerações percam a memória do que aconteceu, aquela memória que é garantia e estímulo para construir um futuro mais justo e fraterno" (FT, n. 248)[11]. Este é um grande desafio para a vivência da alegria nos tempos atuais: a irracionalidade da razão humana na produção dos horrores das guerras. Sob esse aspecto, lembra Francisco que a alegria está sentada sobre a solidez da memória. O resgate das maravilhas que o Senhor fez por nós, regenera nossa capacidade de viver. Portanto, memória e esperança são elementos que permitem aos cristãos experimentarem na alegria um misto de paz e confiança (FT, n. 249).

Ainda nas beiradas da Fratelli Tutti, Francisco, lembra que é importante não somente "fazer a memória dos horrores, mas também a recordação

11 FT, abreviação de *Fratelli Tuttti*. Carta Encíclica do Papa Francisco sobre A fraternidade e amizade social.

daqueles que, em meio a um contexto envenenado e corrupto, foram capazes de recuperar a dignidade e, com pequenos ou grandes gestos, optaram pela solidariedade, o perdão, a fraternidade" (FT, n. 249).

Quando se fala em alegria, não é uma "alegria consumista e individualista, muito presente em algumas experiências culturais de hoje (GE, n. 128) mas uma alegria que enche o coração e ilumina o semblante, contagiando todos que estão por perto. É uma alegria da ordem do deslumbramento diante das maravilhas da vida. Ou seja, "aquela alegria que se vive em comunhão, que se partilha e comunica, por que há mais felicidade em dar do que em receber (At 20,35) e Deus ama quem dá com alegria" (2Cor 9,7). Neste sentido, Pe. Alfredinho partilha sua experiência de experimentar a alegria, entre os pobres da Irmandade do Servo Sofredor:

> Quanto mais você se aproxima dos pobres, mais você descobre uma alegria profunda, uma alegria daquelas que não tem nada de superficial. É a alegria daqueles que vivem em harmonia com Deus, assumindo sua própria situação. Ela não nos leva a cruzar os braços, à passividade, mas a lutar contra a injustiça. (Alfredinho *Apud* Bavarel; Silva, 2014, p. 216).

O Deus dos cristãos é comunhão trinitária, um Deus comunidade. Um Deus que se revela na comunicação. Portanto, a linguagem utilizada na relação uns com os outros é a linguagem do amor-caridade. O desafio proposto é anunciar um Deus apaixonado, que abraça a humanidade no seu sofrimento e a faz superar o maior medo do ser humano: a morte.

O anúncio alegre da ressurreição é um sinal de uma comunidade ressuscitada, experimentada na dor e no sofrimento, assim como o seu Mestre. Como promessa escatológica, a ressureição é o riso de Deus que escancara a supremacia de sua bondade e misericórdia, fazendo desaparecer o grito de horror diante do vazio da existência humana.

Para Bavarel e Silva, uma pobreza autêntica pode se revelar como uma condição de alegria, não de forma completa, mas necessária para suportar as agruras da condição humana. Essa alegria floresce, sobretudo, quando a au-

toestima dos pobres é conquistada, o sofrimento superado e a luta coletiva dos outros sofredores através da não violência, se torna uma causa comum (2014, p. 222).

Em vista da conquista de uma alegria que nasce do engajamento em prol do bem dos sofredores deste mundo, faz-se urgente desenvolver uma pastoral que alimente a alegria da ressurreição, como a maior novidade da vida cristã perante os dissabores de uma cultura de morte. Na esteira dessa reflexão, pondera Sérgio Damião:

> No encontro com o Deus que mergulha no mais fundo da experiência humana com todas as suas alegrias, contradições e tristezas, descobre-se que será exatamente na própria criaturalidade, da qual muitas vezes se tenta escapar, que se localiza o lugar primordial para a realização da mais intensa vocação humana: ser feliz" (2022, p. 180).

E ninguém pode ser feliz sem experimentar as alegrias de uma vida doada em prol dos outros. Numa perspectiva hedônica, a humanidade caminha para um verdadeiro abismo existencial. Na busca vertiginosa pelos prazeres e propostas solipsistas, satisfação pessoal e consumo narcisista, o ser humano encontra angústia e depressão produzindo uma vida sem sentido. Faz-se urgente uma virada de chave, uma mudança de olhar que ultrapasse o fechamento de si, a indiferença ao sofrimento do outro para enfim, tocar a humanidade que sofre, mas que encontra no arcabouço de suas mazelas, um alento para dar lugar à alegria que vem depois da superação.

Conforme o testemunho de Lytta Basset[12], a superação do mal sofrido e do sofrimento abre a possibilidade de um processo de libertação que conduz à alegria. Cristo fala de uma alegria perfeita, que não provém da decisão humana, mas é oriunda D'ele mesmo. Cabe a cada indivíduo encarar os obstáculos que se interpõem à alegria buscada e assumi-lo com coragem (Bavarel; Silva, 2014, p. 218).

Alcançar uma "alegria perfeita" nos moldes da cultura contemporânea se impõe como um grande desafio. Francisco de Assis, um homem do século

12 Teóloga protestante, autora da Obra *La joie imprenable* (A alegria que nada nem ninguém pode retirar de nós).

XIII, experimentou esse nível de alegria. Uma alegria que perpassa toda a sua trajetória de vida e missão, por causa do Cristo. No hoje da história, Francisco de Assis provoca homens e mulheres a encontrar sentido nessa forma de alegrar-se. De que maneira as pessoas podem vivenciar a perfeita alegria de Francisco de Assis?

3.3.3 Da perfeita alegria de Francisco de Assis a Francisco, o Papa da Alegria

A alegria é uma virtude itinerante e peregrina. Não se encerra num quadro conceitual de definições e abstrações da mente. Até aqui, as reflexões acerca da alegria nos conduzem para uma descoberta simples: a verdadeira alegria não nasce de um estímulo exterior, mas de um processo de intimidade e comunhão com Deus, com os outros e com a circunvizinhança. Contribuindo nessa lógica, o místico suíço Maurice Zundel[13] afirma com notável radicalidade:

> a alegria de Deus é a alegria do dom total, a alegria daquele que não tem nada para guardar, a alegria daquele que não pode possuir nada, a alegria daquele que é totalmente vazio de si, a alegria daquele cujo conhecimento e amor são um estado de eterna comunicação e de eterna desapropriação (Zundel Apud Bavarel; Silva, 2014, p. 222).

Pode-se afirmar que a Carta aos Filipenses, oferece um caminho com vários pontos de inflexões para chegar à alegria. O convite se estende a toda a comunidade. “Alegrai-vos, no Senhor! Repito: Alegrai-vos!” (Fl 4,10) Esse convite à alegria não significa que a tristeza, as aflições, e perseguições serão eliminadas da comunidade. A alegria paulina é determinada pela união com Cristo. É oriunda da experiência de fé da comunidade. Essa alegria não passa somente pela dimensão pessoal, individual, ela ultrapassa os muros da comunidade. Deve ser anunciada a plenos pulmões e testemunhada com a vida. Isto significa que experimentar a alegria do Ressuscitado, como Paulo o

13 Teólogo e místico suíço falecido em 1975.

fez, é compreender que colocar o Cristo no centro da vida é uma escolha que conduz ao serviço desinteressado; é como um testamento de qualidade da vida cristã. Renuncia-se à vanglória, à falsa humildade, adotando uma alegria de viver da qual ninguém pode se envergonhar. Mantendo os pés firmes no chão da realidade, unidos na luta pela fé (Mela, 2020).

Além do apóstolo Paulo na sua experiência da alegria, outra figura inspiradora na vivência da alegria como condição de vida é Francisco de Assis (1182-1226), o pobre de Assis. Todavia, que sentido tem para o mundo contemporâneo, com suas tecnologias de ponta e avanço implacável da Inteligência Artificial, "a perfeita alegria de Francisco"?[14] O texto é emblemático, entretanto, sugere um estilo de vida totalmente desapegado de si. Aos olhos do mundo hodierno é uma proposta radical de viver a alegria frente às intempéries da vida. Todos admiram; são poucos, porém os que se aventuram por esse caminho radical de abnegação e domínio de si mesmos. Eis o extrato do diálogo de irmão Francisco com o irmão Leão, quando aquele dialoga com este sobre o significado da perfeita alegria:

> [...] E não nos abrir e deixar-nos estar ao tempo, à neve e à chuva, com frio e fome até à noite: então, se suportarmos tal injúria e tal crueldade, tantos maus tratos, prazenteiramente, sem nos perturbarmos e sem murmurarmos contra ele (...) escreve que nisso está a perfeita alegria.[...] E sair com um bastão nodoso e nos agarrar pelo capuz e nos atirar ao chão e nos arrastar pela neve e nos bater com o pau de nó em nó: Se nós suportarmos todas estas coisas pacientemente e com alegria, pensando nos sofrimentos de Cristo bendito, as quais devemos suportar por seu amor: Ó irmão Leão, escreve que aí e nisso está a perfeita alegria, e ouve, pois, a conclusão, irmão Leão. *Acima de todas as graças e de todos os dons do Espírito Santo, os quais Cristo concede aos amigos, está o de vencer-se a si mesmo, e, voluntariamente, pelo amor, suportar trabalhos, injúrias, opróbrios e desprezos* (grifo nosso).

Que alegria é essa? Onde ela está? Irmão Francisco ensina que a perfeita alegria está na capacidade de vencer-se a si mesmo. Suportar a falta de gentileza, os desafetos, os desacordos, enfim, as adversidades humanas,

14 Perfeita Alegria. Disponível em: https://pt.aleteia.org/2017/01/01/sao-francisco-de-assis-explica-a-perfeita-alegria/ acessado dia 25/08/2025.

sendo superior a si mesmo. Ficar livre diante de tudo isso. Esse é o caminho para a perfeita alegria. Mas também, pode-se intuir que essa alegria não vem somente pelo esforço humano, vem da graça divina e é dom do Espírito Santo. O fruto do Espírito é amor, alegria e paz (Gl 5,22).

De certa forma, o ensinamento de Paulo se encontra com o ensinamento do pobre de Assis, mesmo que experimentados em mundos diferentes, quanto à distância de tempo e de espaço. A alegria na boca de Paulo, torna-se um discurso eloquente porque foi provada na experiência de sua própria vida e missão na propagação do Evangelho.

Paulo tatuou à sua própria carne com a paixão do Senhor. Francisco de Assis também experimentou a paixão de Jesus em sua própria carne, recebendo como dom divino as santas chagas. Para ele, a perfeita alegria está em suportar todo sofrimento deste mundo, por amor aos irmãos e para além disso, por amor a Cristo Jesus. Logo, a percepção de que a cruz está relacionada à alegria é bastante evidente. Porém, "não se trata de dissimular, de fingir, mas, respeitando a dor, o cansaço, desgostos, desesperos, superar tudo isso; transformar, na vida cotidiana, o rosto do sofrimento em rosto de beleza e de alegria (Bavarel; Silva, 2014, p. 222).

O século XXI conheceu outro Francisco, o papa argentino, que deixou para a geração atual um testamento da alegria no Senhor. De modo incansável e contundente anunciou o Evangelho da alegria a todos os povos. Na sua primeira publicação apostólica, a exortação *Evangelii Gaudium* (2013), Francisco exorta todos os cristãos a seguir em direção a uma nova etapa de evangelização, marcada pela alegria ao proferir que a "Alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus [...] Com Jesus Cristo, renasce sem cessar a alegria. (EG, n. 1). Para anunciar com coragem, faz-se necessário "voltar às fontes e recuperar o frescor original do Evangelho".

Francisco, na segunda exortação apostólica que levou o título de *Gaudete et Exsultate* (2018), reitera o convite à alegria com a expressão matea-

na, “Alegrai-vos e exultai” (Mt 5,12), colocada na boca de Jesus ao se dirigir àqueles que são perseguidos ou humilhados por causa dele. “O Senhor pede tudo e, em troca, oferece a vida verdadeira, a felicidade para a qual fomos criados” (GE, n. 1). Nesta carta, ressalta que a essência da vida cristã é a alegria no Senhor. E o caminho de santidade se dá na capacidade de viver com alegria e senso de humor.

Mas é na Encíclica social, publicada em 2020, intitulada *Fratelli Tutti,* que o bispo de Roma menciona o poder da inspiração de São Francisco sobre ele, quando fala nestes termos:

> esse Santo do amor fraterno, da simplicidade e da alegria, que me inspirou a escrever a Encíclica *Laudato Si',* volta a inspirar-me para dedicar esta nova Encíclica à fraternidade e à amizade social [...] São Francisco, que se sentia irmão do sol, do mar e do vento, sentia-se ainda mais unido aos que eram de sua própria carne. Semeou paz por toda a parte e andou junto dos pobres, abandonados, doentes, descartados, enfim, dos últimos (FT, n. 2).

Para Francisco, ser cristão é carregar a alegria no Espírito Santo, pois é do amor de caridade que segue primordialmente a alegria que se desdobra no serviço ao Senhor. A experiência de gratuidade se dá como consequência nas abas da caridade e a caridade gera a alegria no espírito humano. Com base na experiência de Paulo, de Francisco de Assis e do Papa Francisco, a ação pastoral e evangelizadora deve se despojar de todo aparato e engrenagens de segurança, para seguir a intuição do Espírito de Deus.

Na leveza das relações comunitárias e sociais, supera-se todos os conflitos com uma dose de humor e alegria. Pois seguir e testemunhar o Cristo de Deus, neste século de relações virtuais e digitais, supõe uma dose caprichada de humor, aprendendo com os pobres a alegria verdadeira.

Com ternura e vigor, deve-se anunciar o evangelho da alegria em um mundo que vive sem graça, ou seja, na des-graça, pela ausência da alegria e preso a mecanismos sistêmicos que geram tristeza e desolação entre as pessoas. Torna-se imperativo fazer ecoar os rumores do evangelho experimen-

tado na vida e na realidade de cada um, percebendo que graça e alegria são o resultado da equação do Reino de Deus, testemunhado à luz da Palavra de Deus encarnada nos acontecimentos que fazem parte da existência humana. Os bispos reunidos em Aparecida assinalam o sentido da alegria encarnado na dimensão de ser discípulos(as) e missionários (as) de Jesus Cristo afirmando que:

> a alegria do discípulo é antídoto frente a um mundo atemorizado pelo futuro e oprimido pela violência e pelo ódio. A alegria do discípulo não é um sentimento de bem-estar egoísta, mas uma certeza que brota da fé, que serena o coração e capacita para anunciar a boa nova do amor de Deus (DAp, 2007, p. 24).

Como traduzir em gestos concretos, os acenos apontados acima na pretensão de experimentar essa alegria que nasce do encontro pessoal e verdadeiro com o Cristo? De acordo com os enunciados sobre a alegria já fomentados ao longo desta elaboração, propõe-se algumas pistas concretas que podem favorecer a vivência da alegria cristã na dimensão familiar, no trabalho, na pastoral e na vida em sociedade. Essa alegria que se manifesta sempre que a fé se torna experiência de encontro consigo, com Deus e com os outros e por fim, com a comunidade.

A alegria pode ser experimentada nos contextos fundamentais do apostolado leigo: a família, o trabalho e a sociedade. É consenso que a família constitui o primeiro e decisivo espaço de formação humana e cristã. Logo, a vivência da alegria na família envolve práticas de gratuidade, ternura e cuidado mútuo, que produzem um ambiente de confiança e pertença, pois a "alegria do amor que se vive nas famílias é também o júbilo da Igreja" (AL, n. 1)[15]. A família é o lugar onde a alegria cristã se torna mais visível e mais desafiadora.

Considerando a estrutura de vida na sociedade contemporânea, como vivenciar a alegria na família? Propõe-se algumas pistas inspiradas em Fran-

15 AL, abreviação para *Amoris Laetitia*. Exortação Apostólica Pós-Sinodal do Papa Francisco sobre o Amor na Família.

cisco na exortação pós-sinodal "*Amoris Laetitia*" (2016): cultivar a gratuidade, exercitar o perdão; nutrir uma espiritualidade doméstica, alegrando-se como os outros, celebrando a dinâmica do cotidiano e educando para a esperança diante de uma visão pessimista de mundo (AL, n. 105-110).

A vivência da alegria no aspecto profissional é uma expressão da missão no mundo do trabalho. Decerto, que o trabalho ocupa parcela significativa da vida adulta e constitui um dos principais lugares onde se realiza a vocação laical. Na tradição cristã, o trabalhador participa da obra criadora e redentora de Deus, conferindo-lhe dignidade ética e espiritual.

A alegria no contexto laboral se manifesta quando o indivíduo percebe o trabalho como uma vocação e serviço ao bem comum. Tal alegria se expressa mediante a responsabilidade profissional, na busca pela excelência, na honestidade e no compromisso ético, dimensões que, quando vividas integralmente, tornam-se sinais visíveis da fé no ambiente social e que, portanto, deveria ter sempre o verdadeiro objetivo de consentir uma vida digna a todos através do trabalho (FT, n. 162).

Por fim, a alegria na vida social sugere um compromisso com o bem comum, pois a dimensão social do apostolado leigo se fundamenta na vocação de transformar as estruturas do mundo à luz do Evangelho. A alegria aliada ao amor social "é uma força capaz de suscitar novas vias para enfrentar os problemas do mundo de hoje[..]" (FT, n. 183). Nesse cenário, a alegria assume caráter social e político, manifestando-se como esperança ativa e compromisso com o bem comum. Essa alegria se expressa na promoção do diálogo em contextos marcados pela polarização, na recusa às narrativas de violência simbólica e na construção de uma cultura do respeito.

No aspecto da vida pastoral, visualiza-se quatro dimensões nas quais a alegria pode ser experimentada de maneira concreta, subsidiada pelos agentes de pastorais e suas lideranças ministeriais. A primeira dimensão pastoral na qual a alegria pode ser experimentada através de atitudes e práticas é no ministério da Catequese, através do projeto de formação, ação e espi-

ritualidade. Evocando a alegria de ser discípulo missionário para anunciar o Evangelho, três ações práticas podem favorecer a vivência da alegria na comunidade:

a) Reinventar ambientes acolhedores e participativos, onde a fé seja transmitida com entusiasmo, criatividade e esperança;
b) Aprofundar com simplicidade a beleza do testemunho dos santos e santas de ontem e de hoje, como pessoas que irradiam alegria no seguimento de Jesus;
c) Fomentar a partilha de vida, as experiências do encontro pessoal com Jesus, proporcionando a cada pessoa a percepção da alegria de ser amada e chamada ao serviço da comunidade

No âmbito da celebração, o espaço onde as pessoas procuram vivenciar a alegria de servir, de proclamar e testemunhar o amor de Deus é no ambiente da assembleia litúrgica. É possível criar um espaço celebrativo que promova a alegria de celebrar o Cristo Crucificado Ressuscitado, expressando a beleza e a transmissão da alegria pascal.

a) Valorizando os momentos de ação de graças e louvor, evidenciando a celebração Eucarística como fonte e ápice da alegria cristã;
b) Preparando homilias e preces como expressão da esperança, confiança e gratidão ao Deus que caminha com o povo e se compadece de suas dores. A assembleia litúrgica seja uma expressão das alegrias do Senhor Ressuscitado;
c) Oportunizando aos comunitários o exercício da participação ativa nas celebrações que têm profunda ligação com o ritmo da caminhada da comunidade nas suas vivências cotidianas.

Em face de uma cultura digital e uma vida social repleta de permissividades, as pessoas sentem-se desafiadas pelas demandas cotidianas que as deixam exaustas emocionalmente. Com o advento pandêmico da Co-

vid-19, muitas pessoas adquiriram ansiedade, e outras doenças neurológica e mentais, tornando-se frágeis em seus relacionamentos, necessitando de um acompanhamento personalizado para redescobrirem a alegria de existir novamente. Expõe-se aqui, três acenos para o cuidado com essas pessoas, a fim de que redescubram a alegria em meio às tribulações e doenças:

a) Orientar as pessoas a identificarem as pequenas alegrias, como sinais da presença de Deus da vida no cotidiano;
b) Acompanhar e incentivar a prática da oração e meditação através do testemunho dos santos que experimentaram a alegria em vida, por seguir o Cristo, como por exemplo: São Felipe Nery, São Francisco e outros já mencionados pelo Papa Francisco;
c) Aprofundar o discernimento espiritual, como forma de identificar os frutos do Espírito como alegria, paz, mansidão, como sinais de consolação em um mundo repleto de turbulências e confusões.

E finalmente, um espaço que ajuda a compreender que a alegria cristã não pode ficar somente no nível teórico e metafísico, mas se traduz em gestos, atitudes e experiências marcadamente concretas, são as redes de solidariedade criadas para que o ser humano nunca esqueça de "que é dando que se recebe" e "há mais alegria em dar do que em receber". Sugere-se minimamente três ações possíveis de serem desenvolvidas no âmbito de uma pastoral social:

a) Promover ações de solidariedade entre as pessoas para que seja testemunhado a alegria da partilha, da fraternidade e do encontro;
b) Desenvolver a vivência do voluntariado como sinal de doação e expressão concreta da caridade que gera a alegria tanto para quem doa quanto para quem recebe;
c) Celebrar as transformações sociais e as lutas pelos direitos humanos, as conquistas comunitárias com espírito de gratidão, perdão e festa, fortalecendo os vínculos de comunhão entre os convivas.

Este espaço de elaboração não é suficiente para explorar o tema da alegria em toda a sua abrangência e relevância na interface da vida contemporânea. Não se tem pretensão de expor todos os espaços onde a alegria perpassa como um fio invisível que enlaça as dimensões da existência humana. Onde o ser humano se encontra há festa, há luto, há luta e sonhos de uma vida que prospera.

A alegria como uma menina sapeca coexiste com a dor, o sofrimento e a tristeza. Encontra-se inserida na música, nas expressões culturais, na arte, nos ritos de convivência social e nos ritos religiosos, manifestando seus disfarces numa aposta de fé na vida com Cristo e, portanto, de coexistência natural nas contingências humanas.

3.4 SÍNTESE DO CAPÍTULO

As reflexões desenvolvidas ao longo deste capítulo evidenciam que a hermenêutica teológico-pastoral da alegria exige uma articulação constante entre diagnóstico da realidade, fundamentação teológica e prática pastoral. Ao integrar esses níveis, a alegria cristã se revela como experiência possível e significativa mesmo em contextos marcados por adversidade, oferecendo pistas para uma vivência da fé que seja, ao mesmo tempo, crítica, esperançosa e comprometida com a realidade.

CONSIDERAÇOES FINAIS

A presente dissertação teve como objetivo analisar a experiência cristã da alegria à luz da Carta aos Filipenses, em diálogo com os desafios da realidade contemporânea marcada por profundas adversidades e por intensas mutações tecnológicas. Partindo da constatação de que a alegria cristã é frequentemente tensionada por contextos históricos caracterizados pelo sofrimento, pela instabilidade e pela fragmentação das relações humanas, a pesquisa buscou investigar de que modo a teologia paulina da alegria pode ser compreendida e hermeneuticamente atualizada no cenário atual, sem perder sua densidade bíblica, teológica e pastoral.

Nesse sentido, o primeiro capítulo dedicou-se à realização de um diagnóstico reflexivo da realidade contemporânea, compreendida como uma "realidade em mutação". A análise sociocultural, apoiada sobretudo nas contribuições de Zygmunt Bauman, Paula Sibilia e Byung-Chul Han, evidenciou um contexto marcado pela aceleração tecnológica, pela liquidez das relações sociais, pela fragilização dos vínculos comunitários e pelo predomínio de uma lógica de desempenho que incide diretamente sobre a subjetividade humana. Tal diagnóstico permitiu identificar desafios concretos à experiência da alegria, frequentemente substituída por estados de cansaço, ansiedade e esgotamento, o que reforça a pertinência da pergunta que atravessa esta pesquisa: ainda é possível experimentar alegria em contextos marcados por adversidade e instabilidade?

À luz desse diagnóstico, o segundo capítulo concentrou-se na análise da alegria na Carta aos Filipenses, adotando uma abordagem semântico-teológica. A investigação do contexto histórico da comunidade de Filipos, do vínculo entre Paulo e seus destinatários e da situação de sofrimento que permeia a epístola permitiu evidenciar que a alegria ocupa um lugar central no discurso paulino, ainda que não se configure como um tratado sistemático. Ao contrário, a alegria emerge como uma categoria teológica vivida e

testemunhada, articulada intrinsecamente à experiência do sofrimento, da comunhão e da esperança em Cristo. A análise mostrou que, no horizonte paulino, a alegria não depende de circunstâncias externas favoráveis, mas se afirma como dom do Espírito e expressão de uma confiança radical em Cristo, capaz de sustentar a vida cristã mesmo em situações adversas.

Essa compreensão da alegria, enraizada na experiência concreta de Paulo e da comunidade de Filipos, revelou-se particularmente fecunda para o diálogo com os desafios contemporâneos identificados no primeiro capítulo. Sem estabelecer paralelos simplistas entre contextos históricos distintos, a pesquisa evidenciou que a teologia paulina da alegria oferece elementos hermenêuticos relevantes para pensar a experiência cristã em tempos de crise, instabilidade e mutação cultural. A alegria, longe de ser uma negação do sofrimento, apresenta-se como uma forma de resistência teológica e existencial, sustentada pela comunhão com Cristo e pela pertença comunitária.

No terceiro capítulo, a partir da síntese entre o diagnóstico da realidade contemporânea e a análise bíblico-teológica da alegria em Filipenses, a pesquisa desenvolveu uma hermenêutica teológico-pastoral da alegria. Essa hermenêutica procurou evidenciar que a alegria cristã possui uma dimensão pastoral e missionária, configurando-se como linguagem significativa para o anúncio do Evangelho no mundo atual. Inspirada tanto na experiência paulina quanto em documentos do magistério, como *Gaudete in Domino* e *Evangelii Gaudium*, a reflexão pastoral destacou a centralidade da alegria no mistério pascal de Cristo e sua relevância para a vida pessoal e comunitária da Igreja.

Ao longo do percurso, tornou-se claro que a alegria cristã não pode ser compreendida como um sentimento superficial ou como mera disposição psicológica, mas como uma experiência teológica profundamente enraizada na fé pascal. Trata-se de uma alegria que se constrói na relação com Cristo, se sustenta na comunhão e se manifesta como esperança ativa em meio às contradições da história. Nesse sentido, a mimese paulina, entendida como participação na dinâmica pascal de Cristo, revelou-se um eixo fundamental

para pensar a alegria como experiência possível e significativa mesmo em contextos de adversidade.

A pesquisa permitiu, assim, alcançar os objetivos propostos, ao articular o diagnóstico da realidade contemporânea, a análise teológica da alegria na Carta aos Filipenses e a identificação de pistas teológico-pastorais para a vivência da alegria cristã no tempo presente. Como contribuição principal, o estudo oferece uma leitura integrada entre Bíblia, teologia e realidade histórica, mostrando que a alegria do Evangelho permanece uma fonte de sentido, força comunitária e horizonte de esperança, mesmo em um mundo marcado por rápidas transformações tecnológicas, sociais e culturais.

Por fim, reconhece-se que esta dissertação não esgota a complexidade do tema da alegria cristã nem as múltiplas questões suscitadas pela realidade contemporânea. Ao contrário, espera-se que as reflexões aqui desenvolvidas possam abrir caminhos para novas investigações, tanto no âmbito da teologia bíblica quanto da teologia pastoral, especialmente no que diz respeito às formas concretas de testemunhar e comunicar a alegria do Evangelho em contextos marcados por sofrimento, fragilidade e mudança contínua. Nesse horizonte, a alegria cristã permanece não apenas como objeto de reflexão teológica, mas como desafio permanente à fé e à práxis da Igreja no mundo atual.

REFERÊNCIAS

ALTER, Adam. **Apocalipse tecnológico** - Aula gratuita com Adam Alter. In: Canal TV 247. Disponível em www.youtube.com/watch?v=9Ge0i19phAw. Acesso em 07/07/ 2024.

ANDRADE, Aila L. Pinheiro de; MIGUEL, Igor da Silva. Tende em vós os mesmos sentimentos de Cristo (Fl 2,5). **Convergência** (CRB), Rio de Janeiro, v. 44, n. 426, p. 676-692, 2009.

BARTH, Gerhard. **A Carta aos Filipenses.** Tradução: Walter O. Schlupp. São Leopoldo: Sinodal, 1983.

BEILNER, W. Alegria. In: BAUER, Johannes B. (Org.). **Dicionário de teologia bíblica**. Tradução de Helmuth Alfredo Simon. v. 1: Abraão-Jesus Cristo. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1979. p. 23-28.

BAUER, Walter. Alegria. In: BAUER, Johannes B. **Dicionário bíblico-teológico.** Tradução de Fredericus Atonius Stein. São Paulo: Loyola, 2000. p. 2-4.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BAVAREL, Michel; SILVA, Nara Rachid**. Se você soubesse a alegria dos pobres**: Fredy Kunz (Pe. Alfredinho). São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora, 2014.

BELLINATO, Guilherme. **Paulo:** cartas e mensagens. São Paulo: Loyola, 1979.

HAVENER, Ivo. Carta aos Filipenses. In: BERGAN, Dianne; KARRIS, J. Robert. (Org). **Comentário bíblico**. 8ª edição. São Paulo: Loyola, 2014.

BERGER, L. Peter. **O riso redentor**: a dimensão cômica da experiência humana; Tradução de Noéli Correia de Melo Sobrinho; Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

BÍBLIA de Jerusalém. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

BIBLIA, TEB. Nova edição, revista e corrigida. São Paulo: Loyola, 1995.

BROWN, Raymond E. **Introdução ao Novo Testamento**. Tradução Paulo F. Valério. São Paulo: Paulinas, 2004.

BROOKS, Katherine. This Is What Modern Life Really Looks Like, According To An Illustrator. Entrevista em The Huffington Post - Free Press. Disponível em: www.huffpost.com/entry/steve-cutts-modern-society-illustrations_n_55e61ea3e4b0aec9f35502e2. Acesso em 29/12/2024.

CENTRO BÍBLICO VERBO. **Alegrai-vos sempre no Senhor**: entendendo a carta aos Filipenses| Vida Pastoral -disponível em https://www.vidapastoral.com.br//artigos/temas-biblicos/alegrai-vos-sempre-no-Senhor-entendendo-a-carta-aos-filipenses/. Acesso 12/02/2025.

CELAM, **Documento de Aparecida**. Texto conclusivo. São Paulo: Edições CNBB; Paulus; Paulinas, 2007.

CHAUÍ, Marilena. **Mundo virtual provoca mutação na sociedade.** CNN Brasil. Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/tecnologia/mundo-virtual-provoca-mutacao-na-sociedade-reflete-filosofa-marilena-chaui. Acesso em 11/11 2024.

COMBLIN, José. **Epístola aos Filipenses**. Comentário Bíblico. 2ª edição. Petrópolis: Vozes; Sinodal, 1992.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, **Constituição Pastoral *Gaudium et Spes***: *sobre a Igreja no mundo de hoje*. *In*: Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II. São Paulo: Paulus, 2001.

CORTEZ, Fe. **Homo integralis**: uma nova história possível para a humanidade. São Paulo: Leya Brasil, 2021.

CRISÓSTOMO, João. **Comentário às cartas de São Paulo**. São Paulo: Paulus, 2013.

DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO. **Mutação**. Disponível em: https://www.dicionarioetimologico.com.br/mutacao. Acesso em: 29 /12/ 2024.

FRANCISCO. **Exortação Apostólica *Laudate Deum***: sobre a crise climática. Disponível em: www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/20231004-laudate-deum.html. Acesso em 14/10/2024.

FRANCISCO. **Meditações matutinas sobre a alegria cristã.** Disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2018/documents/papa-francesco-cotidie_20180528_alegria-crista.pdf Acesso 20/06/2025.

FRANCISCO. **Entrevista: A alegria é sempre um ótimo remédio**. Disponível em: https://youtube.com/shorts/APwey9mZ8QE?si=fdT5GxBsTR3wnEVO. Acessado em 05/07/2025.

FRANCISCO**. Carta Encíclica *Fratelli Tutti*:** sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Paulus, 2020.

FRANCISCO. **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium***: a alegria do Evangelho. Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2013.

FRANCISCO. **Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate***: sobre o chamado à santidade no mundo atual. Brasília: Edições CNBB, 2018.

FRANCISCO. **Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris Laetitia:*** sobre o amor na família. São Paulo: Paulinas, 2016.

FRANCISCO. Audiência Geral de 27 de novembro de 2024 - **Ciclo de Catequese**. O Espírito e a Esposa. O Espírito Santo conduz o povo de Deus ao encontro de Jesus, nossa esperança. 15. Os frutos do Espírito Santo. A Alegria | Francisco. Disponível em https://www.vatican.va/contente/francesco/pt/audience/2024/documents/20241127.udienza-generale.html Acesso: dia 05/04/2025.

FRANCISCO. **A alegria do Espírito**. IHU. Disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2020/documents/papa-francesco-cotidie-20200416-lagioia-dellaspirito.pdf.

FRANCISCO. **Homilias do Papa Francisco**. Estar cheios de alegria. Disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2020/documents/papa-francesco-cotidie_20200416_lagioia-dellospirito.html Acesso: dia 05/04/2025.

GNILKA, Joachim. **A Epístola aos Filipenses**. Tradução; José dos Santos Gonçalves. Petrópolis: Vozes, 1978.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço.** Tradução de Enio Paulo Giachini. 2a. ed. ampliada. Petrópolis: Vozes, 2017.

HAWTHORNE, Gerald F. Carta aos Filipenses. In: HAWTHORNE, Gerald F.; RALPH P. Martin; REID, Daniel G. (Org) **Dicionário de Paulo e suas Cartas**. Tradução de Bárbara Theoto Lambert. São Paulo: Vida Nova; Paulus; Loyola, 2008.

HAVENER, Ivan. Filipenses. In: BERGAN, Dianne; KARRIS, J. Robert. (Org). **Comentário Bíblico**. 8a. ed. São Paulo: Loyola, 2014, p. 253-259.

KING, Pamela Ebstyne; DEFOY Frederic. Alegria como virtude: os meios e fins da alegria. **Journal of Teleological Science**, v. 1, n. 1, p. 117-163, jan/mar 2021, ISSN 2763-6577 Rio de Janeiro, Brasil. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/371317001_ALEGRIA_COMO_VIRTUDE_OS_MEIOS_E_FINS_DA_ALEGRIA acessado dia 07/08/2024.

LAMB, Hilary; LEVY, Joel; QUIGLEY, Claire. **Simples**: inteligência artificial. Tradução Regiane Winarski. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2023.

LÉGASSE, Simon. **A Epístola aos Filipenses e a Epístola a Filemon**. Tradução monjas dominicanas. São Paulo: Paulinas, 1984. Cadernos bíblicos, 30.

MALZONI, Cláudio Vianney. **Em forma de Deus, em forma de escravo**: a propósito da tradução de *Morphe*, -es, em Fl 2,6-7 nas edições da Bíblia o Brasil. Perspectiva Teológica, Belo Horizonte, v. 52, n. 1, p. 143-162, Jan/abr. 2020.

MARTIN, Ralph P. **Filipenses**: Introdução e comentário. Tradução Oswaldo Ramos. -1a. edição. São Paulo: Vida Nova, 1985.

MAZZAROLO, Isidoro. **Carta de Paulo aos Filipenses**. 2a. ed. Rio de Janeiro: Mazzarolo editor, 2011.

MENDONÇA, José Tolentino. **Nenhum caminho será longo**: para uma teologia da amizade. São Paulo: Paulinas, 2013.

NICOLELIS, Miguel. **Como o cérebro reage às mudanças tecnológicas?**

Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=qrm-m7f_dws Acesso em 7/07/ 2024.

OLIVEIRA, Tiago Freitas de. **Os desafios globais para o século XXI** - Software Mata Nativa. Disponível: https://matanativa.com.br/desafios-globais-seculo-xxi/ Acesso em 14/10/2024.

PAULO VI. **Exortação Apostólica *Gaudete in Domino***: sobre a alegria cristã. 4ª ed. São Paulo: Paulinas, 2018.

PAGOLA, Antonio **Uma alegria diferente**. Disponível em: https://ihu.unisinos.br/categorias/42-comentario-do-evangelho/578539-uma-alegria-diferente. Acesso em: 08/07/2024.

PAGOLA, Antonio. **A alegria possível**. Disponível em: https://www.ihu.unisinos.br/categorias/42-comentario-do-evangelho/594955-a-alegria-possivel. Acesso em 02/07/2024.

PITTA, Antonio. **Cartas paulinas.** Tradução Leonardo A.R.T. dos Santos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019. Introdução aos Estudos Bíblicos

QUIROZ, Pedro Aruna. Carta aos Filipenses, In: PADILLA, Reneé C. [et al.]; **Comentário bíblico latino-americano**. tradução Emirson Justino [et al.]. 1a. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2022.

SCHELKLE, Karl Hermann. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução: Antonio Steffen. São Paulo, Loyola, 1997.

SCHÖKEL, Luís Alonso. **Bíblia do Peregrino**. Tradução: J. Bortolini e Ivo Storniolo. 3a. edição. São Paulo: Paulus, 2017.

SIBILIA, Paula. **O homem pós-orgânico**: corpo, subjetividade e tecnologias digitais. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

SIBILIA, Paula. **O homem pós-orgânico**: a alquimia dos corpos e das almas à luz das tecnologias digitais. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.

STROLA, Germana. **Alegria**. In: PENNA Romano; PEREGO, Giacomo; RAVASI, Gianfranco. **Dicionário de temas teológicos da Bíblia**. Tradução Cássio Murilo Dias da Silva [et al]. São Paulo: Loyola; Paulus; Paulinas, 2022.

VOIGT, Emilio. **Graça e alegria entre o vazio e o cheio**: comentário sobre a Carta de Paulo aos Filipenses. São Leopoldo: CEBI, 2009.

VOUGA. François. L'Épître aux Fhilippiens. In: MARGUERAT, Daniel. **Introduction au Nouveau Testament**: Son histoire, son écriture, sa théologie. Genève: Labor et Fides, 2004, p. 229-242.


EDIÇÕES
HUMANITAS